

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Governo tem o espírito aberto a todas as modificações da estrutura administrativa menos às que possam atingir a unidade da Nação e o interesse geral — afirmou o Presidente do Conselho na Assembleia Nacional

gunda sessão de trabalhos da Assembleia Nacional, da quarta sessão legislativa, da sétima legislatura.

Presidiu o conselheiro Albino dos Reis, secretariado pelos drs. Cide Proença e Rodrigues Prata e a sessão foi inteiramente consagrada à campanha anticolonialista que se tem desenvolvido, essencialmente, na O. N. U.

A's 18 horas, foi feita a chamada, estando presentes cerca de uma centena de deputados, incluindo todos os representantes das províncias ultramarinas. Nas bancadas,

estavam, também, os membros da Camara Corporativa.

Nas tribunas, encontravam-se o presidente da Camara Corporativa, os ministros da Presidência, dos Negócios Estrangeiros, do Interior, da Justiça, do Exército, da Marinha, do Ultramar, da Economia, da Educação, das Comunicações, das Corporações, das Finanças, das Obras Publicas e da Saude; os secretários de Estado do Comércio e da Agricultura; os subsecretários de Estado da Aeronáutica, da Administração Ultramarina, do Tesou-

ro, da Industria, da Educação e das Obras Publicas.

Nas galerias, repletas de publico, viam-se grande numero de senhoras. A sala tinha uma iluminação feérica proporcionada pelos projectores do cinema e da televisão.

A's 18 e 15, a sessão foi interrompida, até á chegada do Chefe do Governo, que, cerca de um quarto de hora depois deu entrada na sala. Toda a assistência se ergueu para aclamar demoradamente o Presidente do Conselho. O sr. prof. dr. Oliveira Salazar ocupou então o seu lugar na mesa presidencial, á direita do conselheiro Albino dos Reis. Seguidamente, o Chefe do Governo proferiu o seguinte discurso:

O discurso
do Chefe do Governo

«Tenho seguido com a atenção possível a campanha anticolonialis-

ta em que se pretendeu envolver Portugal e mesmo, para bem operar a divisão das forças adversas, quase só Portugal, em jornais, ma-

nifestos e discursos, incluindo os proferidos em altas assembleias políticas. Não encontrei, porém, nada (Continua na 3.ª página)



O Chefe do Governo falando esta tarde na Assembleia Nacional

3.ª TIRAGEM

Foram já escolhidos

com a colaboração do Município
os locais da cidade para as festas de Natal
promovidas pelo "Diário de Lisboa"

A par das várias iniciativas e realizações em marcha, conjugando-se á volta do «Diário de Lisboa», mercê de tantas e tão entusiásticas e esforçadas dedicações, para que a grande campanha em prol do Natal da gente humilde da cidade tenha a sua maior amplitude, concre-

tiza-se a esquematização dos planos para se objectivar a finalidade deste largo movimento altruista na sua máxima eficiência.

A materialização da ideia humanitária de um Natal em cada bairro, com as possibilidades que lhe permite a expansão deste excep-

cional movimento de solidariedade, estenderá os seus benefícios a toda a população modesta e necessitada da capital, no mesmo ambiente festivo e alegre que se prepara em Lisboa para a grande celebração.

No âmbito da máxima e generosa colaboração da Camara Municipal, incluindo os elementos materiais indispensáveis para êxito da nossa campanha, desenvolvem-se os preparativos e ordena-se toda a pormenorização do vasto plano elaborado. Assim, foram já escolhidos os vinte locais onde, por toda a cidade, serão implantadas as «Árvore do Natal», com a florescência da bondade e a envolvente e fraterna mensagem de simpatia humana, de afectiva generosidade para as famílias pobres e seus filhos.

Abrangendo todos os bairros, fo-

(Continua na página central)

Benfica, 1 - Ujpest, 2

O campeão português apurado
para os quartos de final
da Taça dos Campeões Europeus

BUDAPESTE, 30 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — Com uma temperatura suportável, uns seis graus positivos, sem vento, o Estádio Popular de Budapeste registou uma boa enchente, não obstante a televisão húngara transmitir o encontro, facto que contribuiu para deixar muita gente nos seus lares.

Sob a arbitragem do suíço Gérard Guinnard, as duas equipas alinharam:

UJPEST — Torok; Rajna e Szni; Varhidi, Sovari Borzany; Jagodics.

(Continua na 14.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

28

PÁGINAS

nas quais se inclui

«VIDA LITERÁRIA»
«DA MULHER
E DA CRIANÇA»

Por ser amanhã feriado nacional, estão fechados os nossos escritórios e oficinas, pelo que não se publica o «Diário de Lisboa»

Nota do dia

UM BRINDE

O ministro dos Negócios Estrangeiros reuniu ontem, em torno de Carlos Lacerda, algumas figuras representativas de diversos sectores intelectuais, que admiravam já a envergadura excepcional do fogoso jornalista brasileiro, cuja coragem moral foi posta em relevo, com extrema elegância, no brinde em que o embaixador Marcello Mathias o saudou. Ao agradecer a distinção que lhe fora conferida, Carlos Lacerda exprimiu-se em termos extremamente lisonjeiros para Portugal e para a missão civilizadora que levou a cabo nas cinco partes do Mundo. «Ignorá-la, disse em resumo, seria negar a História, seria negar a própria evidência. Esquecê-la, seria esquecermos de nós próprios, que somos os filhos dilectos dessa civilização». As palavras de Carlos Lacerda, proferidas numa hora particularmente grave para a sobrevivência de Portugal ultramarino, têm tanta mais importância quanto é certo que não falou já o jornalista, cujas responsabilidades são incomparavelmente menores, mas sim o governador-eleito

do Estado de Guanabara, o homem que vai ligar o seu nome a uma nova ciclo da política brasileira, às actividades e às realizações decorrentes do novo mandato presidencial. Honrando em Carlos Lacerda o representante dessa política nova, que há-de conduzir o Brasil — estamos certos disso — a um destino glorioso, o embaixador Marcello Mathias prestou um serviço inestimável à causa da amizade luso-brasileira, contribuindo para definir atitudes e robustecer sentimentos latentes, mas que nem sempre têm ocasião de se exprimir com tanto brilho, com tanta clareza e com tanta sinceridade como no brinde primoroso em que Carlos Lacerda agradeceu a hospitalidade portuguesa.

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

AUMENTA O DESEMPREGO no Brasil

e receia-se

uma «marcha da fome»

RIO DE JANEIRO 30—5000 operários desempregados e 8000 padeiros prestes a declarar-se em greve e encerramento de diversas firmas comerciais, tais são—segundo a imprensa—só na cidade do Rio, os primeiros resultados da entrada em vigor dos novos salários mínimos. Várias casas comerciais, nomeadamente, os fabricantes de móveis e laboratórios, declararam não poder pagar os novos salários e que, para poderem viver, ver-se-ão obrigados a despedir grande parte do pessoal.

Nos outros Estados, a situação é de resto idêntica. As autoridades enviaram, hoje, um apelo ao Governo restando que uma «marcha da fome» venha a realizar-se nas principais cidades, nas semanas mais próximas. Ao mesmo tempo que a miséria ronda em volta da casa dos operários desempregados, afectados pela brusca subida de preços das ultimas semanas.—(F. P.)



As firmas Nacional Rádio, Lda., de Lisboa, e Santos, Guimarães & Oliveira, Lda., do Porto, representantes exclusivos em Portugal das fábricas GRUNDIG VERKAUFSG. M.B.H. de Furth/Bayern, Alemanha Ocidental, têm o prazer de comunicar a todos os seus Ex. Clientes que conforme o programa transmitido na passada quinta-feira, dia 24 de Novembro, cerca das 22 horas e 30 minutos pela Rádio Televisão Portuguesa, o prémio do concurso «A HORA GRUNDIG» relativo ao passado mês de Outubro coube ao Ex. Sr. Manuel da Encarnação Trincinhas — Maria Ruiva — BORBA, cujo prognóstico de 1 hora, 44 minutos e 10 segundos, foi o que mais se aproximou da hora a que parara o relógio do concurso: 1 hora, 42 minutos e 43 segundos.

O resultado do próximo concurso, que abrangerá todas as pessoas que hajam adquirido receptores de TV, aparelhos de rádio, máquinas de gravar ou ditafones «GRUNDIG» durante o corrente mês e nos tenham enviado os respectivos prognósticos, será apurado no dia 29 de Dezembro, durante o programa «A HORA GRUNDIG» a transmitir nessa data pela Rádio Televisão Portuguesa.



**RESTAURANTE
CASTANHEIRA**
LUMIAR - LISBOA - TELEFONE 790168

DIA 1.º DE DEZEMBRO — FESTA NACIONAL
Actuação aos almoços e jantares da
ORQUESTRA JORGE D'AVILA
com a execução às 13.30 e 20.30 do
HINO DA RESTAURAÇÃO

Serviço normal á lista
Aceitam-se marcações de mesas

M/15 anos

DISCOS

**BRINDE FAVORITO PARA O
NATAL**

Sempre as Últimas Novidades

GIRA DISCOS

DAS MELHORES MARCAS
DESDE 550\$00 C/MALA



**DISCOTECA
UNIVERSAL LDA**

RUA DO CARMO, 51-C // TELEF. 34726 24963 // LISBOA-2

Um vendedor ambulante agrediu bárbaramente um guarda da P. S. P. que ontem o expulsara de um cinema



Manuel Afonso
Trindade

civilmente, pelo facto de se encontrar em missão especial—de repressão e vigilância.

O crime parece ser devido ao espírito de vingança do seu autor, Virgílio dos Santos Fragata, de 31 anos, solteiro, residente em Algés—que resolveu vingar-se do civico por anteriormente ter por ele sido expulso do cinema local, não só por ter provocado disturbios como ainda por se encontrar embriagado.

**Para com os criminosos
nem sempre pode haver
benevolência**

Para o Fragata, indivíduo largamente retratado no ficheiro policial do posto de Algés, houve ainda esta semana uma certa benevolência ao ser mandado em paz depois de preso no cinema e conduzido ao posto policial pelo guarda que hoje ele atirou para uma cama da sala de observações do banco do Hospital de S. José em estado gravíssimo, após lhe ter vibrado sete facadas.

A vítima é o guarda da P. S. P., sr. Manuel Afonso Trindade, que há dias se vira na necessidade de esclarecer determinados pormenores da atribulada existência do vendedor ambulante.

Trata-se da cena do cinema. Nessa noite, depois de largamente interrogado pela sua vítima, foi mandado em paz, ao que parece por determinação superior.

O que na verdade não se pode compreender é que um cadastrado desta estirpe, beneficie não só da benevolência dos tribunais, como ainda de gestos de clemência por parte das autoridades que, de vez em quando se vêem na necessidade de tentar levá-los ao bom caminho. Em redor do mercado e do pos-

to policial, os comentários fervilham.

Um deles bastante rigoroso e justificado pela má fama do Fragata: — Malandro, fez uma coisa daquelas ao guarda.

Mas também não deixa de ser verdade, que causa surpresa o facto de, volta não volta, o Fragata surgir em liberdade — talvez condicional — mas sobre este pormenor não conseguiu a reportagem averiguar qual a sua situação perante o Tribunal de Execução de Penas — se por lá passou.

«Alguém o proteja!», exclamava-se em determinado ponto onde vendeadoras comentavam o caso.

**Roubou a faca e o cutelo
de que se serviu**

Vários outros pormenores a reportagem esclareceu e entre eles a maneira como o Fragata conseguiu uma faca e um cutelo, para praticar o crime.

Esta manhã, relatou-nos a vendedeira do mercado sr. Elisa de Jesus Gouveia, surgiu-me o Fragata a pedir-me emprestado o cutelo, a fim de «cortar arrala» o que lhe recussei primeiramente para depois transigir em lhe emprestar um objecto cortante mais pequeno, o que ele recusou.

«Aquele é que eu quero», foi a sua resposta.

Momentos depois, prosseguiu a vendedeira, deixei de lhe dar atenção para em determinada altura pressentir que o Fragata, me levaria não só o cutelo como a faca. Para o facto chamei a atenção da minha filha, Cesarina de Jesus Gouveia, que terá feito mais ou menos nestes termos a deduzir pela conversa da vendedeira: — «Oh Cesarina, vê lá que ele me roubou o cutelo e a faca!».

Era porém já tarde, pois numa esquina próxima da Rua Ernesto Silva, desenrolava-se a cena de sangue.

O Fragata, desvairado e rancoroso, encontrou na referida artéria o guarda Trindade. A traição desfechou-lhe a primeira facada. Atirou-o no cranio como o documento o chapéu de copa verde com fita, preta, golpeado. Apanhado de imprevisito, o civico refugiou-se num estabelecimento de solas e cabedais, mas fê-lo com tanta infelicidade, que caiu já no interior, aproveitando o Fragata essa circunstancia para o atingir com mais seis facadas: outra na cabeça; duas na cara, duas no braço direito e a ultima na barriga.

O panico foi enorme, segundo nos relatou a esposa do proprietário da loja, o seu marido sr. Joaquim Augusto da Fonseca, um homem doente, ficou aterrorizado, enquanto o empregado de nome João de Deus, residente em Algés de Cima, fugia espavorido. Juntaram-se populares, e no meio deles um soldado que conseguiu dominar o Fragata, agarrando-o pelas costas.

O Fragata ficou ainda de posse da faca, enquanto o cutelo era achado noutro local da Rua Ernesto da Silva.

Nervoso e possante

Através de um pequeno postigo da porta do calabouço via-se perfeitamente, no interior, o Fragata de fato de ganga cinzento, passeando nervosamente de um lado para o outro, para se refugiar a um dos cantos.

Por determinação do comandante do posto policial de Cascais, sr. tenente Manuel Saraiva, o agressor será demoradamente interrogado após o que será enviado ainda hoje para os calabouços do Governo Civil de onde transitará para a Polícia Judiciária, que vai organizar o processo que o acompanhará depois ao Tribunal Criminal.

O guarda Manuel Afonso Trindade é natural do concelho de Portalegre, freguesia de S. Julião. É casado e reside em Algés, na Rua de Olivença, 65, 1.º. Foi conduzido para o Hospital de S. José num automóvel particular, pertencente ao sr. Bernardino Santos, morador naquela localidade, na Rua Luís de Camões, 103.

**Não tenha
ilusões!**

Só uma casa especializada em Cafés
o pode servir bem. E, entre todas,
A Mariazinha é a 1.ª

De ontem para hoje

O PROTESTO DO EXÉRCITO

Ontem á noite, na sessão efectuada na Manu-
tenção Militar, o sr. ministro do Exército soube
exprimir o pensar e o protesto dos militares con-
tra os ataques dirigidos a Portugal. Depois de
terem falado vários oradores, o sr. coronel Al-
meida Fernandes disse: «Portugal. é bom que to-
dos o saibam, foi a primeira Nação a levar ás
várias partes do Mundo a grande mensagem da
igualdade do género humano e a proclamar, bem
alto, a dignidade da pessoa humana, independen-
temente da sua cor, da sua raça, da sua crença
e do seu grau de civilização. Fomos nós, os Por-
tugueses, os primeiros a pôr em prática no Mundo
o ideal das sociedades multirraciais. E a nossa
acção nunca se exerceu, manda a verdade que se
diga, de maneira violenta, antes pelo contrário, foi
sempre alheia á ideia do conflito e de domínio
ou ao sentimento de superioridade e de inferiori-
dade racial». E no fim: «Pois enquanto nos man-
tivermos bem unidos, em torno dos nossos chefes,
podeis ter a certeza de que a nossa razão não será
vencida».

VIDA POLITICA

Com o sr. Presi-
dente do Conselho
trabalhou ontem o
sr. ministro da Pre-
sidência.

acerca da sua recen-
te viagem á Africa.

AS CRIANCINHAS, SENHOR!

«Que já quem é pecador/ sofra tor-
mentos, enfim/ Mas a criancinha, Se-
nhor/ porque lhes dais tanta dor/
porque sofrem assim?!». Eram três
irmãozinhos. Estavam todos á lareira
na Praia de Pedrógão. Cinco e três
anos, e oito meses apenas. Filhos do
sr. José Maria Carcavelos e da sr.
D. Cecilia Pedrosa de Oliveira. Em da-
da altura são atingidos por água a fer-
ver. Dores e choros até o céu e a
mais pequenina não resistiu ás quei-
maduras, morrendo pouco depois.

DA ESCADA

ABAIXO

Na escada da ca-
sa onde morava,
no Largo da Gra-
ça, 82, rés-do-chão,
caiu o empregado
no comércio, sr.
Carlos Dionísio da
Silva, de 35 anos,
que morreu. O ca-
dáver deu entrada
no Instituto de Me-
dicina Legal.

O COMBOIO E O TRABALHADOR

Tinha 47 anos o
sr. Américo Lopes,
casado com a sr.ª D.
Maria Ferreira, ope-
rário eventual da via
e obras nos caminhos
de ferro. Morava na
Bezelga, Tomar. En-
quanto trabalhava
veio um comboio
que o colheu e ma-
tou entre Fátima e
Caxarias.

CASINO

APRESENTA HOJE

A intérprete famosa dos Festivais
de San Remo

Edda Montanari

estrela da Rádio e da TV italianas

Roberto Cobo

humorista internacional

O Ballet Espanhol

de

Paco de Ronda

o mais castiço cartaz flamenco
e típico sul-americano

(Maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

Em Alpiarça-Almeirim, o «Diário de Lisboa é vendido por inter-
médio do sr. Francisco Abrantes Pereira.

Quarta-feira, 30 de Novembro de 1960

O discurso do Presidente do Conselho

(Continuação da 1.ª página)

do que me interessava saber, ou seja: em que se pensa consistir o problema e as linhas gerais da sua solução. Aliás, o que menos preocupou foi esclarecer as questões; e como a discussão parece ter abandonado o domínio da inteligência para tentar criar em certas regiões estados emocionais propícios à subversão, não há propriamente a quem responder. Desta forma me surgiram dificuldades por não saber como redigir e a quem endereçar algumas palavras que por outro lado reputava necessárias.

El prosseguiu:
«Lembrei-me de que os portugueses de todos os continentes, afixados ou filhos da terra, têm o direito de saber o caminho por onde pensamos que devemos conduzir-nos nas graves circunstâncias actuais. E todos os mais interessados na contenda talvez também possam tirar daí alguma conclusão e avaliar o peso das suas próprias responsabilidades, pois não vão supor que a sorte de milhões de homens, a ordem e paz do seu viver, o fruto do seu trabalho, os princípios da civilização que adoptaram, podem ser entregues à vacuidade dos discursos de comício e à anarquia dos anunciados movimentos libertadores».

Entrando propriamente no tema do meu discurso, o sr. Presidente do Conselho continuou:

A diferenciação dos territórios colonizados, segundo a atitude política dos Estados soberanos

«Tirante a Etiópia, alguns países da África mediterrânea e as províncias portuguesas ultramarinas a que adiante me referirei podemos dizer que de um modo geral se não deparam naquele Continente duas espécies de território. Das suas diversas situações e características é que haviam de decorrer as directrizes em conformidade com as quais os seus problemas podiam ser correctamente equacionados e resolvidos. Sujeitos como todos foram ao trabalho de colonização, encontramos o traço fundamental de diferenciação desses territórios na atitude política dos Estados soberanos, ou o que é o mesmo, na finalidade da sua obra colonizadora.

«Por vezes terá esta consistido tão-somente na exploração económica do solo ou do subsolo, através de empreendimentos que não egíam a fixação permanente da gente branca. Os Estados responsáveis declararam ou alimentaram sempre o propósito de educar, de elevar as populações autóctones até estas atingirem a independência. A este propósito deve ter correspondido uma política, e a independência dos territórios não é senão o reconhecimento de que foi atingida a meta ambicionada. Isto se passa neste momento e se passou nos últimos anos, tanto na África como na Ásia.

«Se os Estados detentores da soberania cometeram qualquer erro de apreciação e precipitaram as concessões que elevaram tais territórios ao plano de Estados independentes, não hei-de apreciá-lo aqui. Vamos admitir que viram bem e procederam em todas as circunstâncias como deviam, nem cedo nem tarde. Vamos admitir que os territórios dispunham e outros estão em vias de dispor, no momento em que ascenderem à independência, do escolar necessário para orientar a política, dirigir a administração, gerir as finanças, administrar os empreendimentos económicos. Para que estas soberanias não sejam fictícias e estas independências sejam inteiramente responsáveis, em termos de se constituírem membros da comunidade internacional e de conviverem pacificamente com os outros Estados, todas aquelas condições seriam indispensáveis. Não é elegante sublinhar qualquer deficiência, e por isso atribuiremos certas atitudes, alguns propósitos e ameaças, a pretensão de expansões imperialistas, a euforia de espíritos plenamente felizes, porque convictos de ter descoberto o Mundo e de estar na posse de todos os segredos da condução da Humanidade.

«Em geral nestes territórios, hoje ou amanhã, Estados soberanos, para o que se diz virem sendo preparados desde longe, podem não obstante surgir conflitos raciais, mesmo dos homens de cor entre si — tradicional flagelo da África antes da colonização europeia. Como na hipótese o branco é elemento de passagem, não fixado nem portador de outro pensamento político que não seja o da retirada e do abandono, não haveria razão para que certas mutações a que temos assistido suscitassem as violentas explosões de racismo contra o homem branco, credor dos progressos realizados e suposto não necessário já à evolução

económica e social dos territórios. Há factos a desmentir estas previsões; apesar disso este caso é o mais simples dos que a África negra nos apresenta».

Através das nuvens de poeira que a campanha anticolonialista levanta...

O sr. dr. Oliveira Salazar analisa depois o problema africano em todos os seus aspectos:

«A questão é de facto muito mais intrincada quando os territórios são povoados por brancos e por negros, sobretudo se o branco ocupou territórios livres, desbravou as terras, estabeleceu as explorações agrícolas ou industriais, financiou os empreendimentos, organizou a administração, manteve a ordem e a paz. A descoberta, a conquista, o trabalho incorporado no solo, a sucessão das gerações são títulos de legitimidade, contra os quais a frase explosiva corrente — a África é dos Africanos — pretende nada menos que refazer a História, sem dispor de força para dar solução ao problema. Esses territórios encontram-se premidos entre o valor da qualidade que é a administração, a direcção do trabalho, a posse dos meios económicos, e o peso do número, por si só insuficiente para assegurar o progresso geral. Pretende-se democraticamente resolver o problema, conferindo ao maior número a direcção total da comunidade. Devemos ter a coragem de afirmar que estes casos não têm solução possível — digo solução pacífica, equitativa, progressiva — dentro das ideias correntes; não têm solução nenhuma no quadro do racismo negro nem do racismo branco. O único caminho seria enveredar no sentido de sociedades pluri-raciais em que as raças se misturassem ou convivessem, vindo a pertencer a direcção e o mando aos mais hábeis e melhores; mas este processo nem sempre é espontâneo e não pode em qualquer caso dispensar a tutela e guia da soberania tradicional.

«Através das nuvens de poeira que a campanha anticolonialista levanta, não se atenta nem compreende o drama das sociedades deste tipo, como, entre outras, a Argélia, as Rodésias, a África do Sul. Quando vejo ataques desferidos contra as soberanias responsáveis e contra as providências naturalmente hesitantes ou até contraditórias dos seus governos, em vez de mostrar de compreensão e de paciência, ajudando a vencer as dificuldades, pendo a crer que a razão e a justiça são sacrificadas a ideologias sem base e a paixões instintivas ou que há outros interesses em jogo que não são propriamente nem os interesses dos pretos nem os interesses dos brancos que com eles convivem».

Há ainda largos caminhos a percorrer para o progresso do continente negro

E prossegue serenamente a sua análise do problema:

«Todos os territórios africanos de uma ou outra composição demográfica, talvez com excepção da África do Sul, se consideram correntemente subdesenvolvidos. Acerca das possibilidades de progresso económico e social andam no ar muitas ilusões e há esperanças que talvez jamais se convertam em realidades, dadas as características do continente africano. Mas de qualquer modo, mesmo nos territórios mais avançados por obra e graça do branco, há longos caminhos a percorrer quanto à saúde, à educação, à produção de riquezas, ao emprego, ao nível de vida das populações. Esse trabalho ciclópico e ingrato exigirá largos espaços de tempo, e além de tempo, capitais, técnica, direcção administrativa. Quem os fornece?»

«Os territórios de que me ocupo não criam capitais suficientes para a sua crescente valorização, não dispõem de técnicos bastantes nem da direcção necessária. Os problemas raciais que estão sendo avivados e suscitados mesmo onde não existem, importam a inutilização dos valores de organização e financiamento que o branco representa. Então formulam-se sugestões, umas ousadas e inviáveis, outras ingénuas e ineficazes, para que o vazio criado seja de qualquer forma preenchido, em homens e em dinheiro.

«A necessidade de realizar essa tarefa é evidente; mas mais premente será antes a de planejar, em harmonia com as necessidades da população e as directrizes e exigências da economia mundial, o conjunto do trabalho nos territórios.

E veremos então surgir aigures a sede desses cérebros, a central desses técnicos, a banca dessa finança, estranhos aos territórios, mas encarregados de ocupar-se deles, com o que teremos inventado uma nova forma de colonialismo — o colonialismo internacional. Temos exemplos à vista.

«Quanto aos capitais necessários, o problema é redutível a saber se se caminha no sentido do subsídio dadivoso ou no do capitalismo. As pessoas que têm alguma experiência de governo, sabem que mesmo nas nações de mais antiga estrutura, as marcas de solidariedade da população podem revelar-se com exuberância, mesmo com entusiasmo, mas sempre acidentalmente; não é essa a forma normal de nos ajudarmos uns aos outros. A intervenção da autoridade é que indica as rotas, define as necessidades e distribui os sacrifícios. Mas na sociedade internacional não só estamos muito mais longe dos sentimentos de coesão fraterna, como não existe a organização que disponha de autoridade para impor a todos a sua contribuição.

«Eu quero significar que o subsídio gratuito, mesmo de carácter e fim político, será sempre insuficiente, e que só o investimento de feição capitalista, mais ou menos interessado, permitirá resolver as dificuldades. Mas quer este investimento seja privado quer seja público ou estadual, da parte de quem o fornece ou de quem o utiliza, ele exigirá, além da ordem e do trabalho das populações locais, as garantias mínimas que só uma soberania responsável pode assegurar. E toda a dificuldade estará aqui: a necessidade de uma soberania responsável, exercida por um Estado devidamente organizado; ora é duvidoso que possam consegui-lo, no meio de tribos desavindas, os regimes importados da Europa e da América. «Que para fugir à possível influência política exercida por via financeira, se queiram adoptar métodos de financiamento confiados às Nações Unidas ou a outros organismos apolíticos, se os há neste mundo, é indiferente, porque na situação actual não se poderão obter capitais sem a segurança de que serão aplicados reprodutivamente e não se sumirão na voragem das populações em desordem e das actividades anarquizadas. Não se conhecem fontes de rendimento públicas ou privadas capazes de aguentar tais esbanjamentos.

«Concluiremos que essa onda de ódio ao racismo que se levanta contra o branco em África, e será também lá contra o amarelo amanhã, não é moral mas sobretudo não é inteligente; e que o abandono, se precipitado, de muitos territórios por parte das potências europeias se me figura um crime mais contra o negro que se pretendia elevar do que contra o branco, mesmo que ameaçado de expulsão e despojado de todos os seus haveres».

As origens e os objectivos da campanha anticolonialista em curso

E faz em seguida a si próprio esta pergunta:

«Não haverá então outra alternativa? Sim, e começa a despotar exemplos. Uma economia de Estado pode arrancar para a produção e o comércio externo, apropriando-se gratuitamente de todos os meios ao serviço da economia privada. Esta não se desenvolverá mais nos termos anteriores, mas o rompimento da estrutura económica e social existente, a negação violenta do direito de propriedade e a formação duma economia socialista são suficientes para definir a política do Estado e atrair-lhe os apoios necessários ao desenvolvimento ulterior. Para compensar a falta de capitais ou a baixa produtividade do trabalho será condição essencial a mobilização da mão-de-obra existente e porventura outras servidões. Mas a independência continuará a ser a liberdade do território, e é compatível com a escravidão dos indivíduos. — Há quem não acredite no comunismo em África. Pois ele entrará por muitos meios e um dos meios é este.

Prosseguindo:
«A campanha anticolonialista desconhece estes factos, e as dificuldades, e as consequências da política prosseguida? Permitto-me exprimir a tal respeito a maior dúvida. Na campanha concorrem duas forças não forçosamente solidárias, salvo quanto ao objectivo final. O comunismo, na sua luta contra o Ocidente, previu, estudou, montou toda a máquina com que espera diminuir-lo ou vencê-lo, desintegrando a África e subtraindo-a à sua direcção e influência. Não lhe importam

quaisquer outras consequências, exactamente porque sobre o caos construirá melhor.

«Por outro lado, aqui e além, pequenas mas activas minorias, agitando as massas, parecem esforçar-se por dar uma pátria a povos que a não tinham; mas os novos nacionalismos, ao abandonarem as antigas dependências, correm de mãos dadas atrás de uma esperança vã — a de que, sendo da mesma cor, podem sustentar-se mutuamente ou entender-se melhor. Que ilusão! Os interesses não têm a mesma cor dos homens. A solidariedade que se revela na actual frente de ataque não é uma solidariedade de fundo; ela empenha-se na destruição das actuais estruturas mas é incapaz de construir outras novas. A unidade de África é afirmação gratuita que a geografia e a sociologia desmentem. E, ao contrário do que aconteceu na América, a Europa não se deu o tempo de definir mais racionalmente fronteiras, pacificar em definitivo raças e tribos, formar nações que fossem verdadeiros subactos de Estados. Quem serão então, os futuros organizadores? Fazemos uma pergunta mais directa: quem serão os futuros colonizadores? Esta a incógnita que pesa sobre grande parte de África».

Os problemas africanos analisados à luz do interesse nacional

Analisando os problemas africanos à luz do interesse nacional, o Chefe do Governo declarou:

«Para nós, nação composta — euro-africana e euro-asiática — as considerações acima não têm apenas interesse especulativo; é possível derivarem do movimento actual consequências graves e talvez se nos levanten problemas de soberania e vizinhança. Debrucemo-nos por isso sobre nós próprios, para averiguarmos sob que angulo os temos de enfrentar.

«Quando a Nação portuguesa se foi estruturando e estendendo pelos outros continentes, em geral por espaços livres ou desaproveitados, levou consigo e pretendeu imprimir aos povos com quem entrara em contacto conceitos muito diversos dos que mais tarde caracterizaram outras formas de colonização. A população que não tinham alcançado a noção de pátria, ofereceu-lhes uma; aos que se dispersavam e desentendiam em seus dialectos, punha-lhes ao alcance uma forma superior de expressão — a língua; aos que se degradavam em mortíferas lutas, assegurava a paz; os estadios inferiores da pobreza iriam sendo progressivamente vencidos pela própria ordem e pela organização da economia, sem desarticular a sua forma peculiar de vida. A ideia da superioridade racial não é nossa; a da fraternidade humana, sim, bem como a da igualdade perante a lei, partindo da igualdade de méritos, como é próprio de sociedades progressivas.

«Em todos esses territórios a mistura das populações auxilia o processo de formação de uma sociedade pluri-racial; mas o mais importante, o verdadeiramente essencial estava no espírito de convivência familiar com os elementos locais; nas possibilidades reconhecidas de acesso na vida económica e social; nos princípios de uma cultura mais avançada e de uma moral superior que, mesmo quando violada, era a regra do comportamento público e privado. Se através destes meios, de acção forçosamente lenta, conseguia formar-se uma comunidade com certo grau de coesão, pode dizer-se que a tarefa estava vindada: a independência e a igualdade dos povos integrados com seus territórios numa unidade nacional.

«Mais de trezentos anos trabalhamos no Brasil, inspirados pelo mesmo ideal, e o que ali passou a observar-se é verdadeiramente extraordinário: o Brasil tem as portas abertas a gente de quase todo o Mundo, caldeia-na na variedade dos seus elementos demográficos, absorve-a, assimila-a e não diminui em lusitanidade. Entre os países para cuja formação contribuíram raças diferentes, nenhum como ele apresenta tão completa ausência de traços racistas na legislação, na organização política, na conduta social. Ele é a maior experiência moderna de uma sociedade pluri-racial, ao mesmo tempo que exemplo magnífico da transposição da civilização ocidental nos trópicos e no Continente americano. Pacífico, estável, dinamicamente progressivo, o Brasil, mesmo ao rever-se nas suas criações próprias, não tem que mal-dizer das origens nem renegar a sua pátria.

«A sociedade pluri-racial é, portanto, possível e tanto de cepa lusitânica, segundo se vê em Goa, ou luso-

-africana, em Angola e Moçambique. Nada há, nada tem havido que nos leve a conclusões contrárias. Simplesmente, essa sociedade exclui toda a manifestação de racismo — branco, preto ou amarelo e demanda uma longa evolução e trabalho de séculos, dentro dos princípios que estão na base do povoamento português. Mal avisados andaríamos agora a inovar práticas, sentimentos, conceitos diversos dos que foram o segredo da obra realizada e são ainda a melhor salvaguarda do futuro.

«Estamos em África há quatrocentos anos, o que é um pouco mais que ter chegado ontem. Levámos uma doutrina, o que é diferente de ser levados por um interesse. Estamos com uma política que a autoridade vai executando e defendendo, o que é distinto de abandonar aos chamados aeventos da História os destinos humanos. Podemos admitir que a muitos custe compreender uma atitude tão estranha e diversa da usual; mas não podemos sacrificar a essa dificuldade de compreensão populações portuguesas cujos interesses na comunidade nacional consideramos sagrados.

«É possível encontrar muitas deficiências no nosso trabalho, e somos os primeiros a lamentar que a limitação dos recursos não nos tenha permitido ir mais além. Especialmente nas comunicações, na divulgação da instrução, na organização sanitária temos diante de nós largos caminhos a percorrer. Mas mesmo nesses como em muitos outros domínios, quando nos compararmos, não temos de que envergonhar-nos. As nossas cidades e vilas, os nossos caminhos de ferro, os portos, aproveitamentos hidroeléctricos, a preparação e distribuição de terras irrigadas por brancos e pretos, a exploração das riquezas do subsolo, as instalações dos serviços têm seu mérito. Mas o ambiente de segurança, de paz e de fraterno convívio entre os muito diversos elementos da população — caso único na África de hoje — e a maior obra, porque a outra quem quer a podia fazer com dinheiro e esta não.

«O trato familiar de sucessivas gerações foi forjando e consolidando a unidade entre vista no começo. Esta unidade não é por isso uma ficção política ou jurídica mas uma realidade social e histórica, traduzida nas Constituições, e levanta obstáculos muito sérios aos que pensam dedicar-se agora à tarefa de emancipar a África portuguesa. Vem tarde: já está. E que essa unidade não comporta alienações, cedências ou abandonos; as figuras jurídicas do plebiscito, do referendo, da autodeterminação tão-pouco se quadram na sua estrutura.

«Aos inclinados a supor que teorizamos, opomos as espontaneas e vibrantes reacções da consciência nacional, ao pressentir o mais leve perigo. Aqui no Ultramar, em território nacional ou estrangeiro, o Português de qualquer cor ou raça sente essa unidade tão vivamente que toma as discussões como ameaças e as ameaças como golpes que lhe retalham a carne. De modo que não há mais a fazer do que proclamá-la a todos os ventos e, na medida do possível, vigiá-la em todas as fronteiras.

«Aliás, a ligeireza com que temos visto falarem uns, calarem-se outros sobre problemas desta transcendência — o destino de milhões de seres humanos — faz-me crer que não foi ainda devidamente apreciada a gravidade das implicações possíveis de tão grandes desvarios. No domínio do direito internacional, das realidades práticas, das relações convencionais e dos interesses em jogo há ainda, pelo que nos toca, muita matéria para esclarecer no debate».

A unidade da Nação Portuguesa na pluralidade dos seus territórios

«Os aspectos que venho referindo — continuou o orador — acerca da unidade da Nação na pluralidade dos seus territórios importam a unidade de direcção política, com a colaboração de todos, mas não têm nada a ver com certos problemas que apenas respeitam a organização administrativa e a maior ou menor descentralização e autonomia, problema acerca do qual vejo muitas pessoas manifestarem-se altamente interessadas. Não se trata para mim de problema de princípio mas sobretudo de possibilidades.

«Nas últimas décadas a economia

(Continua na 16.ª página)

Maria Pereira

vai cantar em Faro
no Cinema Santo António



MARIA PEREIRA

FARO, 30 — Maria Pereira, que é, no seu género, a nossa primeira artista, realiza, na próxima sexta-feira, dia 2, no Cinema Santo António, desta cidade, um recital de fados e canções portuguesas, onde cantará muitas das suas novas criações, que tanto sucesso alcançaram na apresentação do programa «Cor é vida».

Neste programa, considerado como um dos maiores acontecimentos da nossa rádio, pois Maria Pereira apresentou duma só vez 40 novas canções, o que constitui um caso único na vida de qualquer artista, mostrou que quando uma artista quer estudar e trabalhar não encontra dificuldade em renovar o seu repertório.

O espectáculo que Maria Pereira vem realizar a Faro, oferecido pela Robbialac Portuguesa, para assinalar a abertura do «stand» do seu novo distribuidor para o Algarve era, há muito, pedido pelos seus inúmeros admiradores que a têm ouvido pela rádio e visto na televisão.

BILHETES À VENDA para a Grande Noite do Fado

Abrem hoje as bilheteiras do Coliseu dos Recreios, para a venda de bilhetes para a «Grande Noite do Fado», que a Casa da Imprensa novamente organiza com um esplêndido programa. Além das artistas já anunciadas, deram também a sua adesão Lucília do Carmo, uma voz castiça do fado, que actua todas as noites no restaurante-típico «O Faia» e Maria da Conceição, a criadora da canção «Mãe Pretas», cedida gentilmente pelo restaurante-típico Machado.

esta, sim!

a verdadeira...
a autêntica...
a única...

Garota apimentada

PARA ADULTOS

A história de uma garota — MAS QUE GAROTA! — com que os homens gostavam de tornar a vida mais saborosa!...

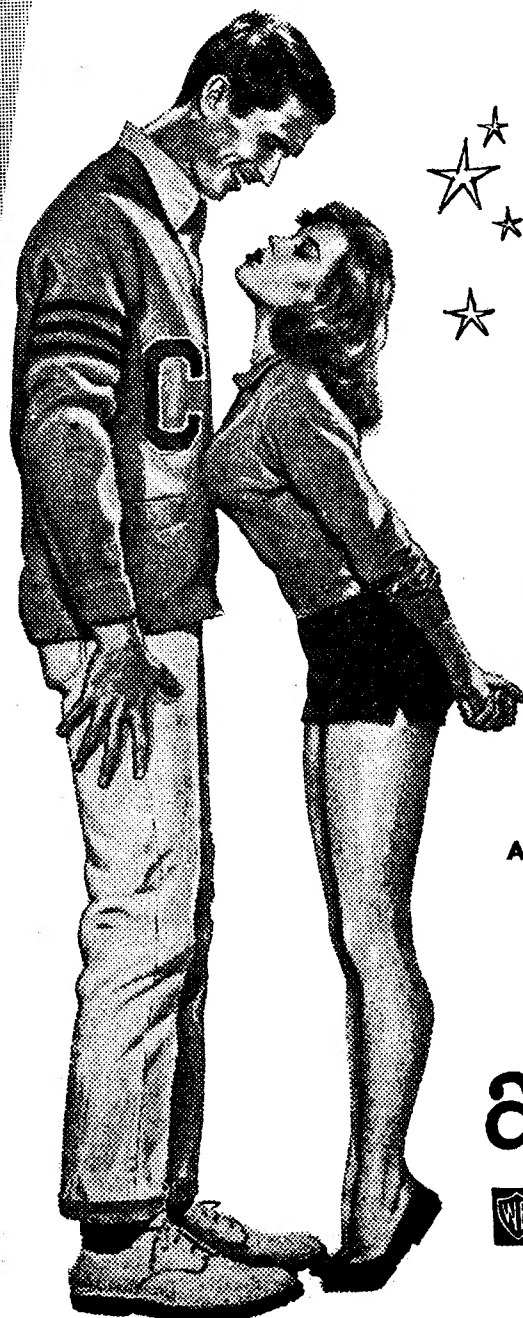
UM FILME QUE REVELA O QUE PENSAMOS MAS TEMOS VERGONHA DE CONFESSAR!

anthony Perkins e Jane fonda

no melhor de 1960

Um exclusivo ASTORIA FILMES, como não podia deixar de ser...

6.ª feira no EDEN em deslumbrante estreia



ESTREIA
DE
HOJE

A mulher incógnita ROYAL



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30
(Adultos - 17 anos)
Um super-«suspense»
de Hitchcock

PSICO

com Anthony Perkins e Vera Miles
Em todo o Mundo não é permitida a
entrada na sala depois do início de Psico



A's 15.15 (p. r.)
e 21.45

PSICO

Telefone 763089 (Adultos 17 anos)
Em todo o Mundo não é permitida a
entrada na sala depois do início de Psico



A's 21.15
(M. 17 anos)

Em Cinemascope
(Eastmancolor)

CONVERSA DE TRAVESEIRO

com Rock Hudson e Doris Day



21.00 (M. 17 anos)

Telefone 20917

COM JEITO VAI, SR. GUARDA

NA ROTA DO INFERNO



Hoje, às 21 h.
(M. 12 anos)

A 13.ª CADEIRA
E KUBALA

Amanhã
A REVOLTA DOS GLADIADORES
AS FRONTEIRAS DO ORGULHO



A's 15.30 - 18.30
e 21.45
(Adultos - 17 anos)

MANOBRAS DE SAIAS

(OPERATION PETTICOAT)
com Cary Grant e Tony Curtis
Uma comédia cheia de graça e originalidade que provoca as maiores gargalhadas.



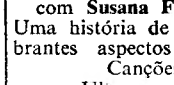
A's 15.30 e 21.45
(Adultos - 17 anos)

2.ª SEMANA
Uma comédia irresistível em Eastmancolor



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M. 12 anos)

2.ª SEMANA
Grande êxito da comédia brasileira



com Susana Freyre e Jardel Filho
Uma história de raro encanto. Deslumbrantes aspectos do Rio de Janeiro.
Canções admiráveis!



A's 21 horas
(M. 12 anos)

Libertad Lamarque e Miguel Aceves em

A MULHER INCÓGNITA

No progr. — EM DEFESA DA LEI.



3, 6.30 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
(M. 17 anos)

O SONHO DE AMOR

com Dirk Bogarde, Genevieve, Page



A's 15.15 e 18.15
(p. r.) e 21.30

GRANDE ÊXITO

Que seria do Mundo se não fosse cumprida esta ordem:

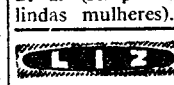
AFUNDE O «BISMARCK»!
com Kenneth More e Dana Winter
CINEMASCOPE — (M. 12 anos)

Amanhã, às 18.15 — «Os grandes romances de amor» — A AMADA INFIEL — com Gregory Peck.



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M. 17 anos)

ELE, ELA... E OS ESPÍOES
c/ Françoise Brion e Françoise Prevost
O poderoso Lemmy Caution, do F. B. I. (sempre acompanhado das mais lindas mulheres).



A's 21 (M. 17 anos)

Telefone 48560

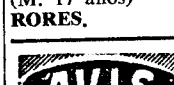
A FLOR DO PANTANO



A's 15.15 - 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)

COM OS DIAS CONTADOS

Amanhã — às 21.30 — Estreia — (M. 17 anos) — O CIRCO DOS HORRORES.



A's 15.30 e 21.45
(M. 17 anos)

EXTASE
com Pascale Petit

Amanhã, às 15.30 — Estreia — (M. 12 anos) — A TIRANA — com Paqueta Rico. — A história temperamental da «Severa Espanhola».



21.30 (M. 17 anos)

Hoje — 12 HOMENS EM FURIA
com Henry Fonda

Amanhã — DOIS VIGARISTAS ROUBADOS — com Dick Martin



A's 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA

MORANGOS SILVESTRES

O mais filosófico e artístico filme do ano.

Hoje, às 18.30 — Sessão clássica — OS INUTEIS.

Amanhã, às 15.15 - 18.15 e 21.30 — O mesmo programa.



A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)

6.ª SEMANA
Uma história dos tempos de Cristo
Em Technicolor

BEN-HUR
com Charlton Heston — Jack Hawkins

ATENÇÃO — Pede-se a todos os srs. espectadores para comparecerem pontualmente á hora do espectáculo.

UMA PEGA 6\$50 DOÇARIA CASEIRA

só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

Quarta-feira, 30 de Novembro de 1960

VARIEDADES

HOJE, às 21 e 45 h. (17 anos)

CUCURUCUCU

com RIBEIRINHO - H. SANTANA - IRENE ISIDRO - ASSIS PACHECO

AMANHÃ — DIA FERIADO
À TARDE ÀS 16 H.
BILHETES À VENDA

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE, ÀS 21 E 30 (12 ANOS)
UMA MULHER
EXTRAORDINÁRIA
com PALMIRA BASTOS



LUSO

— Adultos —
Telef. 362889
Fados e Canções
com ALICE MARGINA — AMÉLIA MARIA — Julieta Estrela — JOAQUIM GERAL

DES — Silva Pereira — Natalino Duarte — ADELINO SANTOS e AMADEU RAMIL

Direcção de Modesto Maia
ATENÇÃO: — O espectáculo marcado para hoje fica adiado para o dia 21-12-1960.

EM FERREIRA DO ALENTEJO,
O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

SÃO JORGE

TELEF. {B.54154
P.54153}

UM FILME
RECOMENDÁVEL
APENAS
ÀS PESSOAS
COM
NERVOS
PARA
«AGUENTAR»
O CLIMA DE
TERROR
QUE SE
DESPRENDE
DAS SUAS
IMAGENS!

ADULTOS
(Maiores de 17 anos)

Um exclus. JAROFILME

AMANHÃ ESTREIA

UM ESPECTÁCULO PRODIGIOSO
DE VERDADEIRO

DIFERENTE...

PARA QUANTOS
GOSTAM DE
EMOÇÕES FORTES!

SUSPENSE!

ANTON DIFFRING
ERIKA REMBERG
YVONNE MONLAUR

NUM FILME TERRÍFICO PELO SEU REALISMO
QUE O EASTMANCOLOR TORNA MAIS REAL AINDA!

6 CIRCO DOS HORRORES

(CIRCUS OF HORRORS)

PRODUÇÃO DE
JULIAN WINTLE - L. PARKIN
ARGUMENTO DE
GEORGE BAXT
REALIZAÇÃO DE
SIDNEY HAYERS

...E O PÚBLICO ACREDITOU!

É, NA VERDADE, O MELHOR

FILME BRASILEIRO

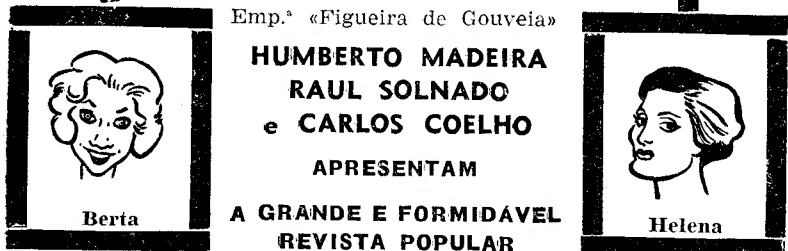
MEUS AMORES NO RIO Odeon

— CONFIRMADO PELA CRÍTICA E APLAUDIDO POR TODOS OS QUE O VIRAM — EXCLUSIVO DE ÉPOCA

Um estrondoso êxito proporcionado ao público português por IMPERIAL FILMES



CAPITOLIO



A VIDA É BELA!



NO SALÃO ANEXO:
CEIAS — FADOS
E
GUITARRADAS
EMENTA ESPECIAL ATÉ
DE MADRUGADA

Vasapoga
Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 21 anos)

A MAIOR ATRACÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

BALLET-ESPECTÁCULO
NUM «SKETCH» COM NOVOS NÚMEROS!

A TRIUNFAL
E FAMOSA
ATRACÇÃO

BALLET SUSAN

AMANHÃ ESTREIA LES VILLALTA

AMANHÃ: CHÁ - DANÇANTE DESDE ÀS 17 HORAS
COM TODO O ELENCO

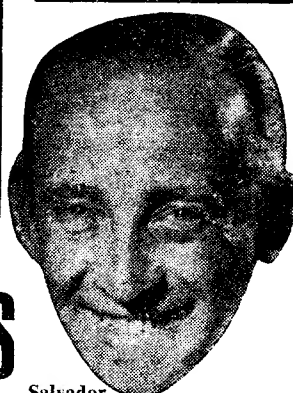
ÚLTIMA SEMANA!
ÚLTIMOS DIAS!

ÚLTIMAS
E DEFINITIVAS
REPRESENTAÇÕES!

A FABULOSA REVISTA

MULHERES
DE SONHO

AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DE
TEATRO EM LISBOA: LUGAR
MAIS CARO 40\$00. MAIS BARATO
7\$50



Salvador

O ADEUS A LISBOA
DO MAIOR ÊXITO
DE REVISTA DE TO-
DOS OS TEMPOS!!!

NO ÀS 20,30 e 22,45 h.

COLISEU

Emp. Ricardo Covões (H.)—Telef. 31997

SALVADOR EM COLABORAÇÃO
COM GIUSEPPE
BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTA

SÓ ATÉ
DOMINGO!

AD. M/
17
ANOS

AMANHÃ, FERIADO
NACIONAL, ÀS 16 H.
ESPECTÁCULO EX-
TRAORDINÁRIO À
TARDE!

Em Alhos Vedros, o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio do sr. Manuel de Sousa Meiro.



FERNANDO MURALHA



ISSI FABRA



YOLA e PAULO



CONJUNTO VOCAL 4 DE ESPADAS E O FAMOSO BALLET

INGLES JOHN KEET DANCERS

MONUMENTAL

7ª SEMANA

UM TRIUNFAL, INEDITO e MODERNO ESPECTACULO

com

LAURA ALVES

e a sua grande Companhia em

BOA NOITE, BETINA!

uma superprodução musical de Vasco Morgado
MÚSICA! CANÇÕES! BAILADOS! e lindas MULHERES

AMANHÃ

ÀS 16 HORAS

Espectáculo

À TARDE



Um dos momentos de Betina!

HOJE 2 SESSÕES
ÀS 20,30 e 23 H.
Adultos m/ 17 anos



MAIORES 12 ANOS

AVENIDA

2 HORAS

a

RIR!

com a FARSA

FLAUSINO, Homem de letras

com

ANTÓNIO SILVA
MADEIRA
DULCE — ADELINA
e SEMEDO

● HOJE ÀS 21.45 H. ●
Espectáculo a favor da Campanha
do «Diário de Lisboa»
«UM NATAL EM
CADA BAIRRO»

AMANHÃ ÀS 16 H.
TARDE POPULAR

PREÇOS REDUZIDOS

POLTRONAS 25\$00
CADEIRAS 15\$00
SUPERIOR 10\$00

Entradas Camarote, 8\$ e 6\$

GALERIAS 4\$00

ESTUDANTES
10\$00

A partir de hoje, a todos os compradores de bilhetes para o Avenida, oferta de 1 lindo calendário 1961

MONUMENTAL



Misterioso Mais Não

Amanhã às 18,30 h.

PARA M/ 4 ANOS

TEATRO INFANTIL

Dirigido por
António M. Couto Viana
elenco do Gerifalto
subsidiado pelo
Fundo de Teatro

UM ÊXITO!

PREÇOS REDUZIDOS

Tá g i d e

ULTIMA REPRESENTAÇÃO
da famosa atracção internacional

LOS TROVADORES DO MEXICO

No programa e em pleno êxito
a melhor interprete do Fado
da actualidade

MARIA MARQUES

(Maiores de 17 anos)

AMANHÃ

Sencional estreia da grande
vedeta da canção Francesa

Anny Gould

entre as 17 h. e as 20 h.

CHÁ DANÇANTE

PALM-BEACH

R O N D A

MONTE ESTORIL
GONZALO DE LA PUERTA

e seu conjunto
com «Baby Rock»

M/15 anos

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Castelo de Vide no Salão Royal.

A B C

EMPRESA TEATRAL ABC, LDA.

TELEF. 36 67 45



CHUCK WIDER

JOSÉ MIGUEL
APRESENTA

HOJE em ESTREIA

ÀS 20.30 E 22.45

O GRANDE ACONTECIMENTO DO ANO A FAMOSA COMPANHIA NORTE-AMERICANA

THE CHUCK WIDER SHOW

UM ALUCINANTE FESTIVAL
DE MÚSICA, CANÇÕES,
BAILADOS E FANTASIA

— A BROADWAY NO PARQUE MAYER —
UM SENSACIONAL ÊXITO MUNDIAL EM LISBOA

EM COMPLEMENTO: 1 ACTO DE REVISTA A PORTUGUESA

* OS MELHORES MOMENTOS DE «ESPERO-TE À SAÍDA!», com

BILHETES À VENDA * AMANHÃ—FERIA-
DO—1.º ESPECTÁCULO À TARDE, ÀS 16 H.



LOUISE WIDER

PELA PRIMEIRA VEZ EM PALCOS
PORTUGUESES UMA TREPIDANTE
REVISTA AMERICANA

MAIORES DE 17 ANOS

Salúquia e Camilo

BARRETE VERDE

«O MAIS ORIGINAL E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO»
BENAVENTE—TELEF. 74

Informamos os nossos estimados clientes que amanhã, dia 1 de Dezembro, as nossas salas se encontram reservadas para o almoço do VIII Congresso Internacional de Orthocide.

TODOS OS DOMINGOS E FERIADOS
RANCHOS FOLCLÓRICOS—FANDANGOS—
ACORDEONS—ORQUESTRA, ETC.

De passagem por Santarém, almoce ou
jante no RESTAURANTE DA CAMIO-
NAGEM RIBATEJANA.

Maiores
4 anos

Teatro de brincar

ABC

EMP. CURADO RIBEIRO
Tel. 366745

AMANHÃ
DIA 1
ÀS 18.30

UM GRANDE ÊXITO DE TEATRO INFANTIL

AMANHÃ
DIA 1
ÀS 18.30

DUAS COMÉDIAS

A MENINA DO CHAPELINHO
ENCARNADO

PINOCA E ZÉZE
MENTIROSOS

— E UM ACTO DE FANTOCHES
ZÉ CHORÃO E TÓ REFILÃO

No CAFÉ JARDIM, em PONTE DESOR, encontra-se à venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

Quarta-feira, 30 de Novembro de 1960

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- A empresa do Capitólio, em princípio, marcou para o dia 29 de Dezembro a estreia, da opereta «Campinos, mulheres e fados», original de Amadeu do Vale, com musica de Frederico Valério.
- Os palhaços portugueses Emílio e Kinito fazem parte da companhia internacional de circo que amanhã se apresenta no Coliseu do Porto.
- Da clínica particular, onde foi submetido a uma operação de urgência, teve alta o artista cenógrafo Ernani Martins.
- Chegou ontem da Holanda o artista de circo Adolfo Luftman, um dos «regisseurs», da companhia de circo que, no dia 7, se apresenta no Coliseu.

No D. Maria II

«Tá Mar» representa-se amanhã, em tarde cultural

A empresa do D. Maria II, correspondendo aos desejos insistentemente manifestados pelo publico, aproveita o feriado nacional de amanhã para apresentar, uma vez mais, em tarde cultural, a preços especiais, a obra-prima de Alfredo Cortez «Tá Mar», em cuja interpretação participam, além de Mariana Rey Monteiro e Raul de Carvalho, nos protagonistas, Amélia Rey Colaço, Aura Abranches, Luz Velloso, Helena Félix, Lourdes Norberto, Meniche Lopes, Maria Corte Real, Catarina Avelar, Pedro Lemos, Luís Filipe, Paiva Raposo, Manuel Correia, Varela Silva, José Cardoso e Carlos Gonçalves.

No ABC

Estreia da Companhia americana

«The Chuck Wider Show»

É hoje, finalmente, que José Miguel apresenta, no Teatro ABC, a

famosa companhia norte-americana «The Chuck Wider Show», um dos maiores êxitos dos Estados Unidos na Europa. Chuck Wider, conhecido coreógrafo e Louise Wider oferecem ao publico português uma revista no melhor estilo americano, deixando o espectador absolutamente aturdido com o fantástico turbilhão de musica, dança, ritmo e canções, autêntico «cock-tail» concebido com a maior competência. No «shaker», Chuck Wider juntou muitas coisas maravilhosas: algumas esplêndidas bailarinas, uma musica especial, alguns «boys», um guarda-roupa de extraordinária beleza e Louise Wider — daí nasceu um sensacional espectáculo que tem feito furor nas maiores capitais da Europa, figurando como principal atracção nos mais reputados teatros e casinos. São quarenta e cinco minutos alucinantes, quarenta e cinco minutos em que a Broadway desce ao Parque Mayer, transformando por completo o ABC. Em complemento, José Miguel apresenta a sua companhia, com Saluquia Rentini e Camilo de Oliveira nos melhores números do sensacional êxito «Espero-te á saída!». Todos os dias duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45. Amanhã, feriado, primeira «matinée», ás 16 horas. Bilhetes á venda.

POLITEAMA

O filme mais romântico de Deborah Kerr

Amanhã, ás 18 e 30, no cinema Politeama, efectua-se mais uma sessão da série «Os Grandes Romanços de Amor» com o mais romântico filme de Deborah Kerr, «A Amada Infiel». Realizado por Henry King e fotografado pelo sistema cinemascopio e technicolor, «A Amada Infiel» é a história de um amor verdadeiro que, pelo imprevisito das suas paixões, parece imaginado! Vivido magistralmente por Gregory Peck, Deborah Kerr e Eddie Albert, este apaixonante espectáculo, que retrata a figura sentimental do grande cronista F. Scott Fitzgerald, foca o eterno, due-

lo de um homem e de uma mulher que se querem através de tudo: do amor, do ciúme, do mal e do bem... Pelas senhoras presentes serão distribuidos inúmeros e valiosos brindes, como ramos de flores, livros, discos, garrafas «termus», produtos de beleza, lanches completos, óculos de sol, caixas de bombons, etc.

Tudo indica que o Politeama registre mais uma grande enchente, dada a indiscutível categoria deste programa, classificado para maiores de 17 anos.

As estreias de hoje

No Royal

Título — «A mulher incógnita».
Produção — Sul-Americana.
Interpretes — Libertad Lamarque e Miguel Aceves Mejia.
Argumento — Comédia musical.
Processo — Normal.
Distribuição — Internacional Filmes.
Classificação — 12 anos.
No programa: «Em defesa da lei», com George Montgomery e Nancy Gates.

As estreias de amanhã

No S. Jorge

Título — «O Circo dos Horrores».
Produção — Inglesa.
Realização — Sidney Hayers.
Interpretes — Anton Diffring, Erika Remberg e Yvonne Monlaur.
Argumento — Filme de terror.
Processo — Eastmancolor.
Distribuição — Jarofilme.
Classificação — 17 anos.

No Aviz

Título — «A Tirana».
Produção — Espanhola.
Realização — Juan Orduña.
Interpretes — Paquita Rico e Virgílio Teixeira.
Argumento — A vida de uma célebre cantora espanhola.
Processo — Eastmancolor.
Distribuição — Doperfilme.
Classificação — 12 anos.

Fabianino

regressa ao Coliseu

O conhecido e popular «régisseur» do Coliseu dos Recreios, Fabianino, retoma as suas funções naquela casa de espectáculos no próximo dia 7, apresentando a nova companhia de circo. Fabianino está completamente restabelecido de uma grave doença que o levou ao Hospital dos Capuchos e pede-nos que sejamos intérpretes da sua gratidão para com os srs. drs. Manuel Carrasco, director do serviço, e Artur Novais, médico-assistente, bem como para com o chefe Almeida e o enfermeiro Joaquim Seno, pelos cuidados de que o rodearam, permitindo-lhe que alcançasse resultados satisfatórios na cura de uma doença que, normalmente, se arrasta por muito mais tempo.

Na sua próxima reparação, não faltarão, por certo, a Fabianino, as palmas de um publico que o estima e aprecia a correcção dos seus processos.

Foram homenageados no hospital do Desterro dois enfermeiros que abandonam a actividade

Depois de meio século de actividade na enfermagem, ao serviço dos Hospitais Cívis de Lisboa, cessaram hoje as suas funções no Hospital do Desterro dois funcionários — o enfermeiro-chefe Raul Baptista Machado e a sua colega sr.ª D. Belmira da Conceição Santos —, que foram alvo de manifestações de amizade por parte de superiores e colegas, no decorrer de uma breve cerimónia, que se desenrolou no Serviço de Agentes Físicos daquele estabelecimento hospitalar.

Presidiu ao acto o sr. dr. Fernando Pimenta, adjunto do administrador dos Hospitais Cívis de Lisboa, ladeado, á direita, pelo homenageado.

UM COMBOIO

destruiu uma camioneta salvando-se o motorista

ENTRONCAMENTO, 30 (Pelo telefone) — Quando esta manhã uma camioneta pertencente á firma Leonel Gonçalves Moura, Lda., de Proença-a-Nova, carregada com 6 bidons de azeite, atravessava a linha férrea, numa passagem de nível sem guarda, a dois quilómetros da estação do Entroncamento, surgiu-lhe inesperadamente a locomotiva n.º 709, que circulava isolada, em direcção á estação da vila.

O choque foi violento. Aquele veículo ficou partido em duas metades.

Felizmente o motorista saiu ileso do desastre, o que causou admiração a todas as pessoas que viram o estado da camioneta. Desbaratou a locomotiva, e durante algumas horas interrompeu a circulação da via descendente Porto-Lisboa. Dos seis bidons de azeite rebentaram dois, que derramaram o liquido por todo o local do desastre.

A AGRICULTURA

e o II Plano de Fomento

No próximo dia 17 de Dezembro, pelas 16 horas, será proferida no salão nobre da Camara Municipal de Estremoz a 25.ª conferência do ciclo promovido pela Secretaria de Estado da Agricultura sobre o II Plano de Fomento. Será conferencista o sr. eng.º silv. Manuel Pinheiro Ferreirinha, que falará sobre «O aproveitamento tecnológico dos povoamentos de eucalipto».

Exposição fotográfica no Clube Académico de Portugal

Abre amanhã, ás 17 horas, o I Salão de Arte Fotográfica do Clube Académico de Portugal, na sede desta colectividade — Rua de S. Bento, 148, 1.ª. eq. A referida exposição estará patente ao publico até ao dia 9, das 20 e 30 ás 24 horas, e nos dias 4 e 8, das 15 ás 24 horas.

do e pela superintendente dos Serviços de Enfermagem, sr.ª D. Maria da Cruz Repenico, e, á esquerda, pela homenageada e pela enfermeira-geral sr.ª D. Felicidade de Jesus. Foram lidos dois louvores do sr. dr. Mário Carmona, enfermeiro-mor, nos quais se enalteciam as excepcionais qualidades profissionais e morais dos dois funcionários, que abandonam o serviço por terem atingido o limite de idade.

Assistiram á homenagem médicos e enfermeiros e pessoal de outros serviços.

Proferiram discursos de louvor e despedida os srs. Fernando Campos, enfermeiro-chefe do serviço de sangue, e a enfermeira sr.ª D. Margarida Brito.

Depois de os dois homenageados terem agradecido as referências que lhes haviam sido feitas, encerrou a série de discursos o sr. dr. Fernando Pimenta.

Aos dois funcionários cessantes foram oferecidas candeias em prata, cuja luz representa a vida humana. Foram-lhes ainda entregues muitos ramos de flores.

Claudia de Mocchi

(do Scala de Milão)

passou por Lisboa



No paquete «Augustus», que se encaminha para o Rio de Janeiro, passou hoje por Lisboa a famosa cantora italiana Claudia de Mocchi, nome celebrado do Scala de Milão e esposa do conhecido empresário Giuseppe Mocchi, filho do homem que emprenhou o genial Caruso.

Também procedente de Itália, regressou o jovem barítono Luís Andrade, bolseiro do Instituto de Alta Cultura, que em breve contrairá matrimónio.

Claudia Mocchi e Luís Andrade gravaram, em Rádio Clube Português, um recital das melhores composições do seu repertório. Na imagem, os dois artistas e o empresário Mocchi.

Recintos de diversões

Alfredo Duarte, «Marceneiro», Filipe Pinto, Manuel de Almeida, Alfredo Duarte Jor., Julio Vieitas, Moisés Campelos e Maria José da Guia, deram a sua adesão á festa de Ricardo Porfírio, que se efectua no próximo dia 5, no Salão Luso.

— O fadista e gerente artístico Filipe Pinto deu a sua adesão á festa do «Sector 1», que se efectua naquelle recinto, no próximo dia 4, ás 15 e 30.

— Domingos Silva escreveu para o repertório do cantor Manuel Carlos, que está a actuar com agrado, no Salão Luso, a produção, «A caminho da feirinha».

— No próximo dia 2, haverá, na «Vielas», uma noite de fado, e será exposta a «Casa da Mariquinhas», obra de Alfredo «Marceneiro». As mesas marcam-se pelo telefone 27256.

— Dentro de dias serão postos á venda dois novos discos de José Borges, com sete numeros de que é autor.

— Sob a direcção artística de Filipe Pinto, está obtendo grandes êxitos na Adega Mesquita, interpretando produções de que é autor, o popular artista Fernando Farinha.

— Também estão exibindo o seu repertório com geral agrado, na «Parreirinha de Alfama», os artistas Mariana Silva e Alberto Costa.

— Encontram-se desligados de compromissos o artista Joaquim Silveirinha e o violista José Inácio.

ULTIMAS MARIA VITORIA

Telef. 3 17 40

A empresa Eugénio Salvador e Rui Martins, Ld., em colaboração com Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

APRESENTA

Só até domingo!

a alegre e trepidante

COMPANHIA BRASILEIRA DE REVISTAS

na dinâmica revista

popular

GOSTO QUE ME ENROSCO! em que triunfam EVA TODOR

NICK NICOLA — EVILAZIO MARCAL — MARIA HELENA — TERESINHA ELISA — ELIZABETH HORN — AURISTELA ARAUJO — SARAH DORNEL — ARTUR COSTA (FILHO) — VICTOR DENIZAR e LIDO DA RIVA & IRENE



AMANHÃ, feriado nacional ás 16 horas

ESPECTÁCULO extraordinário á tarde!

3.ª-Feira, 6 — Estreia no Teatro Sá da Bandeira do Porto

BELCANTO

RESTAURANTE — BAR — SALAO DE CHA

«Boite de Nuit»

APRESENTA

HOJE, ÚLTIMAS ACTUAÇÕES DA CATEGORIZADA ARTISTA FRANCESA

ELYSABETH GAY

AMANHÃ, ESTREIA SENSACIONAL DA VEGETA DO CINEMA E DA RADIO NACIONAL

DEOLINDA RODRIGUES

TODOS OS DIAS, A TARDE E A NOITE, CONTINUA O GRANDE SUCESSO DO DINAMICO CONJUNTO

JORGE MACHADO

COM O VOCALISTA TINO

(Maiores de 17 anos)

(AR CONDICIONADO)

LARGO DE S. CARLOS, 10

Tel. 20607

ROYAL

ESTREIA em PORTUGAL

As mais belas canções nas vozes de

2 GRANDES ASTROS

LIBERTAD LAMARQUE e MIGUEL ACEVES MEJIA



Uma graciosa comédia que provoca ondas de riso!

UM FILME QUE VAI AGRADAR EM ABSOLUTO!

NO PROGRAMA

o emocionante filme em TECHNICOLOR

EM DEFESA DA LEI

com GEORGE MONTGOMERY e NANCY GATES
Exclusivo INTERNACIONAL FILMES

Mantendo viva a herança da pátria a colónia portuguesa servirá melhor a nação americana

— diz o dr. Moreira Baptista

OAKLAND, 30. — «É verdadeiramente maravilhoso e comovedor encontrar num país tão distante do nosso e sob tantos aspectos tão diferente, núcleos de Portugueses e descendentes seus mantendo tão viva a nossa língua, conservando as nossas tradições e manifestando o seu português a cada passo» — declarou o dr. Cesar Moreira Baptista, secretário nacional de Informação, de Portugal em entrevista concedida ao «Jornal Português», de Oakland, durante a sua visita aos Estados Unidos, mas só agora publicada.

Depois de referir a sua admiração pelos Estados Unidos, o dr. Moreira Baptista, a propósito de uma pergunta sobre o que pensava da hipótese, que está actualmente a ser discutida entre as sociedades portuguesas e luso-americanas da Califórnia, de reorganizar um congresso do movimento fraternal, disse:

«Muito pode e deve ser feito para tornar ainda mais estreitas as relações da colónia portuguesa da Califórnia e Portugal. Pela minha parte julgo que farei tudo quanto estiver ao meu alcance para apertar ainda mais esses laços. Mas a obra a fazer cabe à Colónia, tanto como ao Governo português. E quero, por isso, apelar para ela, para que a colónia não esqueça nunca que, quanto melhor mantiver viva a sua herança portuguesa, melhor servirá a nação americana onde se fixou». — (A. N. I.).

KUBITSCHKE E SUA ESPOSA recebem o título de sócios beneméritos da «Beneficência Portuguesa»

RIO DE JANEIRO, 30. — O presidente Kubitschke e sua esposa, recebem, hoje, o título de sócios beneméritos da «Beneficência Portuguesa» durante uma cerimónia que assinalará a colocação da primeira pedra no local destinado à construção do Hospital de Santa Maria, a levantar pela colónia portuguesa.

A solenidade tem início às 13 horas e estarão presentes, além dos agraciados, o governador do Estado de Guanabara, Sette Camara, o cardeal D. Jaime Barros Camara, o dr. Manuel Rocheta, e diversos componentes da embaixada portuguesa, directores da Sociedade e muitas personalidades de destaque. — (A. N. I.).

O prof. Manuel Pinto profere esta noite uma conferência

no Sanatório D. Carlos I

O ciclo de conferências promovido pelo director do Sanatório D. Carlos I, ao Lumiar, sr. dr. Joaquim Nunes de Almeida, prossegue esta noite, às 21 e 30, naquele estabelecimento, com uma conferência do sr. prof. dr. Manuel Pinto, subdirector do Instituto de Medicina Tropical.

Fizeram já conferências, integradas, neste ciclo, os srs. dr. Décio Ferreira e prof. Diogo Furtado.

A conferência que esta noite será proferida pelo ilustre cientista prof. Manuel Pinto, subordina-se ao tema: «Os vírus nas doenças pulmonares». Presidirá o director do Sanatório D. Carlos I.



O ministro da Saúde acaricia a face do pequeno António Alexandre

A mãe do António Alexandre a criança salva da cegueira agradeceu ao ministro da Saúde a sua decisiva interferência

Numa atitude bem compreensiva e justificada, a mãe do pequenito que nasceu cego foi, esta manhã, ao Ministério da Saúde, testemunhar a sua gratidão ao respectivo titular, sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, cuja intervenção imediata, possibilitada por comunicação do «Diário de Lisboa», permitiu salvar a criancinha da cegueira total.

Conforme já pormenorizadamente noticiámos, o pequeno António Alexandre foi há mais de um mês operado, com pleno êxito, em Santarém, pelo sr. dr. Rui Puga, categorizado especialista que, generosamente, se aprestou a suavizar o drama de uma família da Guarda, sem recursos económicos. A criancinha vê já do olho esquerdo e há cada vez maiores esperanças em conseguir curar também o olho direito. Ela foi ontem observada de novo por aquele clínico, que se mostrou satisfeito pela feliz evolução do tratamento, convocando-a para nova observação daqui a um mês.

A Maria Antónia de Almeida Alves, porém, não quis regressar de novo à sua terra sem, pessoalmente, testemunhar o seu reconhecimento ao ministro da Saúde, pelas facilidades que veio a encontrar por parte do Instituto de Assistência à Família e outros organismos. Assim, pegando no seu filhinho, e acompanhada de sua irmã, Conceição de Almeida, empregada em Lisboa, deslocou-se, de manhã, àquele Ministério.

O referido membro do Governo mostrou-se sensibilizado pela visita e regozijou-se com o progressivo estado físico do António Alexandre, que já sorri, olha para o sentido

correcto quando se lhe acena com qualquer objecto e pesa já 7 quilos. O sr. dr. Martins de Carvalho, com extrema afabilidade, interessou-se pela evolução do tratamento; dizendo, modestamente, ter apenas cumprido o seu dever; e, tendo, por fim, palavras muito gentis para a acção desempenhada pelo nosso jornal neste tão humanitário caso.

LÉON URIS EXODUS

ROMANCE

● EXODUS é o romance de uma extraordinária aventura.

● EXODUS leva o leitor à velha Rússia, aos «ghettos», da Europa Central, à Alemanha nazi, à Varsóvia dos anos terribéis, à Chipre, a Israel.

● EXODUS é uma história verídica.

● EXODUS é a narrativa romancada de uma das maiores epopeias da História.

● EXODUS foi, nos Estados Unidos, durante 52 semanas, o maior «best-seller».

● EXODUS — Quatro milhões de exemplares vendidos nos Estados Unidos.

● EXODUS — O livro mais volumoso editado por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA — \$10 págs.

● EXODUS — O sucesso que fecha o ano de 1960 e de que se falará em 1961.

● EXODUS — Um romance da Coleção «SÉCULO XX».

UMA EDIÇÃO DE

Publicações Europa-
-América

Rua das Flores 45 - Lisboa-2

Esta noite, no A grande espectáculo a favor para um Natal em ca

(Continuação da 1.ª página)

ram já fixados esses locais onde a grande campanha do «Diário de Lisboa» culminará com a oferta da magnífica dádiva de amor e generosidade de boa gente portuguesa à população da capital. São esses locais em Belém, Ajuda, Alcantara, Madragoa, Campo de Ourique, Santa Catarina, Bairro Alto, Baixa, Costa do Castelo, Alfama, Graça, Alto do Pina, Marvila, Campolide, Benfica, Lumiar, Alvalade, Mouraria, Santos e Areeiro.

Mercê da inspiração e do engenho dos artistas, que têm a sua disposição, com todas as facilidades os materiais de ornamentação que o Município fornece, criar-se-á naquelas zonas o ambiente de exultante alegria em que decorrerá a celebração do Natal para as camadas populares. Toda a cidade estará em festa, e com tão valiosas contribuições, com o auxílio, as ofertas, os donativos, as lembranças que, diariamente, afluem, este excepcional movimento de solidariedade à volta da iniciativa do «Diário de Lisboa» levará a alegria e a abundância aos lares singelos onde o Natal terá o verdadeiro significado do seu luminoso idealismo de fraternidade, amor e harmonia.

O grande espectáculo desta noite no Avenida

Esta noite, a população da capital terá uma das muitas possibilidades que se lhe deparam de contribuir directamente com a sua dádiva generosa, acorrendo ao teatro Avenida, pois a receita do magnífico espectáculo irá avolumar o fundo da campanha para um Na-



Santos Carvalho e Maria Adalina

tal em cada bairro. É a cativante e valiosa contribuição do ilustre empresário Vasco Morgado, que lhe destina duas noites com os espectáculos de maior êxito nos últimos anos em Lisboa, em cena no Avenida e no Monumental.

Esta noite, o Avenida registará

VÁ ESTA NOITE AO TEATRO AVENIDA

ESPECTÁCULO A FAVOR DA CAMPANHA DO

«DIÁRIO DE LISBOA»
UM NATAL
EM CADA
BAIRRO

A grande farsa
FLAUSINO
Homem de Letras

com António Silva
Madalena Sotto
e todo o elenco
da Companhia

(Para maiores de 12 anos)

Para as festas do Natal

Visite a nossa exposição permanente onde encontra os mais ricos presentes pelos mais baixos preços. Ouro, Pratas, Jóias e Relógios.

BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56

mais uma das suas consecutivas enchentes, no mesmo ambiente de sugestão festiva que caracteriza as magníficas jornadas em prol da campanha para o Natal Popular em Lisboa. O significado altruista do gesto admirável de Vasco Morgado, secundado pelo entusiasmo dos seus artistas e a categoria do espectáculo aliciente bastam para garantir o êxito, com o provento, desta iniciativa ligada ao grande movimento de solidariedade, que, em Lisboa tem a sua máxima expressão.

O cartaz do espectáculo que multitudes de espectadores têm aplaudido calorosamente é a impagável farsa, espirituosa, de irresistível comicidade e constante gargalhada, «Flausino, homem de letras», apresentada a um nível artístico de alta categoria. É uma peça de bom teatro, plena de graça, flagrante de

Mais de 300 mil estrangeiros visitaram Portugal

de Janeiro a Outubro

Segundo o boletim da Repartição de Turismo do Secretariado Nacional da Informação, em 1959, visitaram o continente português, de Janeiro a Outubro, 268 701 estrangeiros. Em igual período do ano corrente, esse numero elevou-se a 318 698, dos quais 11 276 no mês de Outubro.

Uma teoria qu

Quando, há cinco anos, a BP apresentou no nosso mercado a mais recente novidade em matéria de lubrificantes — o seu ENERGOL «Visco-Static» — ela fez, indirectamente, uma valiosa oferta à Economia Nacional.

Do valor da sua contribuição rezam as referências elogiosas de tantos consumidores automobilistas, que são hoje, afinal, os mais eficientes meios da propaganda deste óleo excepcional.

Eles têm verificado — e têm-no dito — que o «slogan» dos 80 % de diminuição nos desgastes, é uma verdade palpável. Eles sabem que os motores dos seus carros, quando comparados com motores iguais de outros carros lubrificados com óleos vulgarmente bons, apresentam características de muito maior longevidade que se traduz na manutenção dos mesmos segmentos, limpos, e livres por muitos mais quilómetros. Eles sabem também que as descarbonizações são adiadas por desnecessárias, que as velas se eternizam, que a compressão se mantém em alto nível e em regime de igualdade para todos os cilindros, e que desta forma o seu precioso capital está mais defendido, adiando a saída de divisas para a compra de carro novo.

A primeira vista, dá a impressão que esta política de fazer durar a máquina para limites além do vulgarmente sabido, é contrária aos interesses do fabricante dessa máquina; mas esta dedução é falsa porque a experiência demonstra precisamente o contrário: quanto mais fáceis forem os meios de fazer durar um elemento de trabalho, mais barato ele se torna, e maior é a possibilidade de aumento da sua difusão entre os utilizadores.

Assim, e respondendo à contribuição da BP para essa valorização dos produtos da indústria automóvel, um sem numero de fabricantes dá hoje a sua recomendação ou a sua aprovação ao uso de óleos «mul-

Tapetes e Carpetes

Quintão

CASA ESPECIALIZADA

apresenta a maior colecção do país

30, Rua Ivens, 34
loja e 1.º andar

QUIOSQUE TIVOLI

AO COMEMORAR O SEU 26.º ANIVERSÁRIO, SAÚDA O EX.º PÚBLICO EM GERAL E AGRADECE, MUI PARTICULARMENTE, AOS SEUS EX.ºS CLIENTES PELA PREFERÊNCIA COM QUE O TÊM HONRADO.

OS PROPRIETÁRIOS

venida r da campanha la bairro

actualidade, em que o grande actor António Silva põe á prova todo o extraordinário talento e os seus inconfundíveis méritos numa das melhores criações da sua brilhante carreira, secundado por um valioso naipe dos melhores artistas, dos mais estimados, e apreciados pelo publico, cujas interpretações são admiráveis: Madalena Sotto, Maria Dulce, Maria Adelina, o popular Artur Semedo, Santos Carvalho, Alberto Ghira, Joaquim Miranda, Georgina Cordeiro e Virgílio Macieira.

Durante estes ultimos dias, foi extraordinário o movimento nas bilheteiras do Avenida, onde, possivelmente, ao princípio da noite, ainda haverá alguns bilhetes para os que se reservam sempre até á ultima hora.

Entretanto, afluem os donativos, as lembranças, as ofertas, que vêm de toda a parte, pois ninguém fica insensível a este largo movimento de solidariedade para que a população humilde da cidade tenha o seu Natal alegre e feliz.

Resposta a um censor da «História da Republica»

Por absoluta falta de espaço, não publicamos hoje o terceiro artigo do nosso prezado camarada de redacção Carlos Ferrão da série intitulada «Resposta a um censor da «História da Republica», que só voltaremos a inserir no próximo sábado, em virtude de, após o feriado de amanhã, prevermos nova acumulação de original, na sexta-feira.

se confirma

«grade» que são já a generalização do pioneiro «Visco-Static».

Numa informação desta natureza não cabe o desenvolvimento de explicações técnicas justificativas dos sucessos verificados; essas deduções foram largamente expandidas na altura da introdução do produto, e ainda são perfeitamente actuais, estando ao alcance de quem as deseja. No entanto, e após o já largo período de 5 anos ao serviço do automobilista, é-nos grato constatar que a prática demonstrou serem inteiramente certas as afirmações então produzidas de ser o BP ENERGOL «Visco-Static» um lubrificante capaz — como nenhum outro até então concebido — de proporcionar:

- 1.ª — Máxima estabilidade nos valores de viscosidade em função da temperatura;
- 2.ª — Maior facilidade de arranque a frio, com consequentes diminuições de desgaste do motor e de enfraquecimento da bateria;
- 3.ª — Abaixamento de valores na percentagem de acumulação de vernizes e gomas, donde resulta maior eficiência dos segmentos e, portanto, menos passagem de gases ao cárter;
- 4.ª — Menor corrosão das peças por efeito da elevada detergência em tempo frio ou em quente;
- 5.ª — Melhor rendimento da gasolina usada, visto que, com as camaras mais limpas, a taxa de compressão é menos afectada, evitando-se o uso de velocidades intermediárias. Faz-se em prise aquilo que noutras condições só se consegue em terceira;
- 6.ª — Menor acumulação de cinzas porque os aditivos presentes são os precisos para facilitar a sua expulsão pelo escape, sem que se tenha evitado justamente a presença dos elementos necessários á lubrificação eficiente, e á defesa do material.

A síntese destas constatações encontra-se materializada no sucesso obtido e, de certo modo também, no incitamento que originou em outros especialistas de Lubrificação.

O leitor interessado nestes assuntos tem na BP — Serviços Técnicos ou Publicidade — elementos á sua disposição para completar o seu convencimento.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257



O ministro das Obras Publicas agradece aos representantes das forças vivas de Viseu

A medalha de ouro da cidade de Viseu foi hoje entregue ao ministro das Obras Públicas

Ao engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, foi hoje entregue, conforme decisão tomada pela Camara Municipal de Viseu, a medalha de ouro daquela cidade em sinal de agradecimento pelo grande interesse que aquele membro do Governo tem merecido os problemas relativos ao progresso citadino e ao concelho viseense.

A cerimónia efectuou-se no gabinete do ministro, estando presentes os deputados drs. Abranches de Soveral, Manuel Nunes Fernandes, Cid Proença, Américo Cortez Pinto, José Manuel da Costa e Cerveira Pinto, o governador civil do distrito, dr. Manuel Marques Teixeira, o presidente da Camara Municipal, capitão Romão Loureiro, o procurador á Camara Corporativa, sr. João de Figueiredo Cabral de Mascarenhas, e outras figuras representativas das várias actividades concehlias.

O ministro estava acompanhado pelo subsecretário de Estado, engenheiro Saraiva e Sousa.

O dr. Marques Teixeira disse: — E' um dever que se cumpre; é um acto de pura justiça que se pratica; é uma alegria de alma que se experimenta.

Garantiu que, com aquela representação tão qualificada, estava em espirito toda a população da cidade de Viseu e do seu concelho.

Prestou homenagem «ao homem publico de reais qualidades que tem visão larga e desembaraço de acção, o governante que concebe, que executa, que sugere, que aconselha e que ampara todos quantos têm, por imperativo da função, ou por aco do seu ideal não só a obrigatoriedade, mas também o gosto de se darem aos outros em ordem á efectivação do bem publico», dizendo: «Viseu, sr. ministro, não esqueceu, não esquece, jamais esquecerá o auxilio precioso que deve a V. Ex.ª, a amizade penhorante com que V. Ex.ª, em toda a sua grande sensibilidade e bondade de coração, a vem distinguindo. Reconhecê-lo é proclamar a verdade».

Afirmou que o que se verifica quanto a Viseu é extensivo a todo o País. Enalteceu a obra de engrandecimento do País, feita sob a chefia de Salazar, e pediu que o ministro transmitisse aos Chefes do Es-

tado e do Governo os sentimentos de fidelidade, dizendo que «a vida é valor que não conta quando, sobretudo, antes de tudo e acima de tudo primam e prevalecem outros valores mais altos — a liberdade, a soberania, a dignidade, a honra e a eternidade do nosso querido Portugal que queremos uno, que há-de conservar-se indiviso».

O capitão Romão Loureiro, depois de afirmar que a deliberação tomada pela Camara de Viseu corresponde aos sentimentos da população, recordou que foi aluno do engenheiro Arantes e Oliveira, na Escola do Exército, e leu a proposta que o Município viseense aprovou por aclamação, procedendo, em seguida, á entrega da medalha e do respectivo diploma.

O ministro agradeceu a presença das diversas entidades e as palavras proferidas, dizendo que, embora procure evitar manifestações como aquela a que estava assistindo, era com grande satisfação que recebia da cidade e do concelho de Viseu a maior distinção:

— Nós sentimos a necessidade de dar tudo quanto podemos para cumprir a nossa missão. Por isso, vivemos numa inquietação permanente, na duvida quanto a esse cumprimento, por vezes na impossibilidade de cumprir certas promessas que o nosso entusiasmo leva a fazer. Quanto a Viseu, estamos libertos dessa duvida.

O ministro congratulou-se por verificar a união que existe na cidade, no concelho e no distrito de Viseu, em volta das autoridades, observando:

— Esse espirito da união em volta do progresso das nossas terras é o mesmo que estamos verificando nas circunstancias actuais, em todo o País. Não sabemos que provações nos estarão reservadas; mas uma coisa temos já, que em parte, nos compensará: á primeira voz, o País manifestou-se á volta do seu grande chefe, afirmando a sua absoluta confiança na sua acção.

Por fim, referiu-se carinhosamente ao concelho de Viseu, dizendo que nele encontrou sempre a melhor compreensão e a maior colaboração que permitiram a actividade do Ministério, sem desrespeito pelas prerrogativas municipais; e disse estar confiante em que os problemas que ainda existem em Viseu serão resolvidos, como foram os outros.

Depois, o governador civil, o presidente da Camara e os vereadores passaram pelo gabinete do ministro do Interior, a apresentar cumprimentos.

Os coleccionadores portugueses

depõem sobre o caso

dos cêntimos americanos

Entre os coleccionadores portugueses de moedas estrangeiras, o sr. António Horta Catarino não será, certamente, dos mais modestos. A sua opinião sobre o caso das moedas de cêntimo americanas não é, pois, para desprezar. Por isso a registamos hoje.

Segundo o referido coleccionador, não houve até agora, á parte o telegrama de Montreal, a mais pequena referência á cunhagem de dezasseis unicas moedas de cobre incluídas nas emissões dos «cêntimos de aço da guerra», no ano de 1943, nos Estados Unidos.

O sr. Horta Catarino mostrou-nos o volume de 1954 de «How to Collect Stamps, Coins and Paper Money», que inclui um capítulo dedicado ás moedas de 1 cêntimo norte-americanas, onde não se alude ás famigeradas moedas identificadas no Canadá e em San Francisco — a fazer fé na informação proveniente de Montreal.

No que se refere ás moedas de aço e zinco, de 1943, o sr. Horta Catarino recebeu há tempos a informação, fornecida por um coleccionador estrangeiro com quem trocou moedas, de que tinham sido retiradas da circulação. Como os leitores devem estar lembrados, o sr. Jorge G. Ribeiro Borralho, autoridade em numismática, afirmou ontem ao «Diário de Lisboa» que esses cêntimos continuavam em circulação.

Uma valiosa contribuição da Portugália Editora para «O Natal visto pelas crianças»

Serão distribuídos centenas de livros entre os concorrentes a «O Natal visto pelas crianças». Além de conceituadas casas de artigos de pintura e desenho, como A. Ferreira, Lda., «Au Petit Peintre», Papelaria Carlos e Fábrica de lápis e utensílios estilográficos «Mars», de Nuremberg, de que é agente em Portugal Walter Schmidt, a fábrica de A. Lopes Coelho de Sousa e a Casa Benard, ambas de brinquedos, os Estabelecimentos Valentim de Carvalho, o «Teatro de Brincar», de Fernando Curado Ribeiro, colaboram com o «Diário de Lisboa» a Parceria António Maria Pereira, a Editorial Minerva, a Livraria Civilização, Livraria Clássica Editora, Editora João Romano Torres, Editorial Ibis e agora a Portugália Editora. Das suas valiosas colecções «Biblioteca dos Rapazes», «Biblioteca das Raparigas», e «Colecção Juvenil», orientadas segundo actualizado critério literário e pedagógico, a Portugália Editora oferece aos concorrentes a «O Natal visto pelas crianças» livros como «Scaramouche», de Rafael Sabatini, «Tom Brown na escola», de Thomas Hughes, «Os Três Mosqueteiros», de Alexandre Dumas, «Benito Cereno», de Herman Melville, «Hornblower entra na Marinha», de C. S. Forester, «O Rapto de Stevenson», «O

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco e o céu estava limpo por acção duma massa de ar seco transportada na circulação dum núcleo anticiclónico centrado no Sul da França.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.): Porto, 5°; Lisboa e Coimbra, 7°; Portalegre, 8°; Faro, 11° e Funchal, 17°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado, predominando de Leste, rondando para Sudoeste moderado. Possibilidade de neblinas matinais na orla costeira a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 10°6'; na água do mar, 15°8'.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 16°2'; mínima, 7°6'. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°8'; mínima, 9°5'.



O COMANDANTE REID

DESTROI O MITO DA FUGA IMPOSSIVEL

A fuga pode ser hoje considerada, por direito próprio, o desporto numero um, pelas aptidões físicas que requer e pelo indispensável conjunto de predicados de animo e carácter, implicitos nos seus praticantes. Em nenhum outro desporto o prémio é tão exaltante em caso de vitória, e nenhum outro tem consequências tão drásticas na derrota. Patrick Reid, M. B. E., M. C., descreve como formou uma espantosa brigada de evasão da tenebrosa fortaleza onde os nazis encerravam os prisioneiros mais relutantes, no seu já famoso livro «O Castelo de Colditz», que, na Inglaterra, teve uma venda superior a meio milhão de exemplares só na edição PAN. Este maravilhoso livro, agora traduzido para português pelo comandante Costa Santos, e editado por Livros do Brasil, figura como o primeiro «escape-book» publicado em Portugal.



GRAVATAS

ITALIANAS
AUSTRIACAS
FRANCESAS

NUNES CORRÊA

ALFAIATES

RUA AUGUSTA, 250

EMPRÉSTIMO

Precisa-se de 12 500 contos a juro e prazo a combinar, com garantia hipotecária em arteria de primeira ordem.

Carta a este jornal ao n.º 24.

Não se responde nem se continua negociações com intermediários.

JOIAS

Antigas e modernas. Compra, cobrinha todas as ofertas. **OURIVESARIA PIMENTA**, Rua Augusta, 253. — Telet. 24564.

Couto PASTA MEDICINAL

Não é uma Pasta qualquer. **COUTO... é a Pasta Medicinal que protege melhor os seus dentes contra a cárie e defende as gengivas das várias doenças, que tanto mal podem causar.**

Consulte o seu médico. Mas até lá vá usando **PASTA MEDICINAL COUTO** contra as doenças da boca e suas complicações.

O PORTO pelo telefone

Actos de posse no Governo Civil

PORTO, 30. — O sr. dr. Elísio Pimenta confere esta tarde posses, no seu gabinete, á Comissão Administrativa da Misericórdia de Lousada que é presidida pelo sr. dr. Fernando Pacheco de Sousa. Em seguida empossará, no lugar de presidente da Camara Municipal de Felgueiras, o sr. dr. José Dias de Sousa Ribeiro, que assumirá aquele cargo em substituição do sr. dr. Leal de Faria que o abandona a seu pedido.

Desastre espectacular

Na Rua do Pampo Alegre uma furgoneta mista, conduzida pelo comerciante Alberto Augusto Leite, de 46 anos, casado, e em que seguia o empregado de escritório António Augusto Pinho Silva, de 20

anos, solteiro, ambos residentes na Rua do Passeio Alegre, 936 e 930, respectivamente, talvez devido a excesso de velocidade, foi embater lateralmente num automóvel que seguia á sua frente, após o que chocou violentamente com uma coluna dos Serviços de Transportes Colectivos, voltando-se. Do acidente saíram feridos os dois ocupantes daquele veículo que foram conduzidos num automóvel particular ao Hospital de Santo António, onde receberam tratamento, recolhendo a suas casas.

Ameaçou de morte se o denunciasse

O sr. Adolfo Cardoso (residente na Rua das Antas, 182, queixou-se á Policia contra um individuo, morador na mesma rua, acusando-o de ter entrado no seu estabelecimento de mercearia e de ali ter roubado vários artigos, ameaçando de morte o seu empregado Joaquim Novais, de 13 anos, se o denunciase.

Associação

dos Estudantes

da Escola Superior de Medicina Veterinária

A Associação dos Estudantes da Escola Superior de Medicina Veterinária leva a efeito, no próximo dia 3 de Dezembro, ás 21 e 30, uma sessão, no salão nobre daquela escola superior, a que presidirá o reitor da Universidade Técnica de Lisboa, durante a qual dissertará sobre o tema «Subsídio para um Novo Estatuto do Médico-Veterinário Municipal», o sr. dr. António Madureira.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Artur Brandão

Após missa de corpo presente na igreja de S. Mamede, efectuou-se hoje, com grande acompanhamento, para jazigo de familia no cemitério de Benfica, o funeral do antigo deputado, publicista e editor, sr. Artur Brandão, cujo falecimento ontem noticiámos ter ocorrido em Braga, onde os seus restos mortais estiveram depositados na igreja do Hospital de S. Marcos, vindo para Lisboa em auto-fúnebre.

Cartaz dos espectáculos

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — A's 21 e 45 — a peça «O Rinoceronte», pela companhia do T. E. P. (17 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A luz do Sol», drama—(17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia de Circo Internacional (12 anos).
RIVOLI — A's 15,30 e 21,30 — «Do alto do terraço», drama (17 anos).
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Sangue sobre a Índia» drama (12 anos).
SA DA BANDEIRA—A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A árvore encantada», aventuras (6 anos).
FRINDEADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Por favor não comam os malmequeres» comédia (17 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Encontro com a vida», drama (17 anos).
VALE FORMOSO—A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Onde vais, triste de ti», histórico (12 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Ventos de Revolta», aventuras—(17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Fonte dos Amores», romantico (17 anos).
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Olhem-nos, mas não toquem», comédia (17 anos).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda	C. diversas	Efect	Compra	Venda
Cons 2 3/4 T. 10	824\$00	823\$00	825\$00	Cimentos Tejo	—	685\$00	725\$00
Cons 3 % T. 10	901\$00	900\$50	901\$50	Cimentos Leiria	—	560\$00	—
Cons 3 1/2 % T. 10	990\$00	988\$00	990\$00	Credito Predial	59\$80	59\$60	60\$00
Centenários 4 % 1949	—	2.185\$00	2.200\$00	Industrial Allança	—	—	—
Jbg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.002\$00	—	Portugal e Colonias	458\$00	455\$00	460\$00
Jbg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.002\$00	—	Nacional Navegação	1.111\$00	1.110\$00	1.130\$00
Jbg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.002\$00	—	Colonial Navegação	—	860\$00	—
Externo 1.ª série	—	1.300\$00	—	Port de Celulose	—	2.920\$00	2.940\$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.310\$00	1.340\$00	Portuguesa de Pesca	—	1.500\$00	1.550\$00
Externo 2.ª série	—	1.300\$00	—	Port. de Tabacos	317\$00	316\$00	318\$00
Ext. 2.ª série car.	—	1.300\$00	—	Tabacos de Portugal	—	700\$00	720\$00
Externo 3.ª série	—	1.330\$00	—	S. Estrela	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.330\$00	—				
Caut. 8.ª série s/juro	—	200\$00	215\$00				
Obrigações				Agua, Electricidade e Gás			
Agua Lisboa 5 %	—	—	—	Agua Lisboa 1934	—	335\$00	340\$00
Norte de Portugal 5 %	105\$00	—	105\$00	Agua Lisboa 1936	—	330\$00	—
Jas Elect. 3 3/4 %	—	—	950\$00	Elect. das Beiras	—	1.660\$00	1.680\$00
Jas Elect. 4 %	—	—	950\$00	Gás e Electricidade	349\$50	349\$00	350\$00
Jas Elect. 4 1/2 %	—	—	986\$00	H. Alto Alentejo	158\$00	157\$50	158\$50
Jas Elect. 5 %	—	—	1.025\$00	H. E. Cávado	—	1.320\$00	1.325\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—	H. E. Zézere	1.315\$00	1.315\$00	1.320\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	95\$00	Nac. de Electricidade	1.471\$00	1.470\$00	1.474\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	União Eléctrica Port....	—	175\$50	176\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	96\$50	—	H. E. do Douro	1.320\$00	1.315\$00	1.325\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	99\$50	—				
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—				
Metropolitano	1.008\$00	1.006\$00	1.010\$00				
H. E. do Douro	—	1.015\$00	—				
J. P. 4 1/2 %	1.034\$00	—	—				
H. E. da S. da E. 5%	—	1.010\$00	—				
Ações Bancos							
Alentejo	—	520\$00	640\$00				
Angola	—	—	—				
Esprito Santo	—	—	—				
Lisboa & Açores	—	2.500\$00	2.570\$00				
Portugal	—	3.100\$00	3.120\$00				
Ultramarino	1.665\$00	1.660\$00	1.668\$00				
Agricultura	74\$00	73\$50	74\$50				
Seguros							
Mundial	—	390\$00	400\$00				
Soberana	—	1.400\$00	2.000\$00				
Sagres	—	—	—				
Lagos	—	—	—				
C. Ultramarinas							
Ag. Cassequei	1.001\$00	1.000\$00	1.001\$00				
Ag. das Neves	—	350\$00	400\$00				
Agric. Colonial	275\$00	270\$00	280\$00				
Açúcar de Angola	—	—	1.335\$00				
Boror	—	235\$00	245\$00				
Cabinda	—	42\$00	48\$00				
Cadã	—	1.980\$00	2.100\$00				
Colonial do Buzi	125\$50	125\$00	126\$00				
Ilha do Príncipe s/d... ..	—	—	—				
Incomat	—	1.800\$00	2.000\$00				
Moçambique	—	76\$00	78\$00				
Zambézia s/d.	—	105\$50	106\$00				
Diamantes	588\$00	587\$00	590\$00				
Jobito	—	500\$00	—				

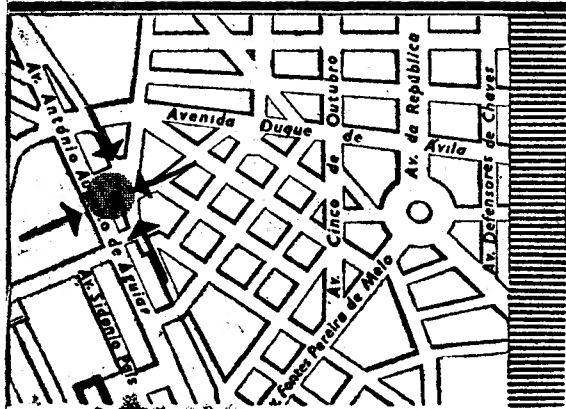
Cotações fornecidas por PINTO DE MAGALHÃES, LDA. — Banqueiros

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78\$25	78\$75
Alemanha	6\$78	6\$93
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$20	28\$50
Dólares de 5 a 1000 ...	28\$40	28\$70
Argentina	\$32	\$35
Austria	1\$10	1\$15
Bélgica	\$56	\$58
Brasil	\$14,2	\$15,7
Canadá	28\$70	29\$20
Congo Belga	—	\$40
Dinamarca	4\$00	4\$30
Eslovénia	\$46,8	\$47,8
França (N. Franco)	5\$70	5\$85
Holanda	7\$45	7\$75
Inglaterra	79\$75	81\$25
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$04,6	\$05,2
Noruega	\$585	\$615
Suécia	5\$40	5\$70
Suíça	6\$60	6\$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	275\$00	285\$00
Portugal — Barra	33\$00	34\$00
Portugal — Barra Fino	33\$20	34\$20

BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
TELEF. 21273
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito



CONCESSIONARIOS: GARAGEM E ESTAÇÃO DE SERVIÇO VINAS, LDA.



COM A ABERTURA AO PÚBLICO DA ESTAÇÃO DE SERVIÇO NO LARGO DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, A

SACOR

COLOCA OS SEUS PRODUTOS A DISPOSIÇÃO DOS AUTOMOBILISTAS, E FACULTA-LHES UMA ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA MAIS ALTA QUALIDADE.

SUPERCARBURANTE, GASOLINA, GASÓLEO E ÓLEOS

Talismã

O MAIOR PROGRAMA RÁDIO PUBLICITÁRIO PORTUGUÊS



UMA REALIZAÇÃO DE
PRODUÇÕES GILBERTO COTTA-PUBLICIDADE, LDA.

1 DE DEZEMBRO DE 1952 — 1 DE DEZEMBRO DE 1960

AO ENTRAR NO 9.º ANO DE ACTIVIDADE SAUDA
TODOS OS SEUS ANUNCIANTES E OUVINTES!

AMANHÃ, 1 DE DEZEMBRO
PROGRAMAS DE ANIVERSÁRIO

EMISSORES DE LISBOA E PAREDE: DAS 7.00 ÀS 8.30 HORAS
DAS 10.00 ÀS 12.00 HORAS

EMISSORES DO PORTO E MIRAMAR: DAS 7.00 ÀS 11.30 HORAS

ATRAVÉS DE

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS



TALISMÃ DESPORTIVO

A **RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA** DE COLABORAÇÃO COM
PRODUÇÕES GILBERTO COTTA-PUBLICIDADE, LDA.
APRESENTAM AMANHÃ, ÀS 22,30 A TELEGRAVAÇÃO INTEGRAL DO EN-
CONTRO DE FUTEBOL

UJPEST - BENFICA

COM O PATROCÍNIO EXCLUSIVO DA

ROBBIALAC PORTUGUESA

1 DE DEZEMBRO DE 1952 — ESTREIA DE TALISMÃ NA RÁDIO PORTUGUESA

1 DE DEZEMBRO DE 1960 — ESTREIA DE TALISMÃ DESPORTIVO
NA RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA

TALISMÃ SÍMBOLO DE QUALIDADE NO PRESENTE...
GARANTIA NO FUTURO!!

VIDA ARTISTICA

Francisco Relógio expõe na galeria do «Diário de Notícias»

O problema não é apenas o de Francisco Relógio, mas o seu caso é exemplar. A exigência de uma renovação ou ampliação de temática é inteiramente discutível. A segurança da evolução lenta causa, por vezes, no espírito de um publico pouco complacente, uma impressão de monotonia. Apesar de não ser vasta a obra de Francisco Relógio acusa diversas tentativas iniciais e, imediatamente, um rumo escolhido e defendido. Dir-se-á que a fase inicial de Relógio contém a hesitação inevitável e que a sua obra é monolítica. Quanto a nós, é a unidade que nos atinge, o seu sentido de continuidade que nos impressiona.

Desenhador, por largos e decisivos anos desenhador, Relógio renova os seus materiais, através da pintura, da tempera, da cerâmica, dando maior amplitude ao seu mundo lírico e barroco. O desenho deu consistência a esta pintura que ainda o é, em grande parte, no rigor, na construção, na inscrição da cor, na estrutura anterior das linhas. Falta a Relógio o espaço que esta

CURSO

sobre Romance

Contemporâneo

Realiza-se hoje, dia 30, no anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a segunda lição do Curso sobre Romance Contemporâneo, iniciativa da Sociedade Portuguesa de Escritores que, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, se está a repetir em Coimbra, depois do grande êxito obtido em Lisboa.

A organização em Coimbra deste Curso foi confiada à Associação Académica. A lição desta noite, sobre o romance italiano contemporâneo, será proferida pelo professor Vieira de Almeida.

A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores será representada pelo escritor Paulo Quintela, ilustre professor da Universidade de Coimbra.

A próxima conferência, na sexta-feira, 2 de Dezembro, está a cargo do dr. Urbano Tavares Rodrigues, que se ocupará do Romance Francês Contemporâneo.

Manifestação

de desagravo

dos legionários de Guimarães

Os legionários do Batalhão n.º 13, de Guimarães, efectuaram uma marcha a pé desde aquela cidade até à sede do seu comando distrital, em Braga.

Levou-os ali o propósito de repudiarem as insólitas acusações proferidas contra a soberania de Portugal na Assembleia Geral das Nações Unidas. Manifestaram a sua decisão de defender a integridade da Pátria e de apoiar incondicionalmente o Governo da nação.

Lãs para Irícolar

A' MÃO E A' MÁQUINA
Formidável baixa de preços!!!
Australiana Schetland e Escocesa, que eram de 200\$00, o quilo, vendemos agora directamente ao publico, por conta da Fábrica, a

180\$00 e 150\$00

Tipo económico, em pura lã, a

100\$00!!!

o quilo

Novas remessas em lã estrangeira acabam de chegar á

CASA VIDIGAL

Rua dos Sapateiros, 219, 1.º-esq.
(Junto ao Arco Bandeira — Rossio) — Lisboa

MORADIA

Em Cascais. — Vendo boa construção recente com 6 div. assoalhadas, 3 casas de banho, grande terraço, garagem, arrecadação e capoeiras. Aquecimento central, logradouro ajardinado. Telefone 080095.

sua humanidade exige porque estamos dispostos a crer que ele seria, entre nós, um dos mais sólidos «fresquistas» do nosso tempo. A tela e o cartão estão dominados por uma linguagem tão larga, tão ampla, sublinhada por uma força generosa mas quase colérica, que nos sugere a pintura mural mexicana, próxima de uma realidade portuguesa. A positiva ambição de Relógio excede as proporções da tela e do cartão, transborda, e a pintura fica pormenor, como que ampliação curiosa de desenhos anteriores, em motivos quebrados, decorativos. O que Relógio exige são espaços mais vastos, que é urgente possibilitar-lhe. De outro modo condená-lo-emos a uma mutilação de início consciente, expectante ainda que ansiosa, por fins apenas dolorosa.

A pintura que Relógio expõe na galeria «Diário de Notícias» tem a solidez do seu desenho e a temática permanece igual a si mesma, descrita por um honesto e comovido lirismo que utiliza o barroco como linguagem. Dir-se-á que as telas são pedaços de desenhos, ampliados e manchados pela cor. Na verdade, a pintura de Relógio surge-nos pouco densa, secundária nos perfis grossos que sugerem Leger. A tempera e a sua cor brilhante invadem o óleo. A tela está á flor da pele desta pintura afinal ténue. O que a força do barroco parecia implicar a utilização das tintas em densidade, crepitando a violência de uma angustia colérica, foi substituído por um tratamento demorado e menos vigoroso. Se Relógio não começou agora a pintar — e estamos a recordar telas de atmosfera nocturna, onde se alinhavam multidões empilhadas — é provável que, se prosseguir, dissipe o que há de ténue e de decorativo na sua pintura.

Sem qualquer interesse, evidentemente, as cerâmicas, essas, sim, com função decorativa, mesmo dentro da própria exposição, Relógio fica desenhador, apesar das suas telas, que parece arremessar como passagem. Passagem que nos parece conduzir não a uma pintura a óleo, como prolongamento da tentativa, mas a uma pintura mural. Para esta não haveria possibilidade de justificação que não ignoramos. Seria a prova definitiva de Relógio e, estamos certos, a sua autêntica e mais eficaz resposta. — P.

Exposição de restaura em objectos de arte antiga

No salão do nosso prezado colega «Diário de Notícias», na Avenida da Liberdade, será exposta, a partir do dia 7 de Dezembro, uma rica e bela colecção de panos antigos, madrepérolas, cofres e registos religiosos, restaurados pelo comitê de Caminha, que procurou conservar em todos o estilo e o aspecto da época de cada um, substituindo quando tal for necessário, sedas velhas e outros ornamentos, por sedas igualmente antigas, nada perdendo, assim, do seu valor. Os registos, alguns dos quais com dezenas de anos.

Esta exposição — que está despertando grande interesse entre os apaixonados pelos objectos de arte antiga — durará até 20 de Dezembro.

Tapeçarias de João Tavares no S. N. I.

No Secretariado Nacional da Informação, esta tarde, o dr. César Moreira Baptista, inaugurou uma exposição de tapeçarias de João Tavares executadas na fábrica de Portalegre. O certame reúne nove peças relativas ao «Auto de Inês Pereira», de Gil Vicente.

ANTÓNIO JOAQUIM VIEIRA DE ARAÚJO

Missa do 2.º Aniversário

Aida Praça Vieira de Araújo participa que amanhã, quinta-feira, dia 1 de Dezembro, às 11 horas, na Igreja da Victória, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso pai, agradecendo a todas as pessoas amigas que se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA «SRAF»

Cursos de Educação e Didáctica Musical

organizado pela Fundação

Calouste Gulbenkian

Vão realizar-se de novo, no corrente ano lectivo, Cursos de Educação e Didáctica Musical, destinados aos professores e diplomados com qualquer curso superior de musica.

A inscrição para estes cursos, inteiramente gratuita, limita-se ao preenchimento de um boletim, que será fornecido aos interessados pelo Serviço de Musica da Fundação Calouste Gulbenkian, á Avenida de Berna.

Os cursos iniciam-se em Lisboa no dia 2 de Dezembro próximo, sendo regidos, na sua fase inicial, pela professora D. Maria Luísa Madeira Rodrigues. As aulas serão no Auditório da Fundação, ás terças e sextas-feiras, pelas 18 e 30.

A professora D. Maria Teresa Ferreira de Macedo está já a reger os cursos que se realizam no Conservatório de Musica do Porto, ás segundas e terças-feiras, das 18 ás 19 e 30, desde o dia 28 do corrente.

A semelhança do que aconteceu nos anos anteriores, funcionam também, tanto em Lisboa como no Porto, classes experimentais infantis, com a dupla finalidade de servirem de treino e exemplificação para os professores inscritos, e, simultaneamente, proporcionar iniciação musical a um limitado numero de crianças. Paralelamente ás classes infantis de Iniciação Musical realizar-se-á, ainda, em Lisboa, um curso de construção de flautas de bambu, regido pela professora D. Vitória Reis. Os cursos infantis também se realizam no Auditório da Fundação, ás terças e sextas-feiras (Iniciação Musical) das 16 e 15 ás 18 e 15, e aos sábados, das 14 ás 16 horas (construção de flautas de bambu).

Linha de CASCAIS

BOWLING

«CAPUCHINHOS»

O dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, inaugura amanhã, ás 17 e 30, nas caves do Cine-Teatro S. José, na Estrada Marginal, em Cascais, o Bowling «Capuchinhos», de que é proprietário o sr. José Afonso Vilar Junior. Trata-se de mais um importante melhoramento naquele café-restaurante-bar.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21 horas: «Uma certa mulher» e «Horas de desespero» — (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — (Não há espectáculo).

CARCAVELOS — Vitória-Cine — (Não há espectáculo).

PARADE — Royal-Cine — A's 21.15: «O caos do desespero» e «O segredo e a chave» — (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21.30: «12 homens em furia» — (17 anos).

— Cine-Esplanada — (Não há espectáculo).

CASCAIS — S. José — A's 21.30: «Pagas ou morres» — (17 anos).

(AMANHÃ)

ALGÉS — Stadium — A's 15 e 21 horas: «O Ballet Real» e variados e interessantes complementos — (12 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — (Não há espectáculo).

CARCAVELOS — Vitória-Cine — A's 21.30: «A contra-espionagem ataca» — (17 anos).

PARADE — Royal-Cine — A's 21.15: «Os bravos e cobardes» e «Forte Niagara» — (12 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 (12 anos) e ás 21.30 horas (17 anos): «Dois vigaristas roubados» — Cine-Esplanada — (Não há espectáculo).

CASCAIS — S. José — A's 21.30: «Encontro com a vida» — (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, J. L. — Telef. 012081.

CAXIAS — Farmácia Nova — Praceta — Telef. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 — Telef. 042034.

OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 — Telef. 043090.

PARADE — Artur Brandão — Av. de Republica, 77-C — Telef. 047054.

ESTORIL — Farmácia Parque — Arcadas do Parque — Telef. 060191.

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal — Telef. 080078.

(AMANHÃ)

ALGÉS — Nifo — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 81 — Telef. 012070.

CAXIAS — Farmácia Nova — Praceta — Telef. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 — Telef. 042034.

OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 — Telef. 043090.

PARADE — Grincho — Av. da Republica, 87-A — Telef. 047204.

ESTORIL — Farmácia Ostende — R. de Espinho, 1 — Telef. 060391.

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal — Telef. 080078.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

AGORA, a alta qualidade Burroughs a baixo preço!

MÁQUINA ELÉCTRICA SOMADORA SUBTRACTORA DE «DEZ TECLAS»

Não se deixe levar pelo preço baixo! Esta máquina Burroughs é um produto de qualidade e foi eficientemente concebida para operação totalmente eléctrica, fácil, rápida e exacta. Compacta, leve e portátil. Inclui somas, subtracções e multiplicações rápidas; teclas individuais para totais e subtotais; teclas para correcções e para «não soma». De linhas modernas, com tampa e base em duralumínio, com quatro cores à sua escolha. Apoiada pela garantia e assistência BURROUGHS.



Se a experimentar... compra-a!

Seja qual for o tamanho do seu negócio há sempre uma máquina Burroughs apropriada à sua contabilidade

«SISTEMA» SOCIEDADE DE MÁQUINAS E SISTEMAS DE CONTABILIDADE, LDA.

(Associada de ROBINSON, BARDSLEY & CO., LTD.)

AV. 24 DE JULHO, 3, 1.º — TELEFONE 32991 (P. P. C.) — LISBOA

A CIDLA

oferece

a partir de
1 de Dezembro



- A todos os novos consumidores que comprem fogões, fogareiros e esquentadores através da nossa organização.
- Os novos consumidores que adquiram o seu material de queima fora da nossa organização terão direito a um bônus de 13 quilos de Gazcidla.
- Aos antigos consumidores que comprem fogões ou esquentadores, também através da nossa organização. Na compra de fogareiros beneficiarão apenas do desconto de 10 %.

VENDAS ATÉ 24 PRESTAÇÕES



GAZCIDLA

uma chama viva onde quer que viva!

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

O campeão—Sintra infligiu a primeira derrota ao “leader”—o Benfica

Reabilitação do Sintra. E' a primeira nota sugestiva que surge da jornada de ontem à noite para o Campeonato Nacional de Hóquei em Patins.

Reabilitação do Sintra, pois logrou infligir ao Benfica o primeiro desaire na presente competição. E, sem dúvida, o êxito dos campeões nacionais assenta-lhes como luva feita para a sua medida. Isto é: foi de todo em todo justo.

O segundo trecho do desafio pertenceu aos sintrenses. Não, em domínio territorial, que este, em hóquei é normalmente mais consentido do que imposto, mas, sim, no entusiasmo, no “querer” vencer e, também, — porque não? — na construção do lance ofensivo. Na transição do jogo da defesa para o ataque, onde Rui Faria (primeiro) e Pompílio voltaram a actuar em bom plano.

Contudo, a melhoria patenteada pelos sintrenses deve-se à talvez mais à alteração do seu xadrez, que pode muito bem não ser ainda a definitiva, pois Rui Faria denota propensão para o lugar de médio e Vítor Santos magníficas possibilidades para empacotar com Pompílio.

O Benfica, embora não se tenha exibido como já o fez na prova em curso, por mais de uma vez, foi surpreendido, decerto, pela ligeireza da movimentação do adversário que, ultimamente, por falta de frescura, se tem feito sentir.

Seja como seja, a derrota dos campeões do Sul veio dar ao campeonato nova feição de nitescer, porquanto o Páco de Arcos, ontem, vencedor do Campo de Ourique, igualou-se na pontuação.

Registe-se, finalmente, a subida do S. N. E. C. I., ao quarto lugar, com o mesmo numero de pontos que o Sintra, por ter batido, sem apelo nem agravo, o Infante de Sagres.

A Académica de Espinho, merceda sua vitória sobre a Sanjoanense, passou a ocupar o antepenultimo lugar, que é mais consentâneo com as suas qualidades.

Os resultados foram os seguintes:

Sintra, 4-Benfica, 2;
P. Arcos, 6-C. A. C. O., 3;

CARREIRA: CACILHAS-PRÁIA DO SOL PARTIDAS DE

CACILHAS	PRÁIA DO SOL
0,50 14,20	0,15 13,45
1,50 14,55	1,20 (b) 14,20
2,50 15,30	4,45 14,55
6,45 16,05	5,20 15,30
7,20 16,40	5,50 16,05
7,55 17,15	6,45 16,40
8,30 17,50	7,20 17,15
9,05 18,25	7,55 17,50
9,40 19,00	8,30 18,25
10,15 19,35	9,05 19,00
10,50 20,10	9,40 19,35
11,25 20,45	10,15 20,10
12,00 21,20	10,50 20,45
12,35 22,05 (a)	11,25 21,20 (a)
13,10 22,50	12,00 22,00
13,45 23,50	12,35 23,15
	13,10 —

(a) — De 1 de Junho a 10 de Outubro — diariamente.
De 11 de Outubro a 31 de Maio — aos sábados.

(b) — De 1 de Julho a 30 de Setembro — diariamente e de 1 de Outubro a 30 de Junho aos Domingos e 2.ª-feiras.

Entra em vigor em 1 de Dezembro de 1960.

GARAGEM OU ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Toma-se imediações Avenidas Novas, Liberdade, Almirante ou Areeiro, indicar referências detalhadas.

Trata o próprio com o próprio.

Resposta a este jornal ao n.º 30

S. N. E. C. I., 5-1. Sagres, 2;
Acad. Espinho, 4-Sanjoanense, 1.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	7	5	1	1	43-14	18
P. Arcos	7	5	1	1	28-20	18
Sintra	7	4	—	3	23-21	15
S. N. E. C. I.	7	3	2	2	24-23	15
C. A. C. O.	7	3	1	3	19-18	14
Acad. Espinho	7	2	2	3	17-33	13
Inf. Sagres	7	2	1	4	21-24	12
Sanjoanense ..	7	—	—	7	14-36	7

Os Harlem Globetrotters exibem-se esta noite no Pavilhão dos Desportos

De novo em Portugal, os aplaudidíssimos Harlem Globetrotters apresentam-se, esta noite, no Pavilhão dos Desportos, graças a uma iniciativa do Sporting Clube de Portugal.

O virtuosismo técnico dos extraordinários jogadores norte-americanos, que terão por adversários um conjunto famoso — os All Stars — voltará a ser devidamente apreciado por quantos gostam do basquetebol e são atraídos pela feição espectacular da modalidade.

O programa, que compreende

As selecções B e militar treinarão esta tarde

Realizou-se esta tarde no Estádio Nacional mais um treino da selecção nacional B de futebol, que no dia 8 de Dezembro defrontará, em Lisboa, a selecção da França, a qual desta vez defrontou a equipa militar de futebol, que a 15 do mesmo mês jogará contra o Luxemburgo.

Antes do treino de conjunto, em que participou a equipa militar, os jogadores efectuaram vários exercícios de aquecimento muscular.

Para o jogo-treino, os dois grupos alinharam:

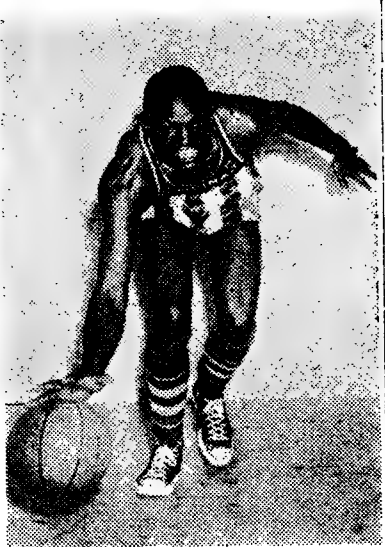
SELECÇÃO B — Rita; Lino e Hilário; Vicente, Morato e Alfredo; Rocha, Yauca, Jorge Humberto, Pêrides e Uriá.

EQUIPA MILITAR — Ramalho; Sidónio e Castro; França, Marta e Brandão; Vieira Dias, Carlos Gomes, Vítor Silva, Ferreira Pinto e Peres.

A primeira parte, que durou 37 minutos, terminou com 1-0, a favor da selecção B. O golo foi marcado por Rocha, Vítor Silva magoou-se seriamente num joelho.

Na segunda parte, Rita substituiu José Pereira, Pêrides foi para o lugar de Alfredo. A linha dianteira passou a ser: Carlos Duarte, Yauca, Figueiredo, Rocha e Estevão. A equipa militar, Morato e Alfredo substituíram, respectivamente, Ramalho e Brandão.

Aos 34 minutos, este voltou ao terreno para substituir França, que se magoara, e obteve o primeiro tento dos militares. Dois minutos depois, Vicente fez 2-1, para, no minuto seguinte, Brandão repor a igualdade.



J. C. Gipson, magnífico avançado do Harlem Globetrotters

duas partes — desportiva e variedades — está delineado de forma a proporcionar interesse.

Com início às 21,30 horas, a 1.ª parte engloba: Nick Kseric, um numero de «batonismo»; Bob Foye & Faye, malabaristas unicelistas ingleses; Ray Wilbert, campeão americano de «hoop»; apresentação das equipas All Stars e Harlem Globetrotters, com um numero de turbilhão e jogo de basquetebol.

Na 2.ª parte apresentam-se Tom Wells, «joueur» dinamarques; Dick Albershardt, campeão americano de trampolim e contorcionista; Guy Allan, campeão americano de «batonismo»; Kimi Yokoi, campeã japonesa de «ballet», em bicicleta e jogo de basquetebol entre o All Stars e o Harlem Globetrotters.

A 3.ª CLASSE é indispensável a todos os atletas

A D. G. D. informou as Federações que por despacho genérico do subsecretário de Estado da Educação Nacional são de indeferir todos os pedidos de dispensa da habilitação da 3.ª classe do ensino primário, com o fundamento na incapacidade mental.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — No Pavilhão dos Desportos, às 21 e 30, exibição dos Globetrotters.

«Regional» da 1.ª Divisão, categorias secundárias, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar: Atlético-Técnico, às 21 horas; Lisboa Ginásio-Oriental, às 21 e 30; Sacavenense-Sporting de Torres e Queluz-Carnide, às 21 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Banquete de confraternização entre os precursores da modalidade no nosso País.

SESSÃO SOLENE — Na sede do Sporting, às 21 e 30, sessão solene para a distribuição de emblemas especiais aos sócios que tenham 50 e 25 anos de filiação.

VOLEIBOL — Sorteio do «Grande Torneio da A. V. L.», na sede da Associação de Lisboa, às 21 e 30.

SARAU — O Casa Pia Atlético Clube promove, às 22 horas, o habitual «Sarau Casapiano», dedicado a todos os atletas do clube a fim de angariar fundos para a sua secção de assistência. Colaboram vários artistas da rádio, teatro e televisão.

XADREZ na Academia de Santo Amaro

Está a despertar interesse a organização da secção de xadrez na Academia de Santo Amaro.

A secção é orientada por Policarpo Lemos, antigo jogador de 1.ª categoria da Federação Portuguesa de Xadrez, e funciona às terças e quintas-feiras, das 21 às 23 horas. Durante o funcionamento das sessões poderão comparecer praticantes e iniciados de todas as idades.

(Continuação da 1.ª página)

Goeroecs, Szusza, Kuciarszki e Halap.

BENFICA — Costa Pereira; Angelo e Cruz; Neto, Germano e Saraiva; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

Nota-se que a formação magiar alinha com um «onze» que diverge do que actuou em Lisboa.

Os primeiros lances não denunciaram senão o propósito dos húngaros em anular a diferença dos quatro golos do jogo da primeira «mão».

Francamente ao ataque foi a palavra de ordem. Contudo, os Portugueses replicavam com a serenidade de indispensável.

Aos 4 minutos, verificou-se a primeira situação de perigo. A defesa do Benfica provocou «livre». Encarregou-se da transformação do castigo o médio Borzanyi, mas sem consequências, visto Costa Pereira ter defendido sem dificuldade.

Golo do Benfica

Sem perder o tino, e suportando o ímpeto contrário, os Lusitanos, desceram ao campo do Ujpest por intermédio de José Augusto.

Foi o 1.º golo do Benfica, aos 5 minutos.

O extremo-direito bateu Rajna e centrou atrásado; Aguas deixou seguir o esférico e Santana, oportuno, bateu Torok, visando o lado direito da baliza com pleno êxito.

Reacção dos magiares

Foi natural a reacção do grupo local, e Costa Pereira foi chamado a uma intervenção atenta, aos 10 minutos. Entretanto, Neto, que se lesionara, regressou ao campo após dois minutos de ausência.

Num andamento vivo a partida prosseguiu e foi a vez do Benfica dar sinal da sua capacidade ofensiva, através de uma iniciativa de Coluna, mas, a seguir, Costa Pereira teve que executar uma grande defesa ao repelir com os punhos um «tiro» do avançado-centro para «corner» que, marcado, por Halap, não resultou.

Iam decorridos 13 minutos.

Por volta do quarto de hora, o irrequietismo dos Portugueses voltou a manifestar-se e Varhidi teve que vigiar Aguas. Contudo, aos 15 minutos, Coluna ao transformar um «livre» provocou sensação ao fazer passar a bola ao lado da baliza.

Sem dúvida, o campeão português demonstrava a sua potencialidade.

Os Húngaros empatam

mas o árbitro invalida o golo

Após uma difícil defesa de Costa Pereira, que desfez um contra-ataque perigoso, o Ujpest, aos 18 minutos, conseguiu bater o guarda-redes lusitano, mas o árbitro invalidou o tento por «off-side» de Jagodics.

Os Magiares continuaram no mesmo jeito e quatro minutos depois o avançado-centro, bem colocado, atirou ao lado da baliza de Costa Pereira, um lance sensacional.

O crescendo do Ujpest não descontrolou o antagonista e os avançados benfiquistas, por intermédio de Cavém, aproximaram-se da grande área dos Húngaros, mas a defesa destes impôs-se com autoridade.

A partida assumiu, então, uma feição de equilíbrio e, ao entrar-se na meia hora, a sensação era a de que o Benfica não se desorganizava, antes revelava coesão, calma e invulgar espírito de entreaajuda.

O último quarto de hora

Sem nada de especial, o jogo prosseguiu até que, aos 34 minutos, o Benfica beneficiou de um «corner». Santana, sem demora, marcou o castigo e Cavém, entrando rápido, chutou forte mas para fóra — pela linha de cabeceira.

O Benfica continuou ao ataque. O público estava surpreendido.

Santana e Cavém lançaram o panico próximo do reduto de Torok e...

José Augusto atira a bola contra a trave

...José Augusto, aos 38 minutos, teve um golo nos pés. O defesa esquerdo faliu a intervenção e o extremo-direito surgiu, isolado, na grande área. Estava o 2.º golo à vista, mas José Augusto ao bater na bola debaixo para cima visou a barra transversal, com o guarda-redes a defender.

MORADIA

Vende-se, construção de 1.ª, 14 divisões grande garagem, varandas ao Sul e linda vista sobre o Tejo e Oceano, próximo da Encosta da Ajuda. Altitude de 102 m. Resposta a este jornal ao n.º 27.

fora do lance. A recarga não se efectuou...

Os últimos minutos da primeira parte voltaram ao equilíbrio territorial, embora o Benfica continuasse a ser a equipa com mais personalidade sobre o terreno e com melhor talento ofensivo. No entanto, os Magiares procuravam, sempre que lhes era possível, surpreender a defesa visitante que se mostrava, porém, atenta e segura.

E com 1-0, a favor do Benfica atingiu-se o intervalo.

A segunda parte

Saiu o Benfica e José Augusto desperdiçou uma avançada por estar «off-side».

O Ujpest reagiu e, cerca dos 3 minutos, esteve à beira do empate... se Costa Pereira consentisse. O guarda-lusitano, a remate coladíssimo de Szusza, voou e, num golpe espectacular, muito aplaudido, captou o esférico no momento em que este ia a entrar na baliza. Uma portentosa defesa.

A proeza de Costa Pereira teve o condão de estimular os companheiros e Cavém, pouco depois, obrigou Torok a intervenção de muito mérito.

A manobra tornou-se mais rápida.

O Ujpest empatou

Os Magiares atacaram e, aos 10 minutos, verificou-se o tento do empate, num lance em que o guarda-redes português não foi suficientemente leste. Marcou o golo Kuciarszki.

Entre a assistência perpassou um frémito de emoção.

Os Magiares cresceram

O grupo visitado animou extraordinariamente e a defesa do Benfica foi chamado a desfazer algumas situações de perigo. O público apoiava entusiasticamente o Ujpest.

2.º golo dos Húngaros

Todavia, o campeão húngaro, com boa velocidade, continuava a inquietar a grande área dos Portugueses. A pressão era notável até que, aos 16 minutos, Costa Pereira foi batido pela segunda vez. Um golo delirante temente aclamado.

Foi seu autor Szusza.

A facilidade de manobra dos Magiares impunha-se cada vez mais e o domínio de bola surpreendia os defesas benfiquistas que, gradualmente, acusavam certa desarmonia.

Depois dos 20 minutos, a supremacia do Ujpest foi neutralizada. O ataque do Benfica iniciou um vertiginoso contra-ataque e Cavém, em boa posição, sofreu uma entrada dura, pelo que ficou a coxear após ter sido assistido.

Ritmo menos vivo

O Benfica ripostou. Cavém desperdiçou uma avançada veloz e, a seguir, Aguas e Santana causaram dores de cabeça a Varhidi e companheiros. Os Portugueses atacavam...

Os últimos minutos não proporcionaram apontamentos especiais. Os Portugueses, seguros da sua qualificação para os quartos de final da Taça dos «Campeões Europeus», agiram com a calma indicada, vigiando atentamente os movimentos dos avançados húngaros que não eram tão velozes como no recomeço do encontro. Cada um estava conformado com a sua sorte, embora o Benfica procurasse o golo do empate.

Finalmente, o árbitro deu a partida por concluída com a vitória do Ujpest por 2-1.

Os clubes apurados

para os quartos de final

Estão apurados para os quartos de final da Taça dos Campeões Europeus os seguintes clubes:

BENFICA (Portugal)
Aarhus (Dinamarca)
Hamburg S. V. (Ale. Oc.)
Malmö (Suécia)
Barcelona (Espanha)

Faltam apurar os vencedores dos encontros: Spartak (Checoslováquia)-Panathinaikos (Grécia), 2.º mão; Rapid (Áustria)-Karlsruhe (Ale. Oc.), 1.ª mão; Burnley (Inglaterra)-Reims (França), 2.ª mão.

O sorteio dos encontros efectua-se no próximo dia 6 de Dezembro.

Em Abrantes, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência Casaca & Martins.

São os Irlandeses que têm a mesa mais farta do Mundo seguindo-se-lhe neozelandezes e dinamarqueses com maior número de calorias por cabeça

A mesa do Irlandês é a mais abundante do Mundo. Segue-se-lhe a dos Neozelandeses e Dinamarqueses, embora com um pouco menos de abundância.

Segundo as ultimas estatísticas publicadas pela O. N. U. acerca do valor real dos alimentos por pessoa, conforme as calorias que figuram no Anuário de Produção, o Irlandês dispõe de 3500 calorias por dia e por cabeça; o Neozelandês tem a sua disposição 3430 e o Dinamarquês 3350 calorias.

Segue-se imediatamente, em quarto lugar, na aludida lista, o Inglês, com 3260 calorias, vindo depois o Australiano com 3200 calorias, o Suíço com 3180 e o Canadiano com 3110 calorias.

Os Estados Unidos da América do Norte, assim como a Argentina, dispõem de 3100 calorias por pessoa.

Há outros três países com uma provisão de 3000 calorias e, por vezes, mais, como a Noruega, com 3080; a Finlândia, com 3070, e a Austria, com 3050.

Os técnicos das estatísticas da F. A. O. explicam que as cifras sobre a provisão líquida dos alimentos por pessoa, que são publicadas no respectivo Anuário, referem-se à divisão dos alimentos tal e qual como são vendidos.

Têm sido calculadas essas estatísticas ajustando a produção nacional de alimentos enquanto aos movimentos de entrada e saída no comércio, trocas das existências (distintas das existências permanentes que ficam excluídas) e as quantidades que se destinam a forragens, sementes e também a outros usos que não sejam os alimentares, os desperdícios das granjas, os que se verificam, de igual modo, nos armazenamentos e até o que se perde na moagem.

Quanto aos desperdícios ocasionados pela cozinha e os que, em geral, se verificam na mesa da refeição, esses ainda não se tomam em linha de conta.

No entanto, dão-se as estatísticas de provisão líquida de alimentos por pessoa em função de calorias, para os cereais, batatas e outras raízes amiláceas, açúcar e xaropes, legumes e nozes, frutas e hortaliças, carne, ovos, peixe, leite, gorduras e azeites.

Por escassez ou omissão de dados estatísticos, houve que excluir determinados países, entre os quais se podem contar alguns do Extremo e Médio Oriente e da Africa.

A parte os cereais, que, sem dúvida alguma, constituem a maior quantidade de todo o regime da dieta alimentar, os registos das estatísticas mostram de forma clara que a maneira de o Irlandês ministrar com regularidade as calorias consiste principalmente em tomar leite, utilizar gorduras e azeites, comer carnes, açúcar e xaropes, com vista a ter uma alimentação plena de calorias necessárias ao organismo.

Quanto aos Neozelandeses, a sua provisão alimentar consiste em certas quantidades de carne, de leite, de gorduras, azeites e açúcar.

Na dieta alimentar do Dinamarquês figuram sobretudo as gorduras e azeites, a carne, não desprezando ele, no entanto, tão-pouco os xaropes e o leite.

Nas suas observações sobre as estatísticas da provisão líquida dos alimentos por pessoa, os nutricionistas da F. A. O. afirmam que a ingestão efectiva de calorias nos diferentes países depende da distribuição das mercadorias, dos meios de transporte para as mesmas, das preferências do consumidor.

Além de tudo isto, há ainda que considerar a disponibilidade de uma quantidade suficiente de calorias, o que não significa necessariamente que os regimes alimentares estejam bem equilibrados.

Entre todos os países que figuram no Anuário de Produção, a Irlanda aparece com baixa distribuição de calorias por pessoa, ou seja, 1800.

Contudo, um país seu vizinho, o Paquistão, mostra-se em muito melhores condições, porquanto consegue já atingir 2010 calorias por pessoa.

Na América Latina, a Argentina, já referida, é a nação que tem maior distribuição líquida de alimentos por cada pessoa, ou seja, 3100 calorias.

Entre a Africa e o Médio Oriente, é a Turquia o país que, segundo os números apurados, surge à cabeça, com uma quantidade de 2890 calorias, seguindo-se-lhe imediatamente Israel, com 2750 calorias.

Por fim, no Extremo Oriente, figura à cabeça a Formosa, com 2330 calorias por cabeça e logo a seguir Japão com 2220 calorias.

CANTINA ESCOLAR de Medrões

MEDRÕES (Santa Marta de Paçaguião), 30. — Durante o ano passado a cantina escolar de Medrões serviu a 115 alunos das escolas primárias locais, 35 954 refeições, incluindo pequenos almoços. Os donativos recebidos em dinheiro somaram 11 740\$00 e em géneros totalizaram 24 277\$50.

Pena que se não multiplique as cantinas, podendo funcionar uma junto de cada escola. Seria o modo mais eficaz de assegurar a frequência escolar, sobretudo nos meios rurais e pobres como Medrões. A devoção dos professores das escolas da freguesia se deye em grande parte a obra realizada pela cantina que, além dos subsídios oficiais, tem encontrado sempre apoio valioso de vários beneméritos locais.

Posse de director do serviço de Pediatria de Santa Maria

O dr. Coriolano Ferreira, administrador do Hospital de Santa Maria, deca esta manhã posse do cargo de director do serviço de Pediatria do referido hospital ao sr. prof. dr. Carlos Salazar de Sousa.

Uma conferência na Escola Naval

Na Escola Naval o sr. capitão-de-mar-e-guerra engenheiro maquinista, José Rodrigues dos Santos fez, esta tarde, uma conferência sob o tema: «A Marinha Mercante e o Ultramar», que, pela sua amplitude, pelos problemas que envolve e pela flagrante actualidade, despertou o maior interesse.

Presidiu o sr. contra-almirante Sarmiento Rodrigues, primeiro-comandante e director daquele estabelecimento de ensino, professores, oficialidade e alunos, que atentamente escutaram o orador.

Novo representante da Irlanda em Portugal

DUBLIN, 30. — Foi anunciado esta noite, que James Lennon, conselheiro da embaixada irlandesa em Paris, tinha sido nomeado ministro em Portugal.

Lennon, que nasceu em 1915, e em 1947 entrou para o departamento dos Negócios Estrangeiros, sucede a F. Biggar, que foi recentemente nomeado embaixador na Bélgica. — (R.).

Ministro da Educação Nacional

O sr. ministro da Educação Nacional recebeu hoje, no seu gabinete, o catedrático alemão Hanz Flashe, que entregou aquele membro do Governo um livro oferecido pela Associação dos Professores Universitários Alemães.

FIOS DE Lã PARA TRICOT
NOVAS QUALIDADES
(AOS PREÇOS DE FABRICA)
ESCOCESA desde Esc. 150\$00 cada quilo
ALEMÃ, Esc. 200\$00, cada quilo
PEÇAM AMOSTRAS PARA
J. P. ALVARES FERREIRA, LDA.
Rua da Madalena, 78 — Tel. 27652
(Junto á Rua dos Retroserios)
LISBOA
ENVIA-SE A COBRANÇA

Espera um filho?

ENTÃO NECESSITA HOJE MESMO, DAS MEIAS

Supp-hose Caron

PARA EVITAR O PERIGO DAS VARIZES E O CANSAÇO DAS PERNAS

MEIAS «DESCANSO»

Supp-hose Caron

Também para as senhoras que permanecem muito tempo de pé, que passam todo o dia num vai-vém constante ou que sofrem das pernas.

SÃO FINAS E ELEGANTES
A ligeira pressão que proporciona a sua grande elasticidade, modela e embeleza as pernas.
DESCANSAM

Aconchegam as pernas, eliminam a fadiga e evitam e aliviam as varizes.
DURAM 6 VEZES MAIS e custam apenas 150\$00

Caron
marca de
qualidade

Supp-hose Caron

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em Alcobaca, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência José Narciso da Costa, Suc.

Todos os nossos territórios estão abertos à observação de quem quer e o Governo e os Serviços publicam dados suficientes para se saber em que momento e como marcha a administração — declarou o Presidente do Conselho no seu discurso desta tarde

(Continuação da 3.ª página)

do Ultramar, designadamente em Goa e nas províncias de Angola e Moçambique, tem tomado grande desenvolvimento, e a par do progresso económico e dos progressos da instrução vai surgindo um escorço cada vez mais numeroso de pessoas aptas para a administração dos territórios. É aliás fenómeno natural a tendência para o alargamento de funções em correlação com necessidades acrescidas e os meios de que se dispõe. Por outro lado, a vastidão dos territórios ~~está~~ as distâncias que os separam, ao mesmo tempo que as particularidades de alguns dos seus problemas não de ir impondo que mais vastos sectores da administração sejam confiados aos órgãos locais, com o que pode ganhar-se em tempo e até, teoricamente ao menos, na justeza de apreciação das circunstâncias de lugar: no entanto nada pode dispensar a competência de um largo escorço com que os serviços se enriqueçam. Um único ponto me parecia contrariar o espírito de unidade: seria pensar numa espécie de exclusivo ou privilégio que negasse a um português o direito de trabalhar ou de servir em qualquer fracção do território, segundo as suas aptidões. Não temos Goeses e Moçambicanos em Lisboa? Europeus e Cabo-verdianos na Guiné? Angolanos ou Guinéus em Moçambique? Moçambicanos em Timor? Pois assim penso deverá continuar a ser.

«O Governo tem o espírito aberto a todas as modificações da estrutura administrativa, menos às que possam atingir a unidade da Nação e o interesse geral.»

A campanha contra Portugal e os seus territórios d'além-mar

Referindo-se especialmente à campanha que contra Portugal se vem desenvolvendo em certos sectores internacionais, o Chefe do Governo afirmou:

«Temos de dizer uma palavra acerca do quadro em que vem desenvolvendo-se a campanha contra Portugal e os seus territórios d'além-mar.

de divulgação e de acção subversiva.

«Figura-se-me que as Nações Unidas se encontram num passo crucial da sua vida, não porque tenham avançado no sentido da universalidade — foram criadas para albergar em seu seio todos os Estados independentes — mas porque se vão afastando do espírito que presidiu à sua criação, ao mesmo tempo que substituem os processos de trabalho. É visível a tendência para converterem-se em parlamento internacional, a que não faltam mesmo sessões tempestuosas, partidos ideológicos e racionais, arranjos de corredores. Para que a solução por que alguns anseiam se completasse, seria no entanto necessário sobrepor-lhe um executivo responsável da confiança da Assembleia, o que oferece dificuldades, na medida em que os Estados Unidos se não disponham a custear a política aventureira de alguns novos Estados ou a Rússia não esteja resolvida a trabalhar com um parlamento que não seja inteiramente seu, e esse não é ainda o caso. Mesmo sem governo e sem capacidade de impor normas obrigatórias para os Estados membros, esse parlamento pode criar — está já criando — através das suas tribunas e da ressonância que emprestam às afirmações produzidas, vagas de agitação, ambientes subversivos, estados de espírito que funcionam como meios de pressão sobre as nações estranhas aos grandes clans da Assembleia. E tendo sido instituídas para a paz, já ali se ouvem em de-

masia vozes que a não pressagiam.

«Muitos Estados recém-vindos às Nações Unidas mostram-se convencidos de que só ali podem ter apoio e defesa. O resultado é que, junta a essa convicção a deficiência natural das suas representações diplomáticas, a via bilateral para a solução dos problemas vai sendo abandonada e é fatal nas Comissões e na Assembleia a tendência para a internacionalização de todas as questões e conflitos, mesmo que em nada interessem ao resto do Mundo.

«A distância que vai do direito de voto à capacidade de decisão, ou de uma maioria votante à força efectiva das nações, faz que soem um pouco a falso as grandes objurgatórias, mas não anula o seu perigo. Revela em todo o caso um desequilíbrio que ou desaparecerá ou de alguma forma terá de ser compensado.

«Para mim, sem o dom da profecia, o carácter parlamentarista, excessivamente intervencionista e internacionalizante das Nações Unidas marcará o próximo futuro, até uma crise grave que as porá à prova. Temos de tê-lo presente, visto que não nos dispomos a aceitar a intervenção abusiva de terceiros na nossa vida interna.

«Todos os nossos territórios estão abertos à observação de quem quer e o Governo e os Serviços publicam dados suficientes para se saber em cada momento como marcha a administração. A posição que havemos tomado, e manteremos, não vem pois de pretendemos ocultar seja o que for mas de que nos é impossível aceitar para as províncias ultramarinas que fazem parte da Nação, situação equivalente à de territórios tutelados pela O. N. U. e destinados a subseqüente secessão, bem como prestar contas ali de como os portugueses entendem governar-se na sua própria casa. É ilegítimo da parte das Nações Unidas resolver discriminatóriamente contra Portugal; a Assembleia-Geral não tem competência para declarar não autónomos territórios de qualquer potência. Esta é a interpretação juridicamente correcta e que sempre foi dada aos princípios da Carta. Nesses termos fomos admitidos e, se outro fosse o entendimento dos textos, é certo que não nos teríamos apresentado a fazer parte da Organização.»

Existem paz e tranquilidade nos nossos territórios ultramarinos

Que se passa nos nossos territórios ultramarinos? Nada de anormal. O Presidente do Conselho o diz:

«Qualquer pessoa de boa fé pode verificar existirem paz e inteira tranquilidade nos nossos territórios ultramarinos, sem emprego da força e apenas pelo hábito da convivência pacífica. Mas fora deles, no Congo, na Guiné, no Gâna e nalguns outros, não falando já dos países comunistas ou sob a sua direcção, sabemos que se organizam «comités», ligas, partidos contra a unidade portuguesa, ao mesmo tempo que emissões radiofónicas de vários lados e servindo-lhes de apoio, tentam perturbar o viver da nossa gente. Estes agitadores dispõem, ao que parece, de fundos importantes e de protecções especiais, e com uns e outras se publicam ainda manifestos e pequenos jornais para exploração da credulidade pública. A gente é pouca mas desdo-

bra-se, para parecer muita, mudando de nome; em todo o caso apresenta-se mesmo em capitais qualificadas e consegue meter pé na imprensa de categoria mundial e considerada responsável. Este ponto é digno de atenção, tanto mais quanto a essa grande Imprensa lhe era fácil mandar informar-se localmente da verdade dos factos.

«As coisas mudaram muito e mudaram muito em pouco tempo. Havia dantes certo numero de regras que pautavam a conduta dos Estados e de certo modo condicionavam a sua admissão na Comunidade internacional. Era admissível assilar políticos em desgraça, mas não se admitia organizar bandos de guerrilheiros, para intervir em território alheio, alimentar programas de difamação, financiar a sublevação de populações pacíficas, fornecer armamento, preparar cientificamente revolucionários. Pois tudo se faz hoje e se apregoa com a activa segurança de estar servindo grandes causas, ao mesmo tempo que se tem como norma sagrada a boa vizinhança e a não intervenção nos negócios internos dos Estados. Está a abusar-se da hipocrisia e do cinismo; com eles desaparece na sociedade internacional o mínimo de confiança e de respeito mútuo, indispensável à vida. Mas é esta vida que vamos viver alguns anos.»

El pergunta: «Como vamos proceder? A unidade nacional alicerçada na amigável fidelidade e convivência dos povos espalhados pelas várias províncias de Portugal, é a base indispensável — a única verdadeiramente eficiente — da nossa defesa. A consciência dessa unidade há-de ser o mais forte escudo contra a acção das propagandas externas, mas não constitui só por si toda a defesa. Esta temos de organizá-la — temos vindo a organizá-la — nos planos correspondentes à multiplicidade de métodos usados contra nós.

«Entretanto, temos de continuar a nossa vida, executar os nossos programas, promover os nossos empreendimentos, tão firmemente, tão serenamente como se não fosse já escândalo para o Mundo a pretensão de continuarmos a defender o que muitos vêm ameaçado e alguns julgam mesmo perdido, na esteira de acontecimentos recentes que aliás se processaram em linhas muito diversas. Não vejo que possa haver descanso para o nosso trabalho nem outra preocupação que a de segurar com uma das mãos a charrua e com outra a espada, como durante séculos usaram nossos maiores. Esta nova tarefa cujo peso nem sequer podemos avaliar é desafiado lançado à geração presente e vai ser uma das maiores provas da nossa História. É preciso ter o espírito preparado para ela; exigirá de nós grandes sacrifícios, a mais absoluta dedicação e, se necessário, também o sangue das nossas veias, como já foi em Goa e noutras partes. Esta é a nossa sina, isto é, a missão da nossa vida, que não se há-de amaldiçoar mas bendizer pela sua elevação e nobreza.

«Daqui a poucos anos — dois? três? quatro? — uma de duas coisas se observará em África: o progresso paralisado em muitas das suas extensões, com a total ruína das economias, a degradação das populações e o horror das lutas intestinas; ou então tentativas ou experiências de colonialismo internacional, irresponsável e só por isso inumano, diante do qual o preto, diplo-mado ou não, será apenas uma unidade estatística. Então muitos dos que no alvoreço do momento exigem a emancipação dos territórios portugueses, sem outra vantagem que desintegrá-los da Mãe-Pátria e com isso diminuir a resistência da Península, pensarão que prestámos grande serviço à Humanidade com o nosso exemplo e às populações ultramarinas de todos os credos e cores com tê-las defendido e poupado a novas formas de escravidão».

A controvérsia com a União Indiana a propósito de Goa

Referindo-se ao caso de Goa, o sr. dr. Oliveira Salazar acentuou: «Há já muito tempo que abando-

nei a controvérsia com a União Indiana a propósito de Goa. Pareceu-me que nos inferiorizava este como diálogo de surdos e nada se adiantava em repetir indefinidamente as mesmas recusas às mesmas pretensões.

«O primeiro-ministro da União Indiana é, ao mesmo tempo que figura internacional de grande relevo, chefe de partido e de uma maioria parlamentar. Inventou a questão de Goa que não existia; multiplicou depois os meios com que obtivesse satisfação às suas ambições, e não foi feliz. Vê-se porém obrigado a cada momento na Imprensa e nas Camaras a dar explicações, a reiterar promessas, a alimentar o fogo sagrado.

«A sua tese básica é que a geografia dita o direito político, cria, define e autentica a soberania. É evidente que o nosso Estado da Índia pertence geograficamente ao Indostão, mas, se por esse facto devesse fazer parte da União Indiana, outros Estados ora independentes estariam condenados a ser absorvidos nela. Em certo momento a China perfiou a doutrina, aplicando-a, ao que parece, a regiões indianas do Himalaia; mas Caxemira continua privada de se integrar, como é sua vontade, no Paquistão, com certo escândalo mundial. Isto significa que a doutrina do primeiro-ministro não é segura nem domina todos os casos, e que para cada interesse tem de formular uma tese que o proteja ou sirva de base às suas reivindicações. É evidente que a situação criada não acredita uma nação como a Índia nem os seus mais altos dirigentes.

«Verificámos então que a União Indiana, para se refazer do prestígio abalado, tomou afinadamente na O. N. U. a chefia da oposição afro-asiática contra Portugal, na esperança de, multiplicando as dificuldades pelos vários territórios portugueses, sentir maiores facilidades para as suas pretensões quanto a Goa. E não só quanto a Goa mas quanto ao leste africano em que tem postos os olhos. E quer também entregar Macau à China e o Timor português à República da Indonésia que mais de uma vez tem afirmado não lhe pertencer. Foi no entanto para nós grande satisfação verificar que as dezenas de milhares de Goeses do Quênia, mau grado os aliciamentos e pressões de agentes indianos e apesar da situação delicada em terra estranha, ainda há poucas semanas revelaram na inauguração do Forte de Jesus, em Mombaça, e da estátua de Vasco da Gama, em Melinde, com a presença do nosso ministro da Presidência, como era vivo e profundo e sincero o seu portuguêsismo.

«Nós respeitamos como grande potência asiática a União Indiana e, ao pretendemos manter relações de boa vizinhança, não cumprimos senão o nosso dever. Não fazemos estender nem das revoltas, nem das fomes, nem das epidemias, nem das vítimas de todas as insuficiências. Nós temos obrigação de crer que o governo faz os máximos esforços por não deixar morrer de fome o seu povo, por elevar-lhe o nível de vida, por diminuir as diferenças sociais. Mas não nos parece bem — e é sobretudo contra a justiça — que a União Indiana pretenda amesquinhar, confrontando-se em conjunto com o nosso Estado da Índia, a civilização luso-indiana que ali se respira. É sobretudo cho-

cante que os governantes da União Indiana declarem não reconhecer o direito histórico de Portugal, ou o considerem perempto pela sua mesma antiguidade; não respeitem a vontade expressa das populações, para insistir em anexações ou integrações dos territórios alheios. É chocante, sobretudo, a dificuldade que tem confessado sentir em compreender bem o alcance do acórdão do Tribunal Internacional de Justiça sobre o trânsito para Dadrá e Nagar Aveli, acórdão que, havendo sido dado a nosso favor, temos agora de saber como se executará. Porque por ora estamos convencidos de que a Comunidade internacional precisa de desenvolver-se em termos de direito e não em termos de força, e por isso é nossa obrigação fazer tudo para que assim seja.

«Goa é uma pequena jóia que não interessa à União Indiana pela sua extensão, e só nos interessa a nós pelo mandato da História e a todo o Ocidente pelo que representa de uma ideia de confraternização ou de convivência mundial que ali implantámos, que dali irradiou e muito depois de nós outros pensam ter inventado e desejar impor. Eis porque, se foi infeliz criar a questão, muito mais infeliz seria criar um conflito, visto que não podemos negociar nem podemos transigir».

E a concluir:

«Penso ter exposto os dados essenciais dos problemas suscitados pela campanha anticolonialista e demonstrado que deles se não podem tirar, quanto a nós, conclusões diversas daquelas a que o Governo chegou. Em pequenas coisas de pormenor é muito possível não estarmos todos de acordo, mas, exactamente porque são de pormenor e suposta pequena importância, não vale a pena fazermos com elas controvérsia e muito menos campos de batalha. O que mais nos importa é mostrar em actos a unidade que é real no fundo das consciências, porque não vejo de fora senão olhos postos em dissidências ou desuniões possíveis; estas facilitariam jogos de interesses que penso não serem os da Comunidade portuguesa.

«Longe de nós, porque alheio à consciência nacional, haverá quem pense deverem aplicar-se aos nossos territórios as fórmulas e processos que vimos redondamente fracassar noutras partes; e outros, talvez sem tão más intenções, revelam alguma ansiedade por aproveitar este caso nacional — o grande problema da Pátria portuguesa no nosso tempo — para ver se lhes é possível enxertar aí agitações ou mudanças políticas do seu agrado. Noto a grande desproporção entre os fins e os meios. Seja porém qual for a evolução dos problemas internos, a Nação é uma herança sagrada e a sua integridade não poderá ser sacrificada a ódios, compromissos, ambições insatisfeitas. E para quê, meu Deus? É tão fácil ser governo e é tão difícil governar!»

A Assembleia volta a reunir-se depois de amanhã

Depois de amanhã, à hora regimetal, a Assembleia Nacional voltará a ocupar-se dos ataques à soberania portuguesa. Estão inscritos para falar os srs. eng.º Cardoso de Matos, almirante Sarmento Rodrigues, comandante Teixeira da Mota, eng.º Adriano Duarte Silva, padre Costa Lopes e dr. Vasques Tenreiro, respectivamente, deputados por Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, Timor e S. Tomé.

MODAS ARISTONE

O COSTUREIRO DE SUAS ALTEZAS REAIS

Apresenta, diariamente, as suas colecções de Roma e Paris
Avenida da Liberdade, 262, 2.º, Dt. (elev.) — Telef. 43194 — LISBOA

MARAVILHAS DA BIOLOGIA

A CIÊNCIA DOS SERES VIVOS

de
**BENEDICT
KNOX
STONE**

Uma obra científica com interesse para todos os que pretendem iniciar-se no conhecimento da biologia e valorizar a sua cultura geral

Profusamente ilustrado — 75\$00

LIVROS DO BRASIL — LISBOA

DA MULHER E DA CRIANÇA



Modelo moderado escolhido por mantermas com cabelos curtos terminados na frente por duas madeixas arqueadas que são a nota marcante da actualidade nas cabeças femininas

Os modelos de chapéus para a próxima Primavera

Por MARIS ROSS
(Da United Press-A. N. I.)

LONDRES, 30. — Quem atraía sobre si todas as atenções, no desfile da moda primaveril londrina, foi o modelista de chapéus Otto Lucas, a quem pertenciam os chapéus exibidos pelos manequins que «passaram» as criações de Primavera e Verão apresentados pelo Grupo da Casa da Moda de Londres que, segundo afirmam a uma das redactoras da especialidade, chegou ao fim com todas as honras.

Para 1961, elegeu a «cloche», as «toques» semeadas de pétalas, as «capelines» de abas rígidas e circulares, os chapéus de aba revirada. Entre estes, os modelos mais apreciados pela assistência foram as inimosas montagens de pétalas de rosa e de crisântemos, em branco ou em tons suaves. Uma das novidades que apresenta para 1961 — mas que já era grande moda na década dos 1920 — é a sua «cloche» género capacete, com uma rosa colocada de lado, muito baixo, a cobrir a orelha. Outro estilo resuscitado dos anos anteriores é do chapéu de palha envernizada, que á primeira vista parece feito de pele.

E' abundante a sua galeria de «capelines» de palha para o Verão, mas o modelo realmente novo que sobressai entre todos os outros é constituído por chapéus com abas reviradas a fim de exibirem o forro de tecido estampado, igual ao dos conjuntos que os manequins envergavam. Um exemplo: «fourreau» em tecido estampado com grandes folhas cor de malva e castanho, usado com «capeline» de aba lançada para trás, deixando a descoberto o forro igual ao estampado do vestido.

Embora na presente estação a moda europeia decreta chapéus altos como torres, Lucas apresentou apenas um numero muito diminuto de modelos de copa alta. Este ano, o «chapéu do momento» é o boné á cossaco ou o gorro de pele, a cobrir as orelhas. Em 1961, a tendência dirige-se principalmente para as penas, os penachos, as plumas, a fofa penugem do pescoço do cisne e a caprichosa pluma do avestruz.

A propósito de penas, Lucas foi chamado a desempenhar outras funções durante a Semana da Moda Londrina: presidiu ao júri num concurso nacional de chapéus de penas confeccionados por modelistas amadores. Viram-se chapéus — que Lucas achou de muito bom gosto, com cores lindamente combinadas — cobertos de penas cuidadosamente escolhidas entre a plumagem de gansos, perus, galinhas e outras aves domésticas.



Um casaco ideal para guiar automóvel

Casaco de fazenda «beige» fechado com os três botões que a moda impõe, duas aligeiras com palas abotoadas e fartamente guarnecido por respontos. Uma abertura na costura de trás torna-o muito prático para as condutoras de automóveis que tem sempre o cuidado de não amarrotar os casacos que usam ao volante. A gola e as palas das aligeiras estão entreteladas com lã. As mangas são largas com as costuras de pegamento abaixo dos ombros

O TRIUNFO DAS MEIAS FRANCESAS



É A PROVA ABSOLUTA DO TRIUNFO DE QUEM AS USA!

Uma representação exclusiva da SORENE

Rua da Horta Seca, 40-2.º — Telef. 25809 e 29615 — LISBOA

COMPLEMENTO DA «TOILETTE» das elegantes de Paris e Londres

LONDRES, 30 — Eis alguns pormenores interessantes que as elegantes de Paris e Londres adicionam ás suas «toilettes» mais simples, para lhes dar o «tom 1961»: faixa de pelica maleável que se ata á cintura em vez do cinto, para remover o vestidinho preto do ano passado, mas que ainda está bom; o «sweater»-camisa, até meio da anca, com gola abotoada, em cores modernas para alegrar o «tailleur», usar com uma saia bonita ou com calças compridas; e as atraentes botinhas de pelica ou camurça, delicadamente confeccionadas, com salto elegante e biqueira afilada, e com o cano quer curto, a cobrir o tornozelo, quer alto, até á barriga da perna.

O veludo e a bombazina são os dois tecidos mais usados nesta altura, tanto em Paris como em Londres. Na capital francesa, gozam de extrema popularidade os «tailleurs» de bombazina; em Londres, é o veludo que impera — para «tailleurs» ou para casacos de noite, ornamentados de pele. — (A. N. I.).

ORION

Agora com a sua NOVA SECÇÃO de sapatos modelos a preços da concorrência. RUA GARRETT, 42

Knittak

NAO É UMA MAQUINA NOVA QUE APARECE NO MERCADO. HA SETE ANOS EM PORTUGAL E JA TEM O SEU NOME FIRMADO

VENDAS E DEMONSTRAÇÕES:

LISBOA — RUA DO TELHAL, 4, A
PORTO — RUA SANTA TERESA, 12, 1.º
COIMBRA — LARGO DA PORTAGEM, 11, 1.º

AGENTES EM TODO O PAIS

“MEIAS DESCANSO”

A Meia de Vidro acaba de receber nova remessa das meias NYLON que substituem as meias elásticas.

Meia de Vidro, Rua Augusta, N.º 158

Meias
ELBEO

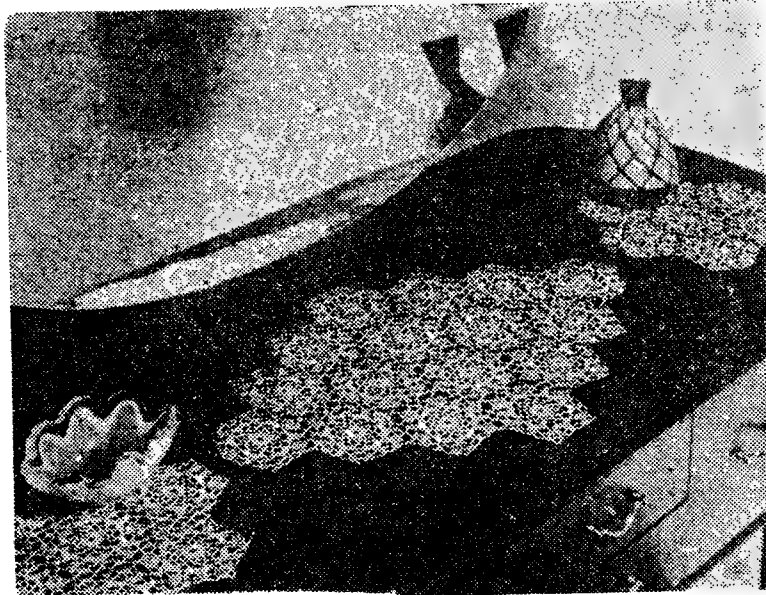


A MARCA ALEMÃ DE FAMA MUNDIAL

maravilhosa elasticidade
resistência extraordinária

FOMENTO LUSO ALEMÃO — LISBOA

"Napperons" de "crochet" Pergunte para saber



Estou a decorar o meu quarto aproveitando móveis modestos de estilo antigo que, depois de restaurados, ficaram muito bons. Na parede que serve de fundo a uma pequena poltrona, também antiga e agora estofada com seda adamascada, vou pôr um quadro de género romântico. Boredei, para esse efeito, em linho espesso, cor de marfim, um ramo de flores atado por uma fita. Gostaria de o emoldurar com veludo ou seda, mas dizem-me que não ficará bem. O bordado, feito a ponto de matiz, ficou bonito e eu não queria desvalorizá-lo com uma moldura inferior. Que me aconselham?

ZITINHA

Para uma moldura de tecido não tirar categoria ao quadro de estilo romântico teria que ser de cetim «capitouné» ou acolchoado em redondo com os cantos rematados a preceito, o que lhe seria difícil de realizar. Parece-nos preferível recorrer à moldura clara, dourada e patinada de branco ou branco-es-

verdeado. Para isso deverá preparar o tecido bordado molhando um pano, espremendo-o bem, colocando-o no avesso do bordado e passando por cima do pano humido o ferro de engomar aquecido a fim de que a humidade passe para o pano bordado toda por igual. Depois, pelo avesso, passe o ferro de engomar directamente no linho sem o esticar. Quando estiver bem liso e seco aplique-lhe em toda a superfície a tela aderente «gomaflex» branca, que é um tecido que tem numa das faces uma espécie de goma transparente granulada que adere a qualquer pano por meio de passagem com o ferro de engomar medianamente aquecido. Tenha o cuidado de pôr em contacto com o avesso do bordado a parte da «gomaflex» que tenha cola, o que se distingue muito facilmente. Depois convém prender o tecido com preguinhos ou «punaises» a um caixilho de madeira fina, cartão grosso ou outro qualquer material resistente que não ceda à pressão do tecido esticado. Por fim, pode emoldurá-lo sem receio de que se deforme.

Parabens a você...

Gostosamente transmitimos os melhores votos de felicidade às senhoras e meninas que fazem anos nos dias aqui indicados:

Hoje — D. Roseira Andresen Guimarães Miranda e menina Ana Maria Rodrigues Dias.

Dia 1 — D. Maria de Lourdes Torres Xavier e D. Maria Julia de Jesus Pereira Guerra.

Dia 2 — D. Maria de Lourdes Nunes. D. Maria Irene Sousa Dias Teixeira e D. Zulmira Fernandes.

Dia 3 — D. Paula Rolin Seabra Pereira.

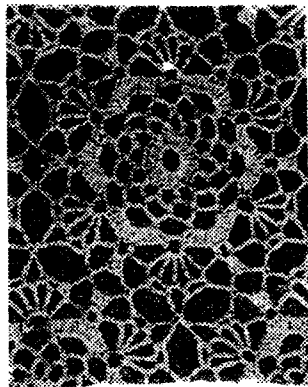
Dia 5 — D. Ulbaldina Martins e D. Mariana da Silva.

LENTES DE CONTACTO

(NOVAS MICROCORNEANAS)

HOROPTICA, LDA.

R. SANTA JUSTA, 27 — LISBOA
C/ OPTICO ESPECIALIZADO



Com um lindo motivo de rosetas, trabalhadas com linha Mercer Corrente branca n.º 20 foram executados estes «napperons» para o toucador, que produzem muito belo efeito. O modelo maior mede 0,50x0,33 e compreende dezasseis rosetas e os mais pequenos têm, no diâmetro, 0,24 m., e compreendem 7 rosetas cada um. O pormenor ampliado ajudará as nossas leitoras a copiar estes lindos modelos.

A polícia feminina

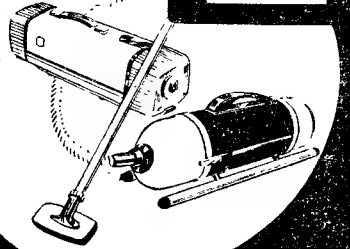
na Itália

A Itália instituiu um corpo de polícia feminina, o qual se compõe de inspetoras da polícia e de assistentes; sendo 103 as primeiras e 450 as segundas.

A organização tem carácter provincial, com postos de polícia feminina junto das respectivas autoridades, com as seguintes atribuições: investigações e actos de polícia judiciária relativas aos delitos cometidos por mulheres ou menores de 18 anos ou cometidos em seu prejuízo; prevenção e verificação dos delitos contra a moralidade pública e os bons costumes, a família, a integridade e a saúde da raça, assim como os delitos em matéria de tutela de trabalho das mulheres e dos menores; vigilância e assistência da mulher e dos menores a respeito dos quais tenham sido adoptadas medidas de segurança pública ou da polícia judiciária ou que de qualquer modo tenham sido convocadas pelos serviços da segurança pública; eventuais missões de assistência às mulheres e aos menores em estado de abandono moral e social ou meio de ligação judicial com as autoridades e os organismos competentes.

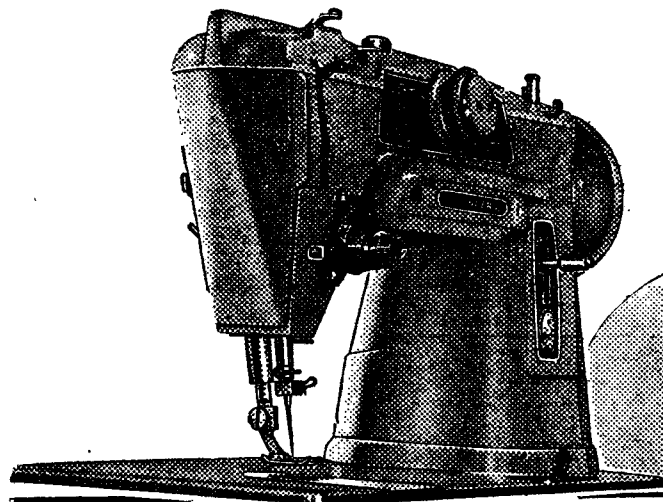
a grande marca mundial

aspiradores enceradoras



A VENDA EM TODAS AS BOMAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTENCIA TECNICA

a
nova
linha
inclinada
de
beleza!



Agora cose ainda melhor
com a máquina 401 de Plano Inclinado

SINGER*

A Singer 401 de Plano Inclinado é a última criação da Singer e representa uma nova linha de beleza e inovações técnicas, até hoje nunca atingidas no campo das máquinas de costura. De traçado ultra-moderno e de Plano Inclinado a Singer 401 permite coser ainda melhor e com mais comodidade.

A Singer 401 de Plano Inclinado é também elegante, rápida e eficiente. Singer 401 de Plano Inclinado, a máquina de costura mais confortável e perfeita, é a máquina para a mulher de hoje

Gostaria de ver uma demonstração da nova Singer 401 de Plano Inclinado.

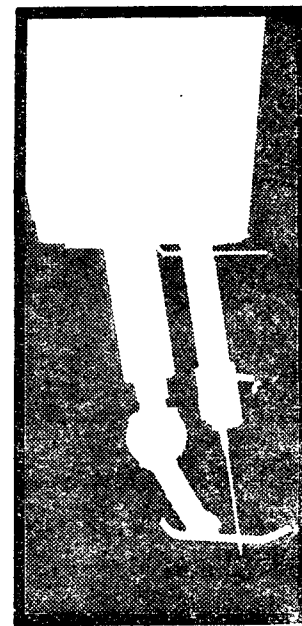
Nome _____

Morada _____

Manhãs _____ Tardes _____ Noites _____
(indique aqui a preferência)

Enviar a: Singer Sewing Machine Company
Veja-a no Centro Singer da sua localidade.

Com a Singer 401
de Plano Inclinado
vê melhor,
senta-se melhor
e cose ainda melhor



* Marca Registrada de The Singer Manufacturing Co.

Manhã na praça

CARNE E FRUTA



Abundância de caça nos lugares de venda de criação, principalmente de coelhos, lebres e perdizes. Estas, em relação à semana finda, tiveram um aumento de 2\$00. Havia também muita fruta, mas notava-se a ausência de compradores. As vendedeiras, com ar triste, lamentavam-se umas às outras. A razão da falta de compradores é fácil de compreender...

OS PREÇOS DOS PRODUTOS

PREÇO DO PEIXE POR QUILO: Garoupa, 16\$00; pargo, 8\$50; chocos, 5\$00; polvo, 13\$00; corvina, 12\$00; pescadinha, 14\$40; lulas, 18\$00; sardinha fresca, 7\$00 e 8\$00; sarda, 10\$00; dourada, 8\$90; peixe-espada, 8\$90; cabaco, 6\$70; besugo, 6\$70; goraz, 9\$00; cacaão, 6\$50 e 30\$00 do pequeno; e carapau, 8\$90.

ESPÉCIES DE CAÇA: Perdizes, 16\$00 cada uma; coelhos, 20 e 22\$00; pombos, 10\$00; e lebres, 32\$50 e 35\$00. **CRIAÇÃO:** frangos, 20\$00 e 22\$50; galinhas, de 22\$50 a 45\$00, con-

forme o tamanho; perus, de 65\$00 a 80\$00; perus, de 110 a 160\$00; patos, de 27\$50 a 35\$00; coelhos mortos e esfolados a 26\$00 o quilo. Ovos a 15\$00 e 15\$50 a dúzia.

FRUTA: Uvas, 9\$ o quilo; laranja da Baía, 15\$00 a dúzia; e do Algarve, pequena, a 9\$00; tangerinas, a 7\$00; pêra rocha, 15\$00; maçãs, 30\$00 e 40\$00; pêros, 10\$00 e 20\$00; limões dos grandes a 15\$00 e dos pequenos a 12\$00; melão, a 3\$00 o quilo; bananas desde 5\$00 a 10\$00; ananases a 20\$00 e 25\$00; e ro-

mãs, a 1\$00 cada uma.

PRODUTOS HORTÍCOLAS: Ervilhas, 5\$00 o quilo; azeitonas, 4\$80 o quilo; feijão-verde, 5\$00 o quilo; tomate, 6\$00 o quilo; cebolas, 2\$50 o quilo e 2 quilos 4\$50; alhos, 8\$00 e 12\$00 o quilo; couve-flor desde 1\$00, 2\$50 e 6\$00; nabos desde 5\$0 a 1\$00 cada um, conforme o tamanho; lombardas desde 3\$50 a 4\$00; cenouras, 2\$00 o quilo; grelos a 5\$50 o molho; nabos a 5\$00; couve portuguesa, 4\$50; rabanetes, 1\$50 e 4\$00; beterraba, 2\$50 o molho; e alfaces, a 5\$0 e 2\$50.

Conselhos e receitas

Para economizar combustível, coloque ao lume as vasilhas sobrepostas, tendo sempre, sobre as vasilhas estreitas, outras mais largas que aproveitem o calor das primeiras. Uma sobre outras, podemos ter, em cada fornalha, três ou mais vasilhas que aproveitam um só lume.

Quando a carne é muito dura deito uma colher de vinagre na água ou molho em que a estou cozinhando, fazendo-a, depois, ferver lentamente. Assim consigo torná-la mais macia.

Para que o cheiro das hortaliças cozidas não se espalhe pela casa, deito uma brasa dentro da caçarola onde se coze-ram.

Quando faço sopa de massa costumo cozer esta em água, separadamente, e misturá-la, depois, ao caldo da carne. Fica a sopa mais gostosa e sem o sabor ácido que por vezes a massa contém.

Costumo utilizar os papéis usados na limpeza do fogão, poupando os panos, os ingredientes da sua limpeza e o tempo que se emprega para os lavar. Tenho sempre à mão, para esse efeito, papéis cortados, escolhendo os de jornais ou papéis de embrulho que sejam absorventes.

GATA BORRALHEIRA

Escola de donas de casa

Vamos dar às nossas leitoras algumas indicações para levarem a efeito esta operação, sem correrem o risco das suas camisolas e casacos de «tricot» ficarem distendidos ou empastados.

O que importa, principalmente, na lavagem das lãs tricotadas, é que estejam molhadas o menos tempo que seja possível. Quando a espécie de lã e o género das malhas facilitam o empaste podemos verificar que é, justamente nos punhos, mangas e gola que as malhas empastam, chegando a perderem toda a elasticidade. Isto dá-se porque as peças são penduradas pela parte inferior das costuras laterais e tanto as mangas como a gola ficam pendentes, acumulando a água que vai escorrendo da peça.

Para evitar este inconveniente só se devem molhar os «tricot» no momento em que possam ser lavados completamente. Sob nenhum pretexto se devem deixar peças de malha de lã mergulhadas em água, como é uso fazer-se com as peças de algodão com o intuito de se «amolcerem» as sugidades contidas. A peça tricotada deve ser lavada em água tépida, com sabão desfeito na própria água ou com qualquer detergente. Depois deve ser passada por águas limpas que estejam em igual temperatura. Para a enxugar aperta-se suavemente entre as mãos e mete-se depois dentro de uma toalha de pano turco para nela se embeber a água que ainda contenha. A passagem

por outra toalha enxuta é muito conveniente, pois há toda a vantagem em secar a peça o mais rapidamente possível e tudo, se deve fazer para o conseguir. Dá bom resultado pendurar-se a peça virada do avesso numa cruzeta à qual se arredondam as extremidades com enchumaços de papel se ela não é já arredonda. Isto faz-se para não ficarem marcadas nas malhas as extremidades da cruzeta. As mangas não devem enxugar penduradas ao longo da peça mas sim com os punhos virados para cima e presos com uns alfinetes nas costuras das mangas. Se as mangas são de corte «raglan» prendem-se os alfinetes nas costuras das covas ficando as mangas do mesmo modo dobradas. Se as malhas têm grande tendência para empastar, e já foram lavadas muitas vezes, convém abri-las levemente, de quando em quando, durante a secagem mas sempre nos dois sentidos.

Depois do «tricot» estar bem seco, deve ser passado com um ferro que não esteja muito quente. O ferro é passado sobre um pano levemente humedecido e depois directamente sobre as malhas, mas sempre pelo avesso.

Nunca uma peça de «tricot» feita com fios de lã deve ser posta a enxugar ao sol.

Quem disponha de irradiador eléctrico ou de secador de uma máquina de lavar roupa pode abreviar muito a secagem das peças de «tricot» e tem grande vantagem na sua utilização.

A França protege as crianças contra o perigo do alcoolismo

As novas leis francesas protegem os jovens contra o alcoolismo, chegando a rigores que se traduzem na pesada multa para que se lembre de uma transgressão. É proibido remeter ou distribuir aos menores de 20 anos, prospectos, mata-borrões, capas para cadernos ou outros objectos que enaltegam os méritos de qualquer bebida alcoólica ou que apresentem a mar-

ca ou o nome do fabricante de uma dessas bebidas.

É proibido empregar nos estabelecimentos de bebidas a consumir no local, mulheres com menos de 21 anos, com excepção da mulher do proprietário e suas parentes até ao 4.º grau.

É proibido nos estabelecimentos de bebidas e outros lugares públicos, qualquer que seja o dia e

a hora, vender ou oferecer gratuitamente bebidas alcoólicas para serem bebidas no local, a crianças com menos 12 anos.

Toda a infracção a este artigo da lei é punida com multas que vão de 300 mil francos até 1 milhão e 500 mil francos. Os delinquentes podem ainda ser interditos dos seus direitos pelo período de 1 a 5 anos. É proibido nos estabelecimentos de bebidas e outros lugares públicos, em qualquer dia ou hora vender ou oferecer gratuitamente a menores de 20 anos, para serem consumidas no local, bebidas dos 3.º, 4.º e 5.º grupos — bebidas de alta graduação alcoólica.

Todo aquele que fizer beber até à embriaguez um menor de menos de 20 anos é severamente punido e poderá até ser privado, relativamente aos filhos ou netos, do poder paternal ou dos direitos de tutoria. É proibido receber nos estabelecimentos de bebidas, menores com menos de 16 anos que não sejam acompanhados pelo pai, mãe, tutor ou pessoa de idade superior a 18 anos.



Saborear é viver...

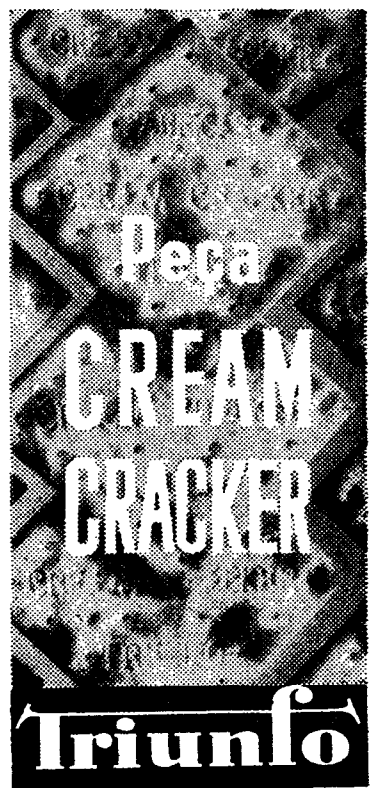
A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um! É um gosto! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.



Planta a gordura das pessoas de bom gosto

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA., SACAVÉM

Quarta-feira, 30 de Novembro de 1960



que pede a melhor

ETP-8

60-PL-13

Diário de Lisboa * PAGINA 21



Eduquemos o nosso filho!

A neurastenia nos adolescentes

Aprender com os mestres

A criança é um trabalhador e um produtor. Embora não possa participar do trabalho do adulto, tem de efectuar o seu próprio labor, e esse constitui uma grande, importante e difícil tarefa: produzir o homem. Se do inerte recém-nascido, mudo, inconsciente e incapaz de se mover, se forma um adulto perfeito, com inteligência enriquecida pelas conquistas da vida psíquica e resplandecente pela luminosidade que o espírito lhe confere, tudo isso é obra da criança.

Adaptar-se às necessidades do ser em formação e renunciar às suas próprias, tal deve ser a linha de conduta a seguir pelo adulto.

O que tem de se suprimir por completo não é o auxílio dado pela educação, mas o nosso e meios de vida adaptados a tudo de adulto, que nos impede de compreender a criança.

Se o operário produz aquilo que o homem consome e cria no mundo externo, a criança produz a própria humanidade e, por isso, os seus direitos são ainda mais exigentes em reclamações transformações sociais. É evidente que a sociedade humana deveria dar às crianças os cuidados mais perfeitos e sapientes, para receber, através dela, maior energia e maior valor para a futura humanidade.

Em face da criança, o adulto toma a atitude de quem espera que a razão se desenvolva com o tempo, ou seja, com a idade; e, como não repara na fadiga da criança, que cresce mercê do seu próprio esforço, não lhe presta qualquer auxílio — aguarda simplesmente o aparecimento do ser racional, para contrapor a sua razão à da criança. E, sobretudo, põe obstáculos à vontade da criança, quando esta se exprime com movimentos.

MARIA MONTESSORI

Lemos muitas vezes que o ritmo da vida moderna dá motivo ao numero crescente de neurastenias entre rapazes e raparigas adolescentes; mas, muitas pessoas não sabem ao certo o que é «neurastenia».

Trata-se de uma tentativa de fuga da realidade, para defesa das coisas desagradáveis da vida; mesmo que essa tentativa se não dê por acto deliberado e consciente.

Como o período da adolescência é de sua natureza uma fase de dificuldades, a fase em que a criança vai entrando na idade adulta, os jovens sentem-se por vezes fora de si próprios e, inconscientemente, procuram o regresso à simplicidade da meninice, onde todos os problemas tinham resposta, resposta essa dada por outras pessoas e onde se não tratava de tomar responsabilidades em decisões ou problemas difíceis.

Quando este conflito se torna demasiado grave para ser resolvido, dá-se a neurastenia. O efeito é um estado em que o paciente não tem já capacidade para decidir seja o que for por si próprio, vendo-se ameaçado de voltar ao abandono de criança.

Como evitar as situações que podem surgir?

Este assunto deve ser tratado inteiramente pelos pais, uma vez que a criança

evoluciona nas suas atitudes emocionais segundo a vida familiar que leva, e pela atitude de seus pais para com ela.

Há mães que retardam a maturidade emocional de seus filhos, não lhes permitindo os primeiros passos para a independência. Pois há também que continuam a exercer, durante demasiado tempo, uma ditadura emocional. Noutros casos os pais quezilizam por tudo e por nada, e consequentemente fazem nascer no espírito da criança um receio da vida de adulto.

O que nunca se deve esquecer é que uma criança está sempre em desenvolvimento, tanto mental como físico. Tal como uma criança de três anos não precisa das mesmas atenções que uma criança de três meses, assim uma criança de treze anos tem de ser tratada de diversa maneira que uma criança de três anos. Sem ir ao extremo de atirar responsabilidades demais para cima dos filhos, é necessário deixar gradualmente que eles tomem as suas decisões, sempre que isso se possa fazer sem perigo.

É possível dar certas regras de procedimento razoáveis e ainda permitir que uma criança se sinta senhora da sua conduta.

DORA BELL

O regime alimentar da futura mãe

Segundo os especialistas, o regime alimentar da futura mãe deve ser rico em verduras, frutos, manteiga e pão integral, e pobre em fêculas e sal de cozinha. Assim, aconselha-se:

7-8 HORAS:

- 1.° — Leite com café, chá ou chocolate fraco.
- 2.° — Pão torrado, de preferência pão integral, ou bolachas, com manteiga, marmelada ou mel.
- 3.° — Um ovo como gostar, ou fiambre.

10-11 HORAS:

Fruta do tempo, ou salada ou pão integral.

13-14 HORAS:

- 1.° — Prato de carne, temperado à vontade. Dois dias por semana, pelo menos, fígado de cordeiro.
- 2.° — Batatas e verdura com manteiga (em purê, em pudim, no forno, etc.). Ambos os pratos (1.° e 2.°) podem servir-se ao mesmo tempo.

3.° — Salada variada, temperada com azeite e sumo de limão em lugar de vinagre.

4.° — Fruta ao natural, sem esquecer a fruta seca (amêndoas, nozes, pinhões, figos, passas de uva, etc.), ou compota, ou marmelada.

17-18 HORAS:

- 1.° — Leite com café, chá ou chocolate fracos; ou «yoghourt».
- 2.° — Pão tostado com manteiga (não margarina) marmelada ou mel.

20-21 HORAS:

- 1.° — Sopa de qualquer massa alimentícia, ou qualquer prato de massa (macarrão, telherim ou arroz), ou de legumes ou de verduras.
- 2.° — Um ovo, ou peixe, ou carne.
- 3.° — Salada.
- 4.° — Sobremesa: fruta, nozes, amêndoas, figos, passas, ou queijo, etc.

SUPERALIMENTAÇÃO

De meio a um litro de leite.

SUPLEMENTOS:

Duas colheres de óleo de fígado de bacalhau, ou vinte gotas de um preparado concentrado, ou banhos de sol.

O complexo de inferioridade da criança

Lembrando constantemente a criança a sua fraqueza, a sua inexperience, acaba-se por suprimir nela todos os entusiasmos e privá-la da confiança indispensável à realização de qualquer progresso.

Algumas pessoas cometem o erro de contrariar os instintos mais normais, multiplicando as proibições a propósito de tudo e de nada. Não autorizam as pobres crianças a tocar nos objectos que as atraem, receando que os partam ou estraguem. Têm medo que caiam ou se amgoem e, por excesso de precaução contra perigos exagerados, tornam-nas timoratas e poltronas. Finalmente, travam uma exuberância natural, com a ideia de garantirem egoistamente a sua própria tranquilidade!

A nossa época, que exalta a dignidade da pessoa humana, nem sempre patenteia respeito conveniente pela infância. Os adultos, assoberbados pelas responsabilidades, raras vezes entendem dispor de tempo e dar-se ao trabalho de refazer, em sentido inverso, o caminho que os separa dos pequenos antes que de vem descobrir tudo, compreender tudo.

Como é grande a decepção que reflecte a carinha grave do pequenino, tão contente por tornar-se útil, que ajuda a mãe a pôr a mesa e que, em paga, ouve uma descompostura a sério: «Está quieto! Vais partir tudo! Ainda és muito pequeno, muito desajeitado! Estou cheia de pressa e fazes-me perder tempo!».

Cada uma das suas iniciativas,



Consultório das mães

O MEU PEQUENINO FOI MAL HABITUADO

Sou empregada de escritório, saindo de casa às 8 da manhã para regressar às 20 e 30. Tenho um menino com 17 meses, que fica com meus tios, em casa de quem temos vivido. Como vê, estou muito pouco tempo junto do menino.

Minha tia, como lhe ouso muito, nunca deixou o menino chorar, tendo-o habituado a adormecer ao colo, o que eu nunca contrariei, para evitar aborrecimentos.

Agora arranjei a minha casa e quero habituar o meu filho a adormecer na sua caminha, sem cantórias. Como hei-de proceder? Pois, se o deito na cama, vai a casa abaixo com gritos.

Outro assunto: com 17 meses, meu filho ainda bebe um biberão de leite durante a noite, o que eu também queria evitar; mas de noite, quando chora, só quer leite.

RESPOSTA:

— Que posso eu dizer-lhe, que a minha amiga não saiba? O seu menino está muito mal habituado, foi vítima do grande amor mal compreendido dos tios, e agora vai ser difícil, talvez, levá-lo a aceitar normas inteiramente diferentes.

Para o primeiro caso, o que tem a fazer é o seguinte: dê o banho ao seu filhinho à noite; em seguida, já vestidinho para se deitar, dê-lhe a última refeição. Faça tudo isto calmamente, sem a intervenção de outras pessoas que possam distraí-lo ou excitá-lo. Depois de convenientemente tratado, acarinie-o, deite-o na caminha, dirigindo-lhe algumas palavras, e fique um pouco no quarto (que estará fracamente

iluminado) arrumando, devagar, qualquer coisa. Proceda com uma grande serenidade, gestos lentos, voz baixa e terna. O menino não tem culpa dos erros que as outras pessoas cometeram, e necessita do carinho da mãe assim como da sua presença, para se sentir satisfeito e seguro. Mas, se ele chorar, não ralhe, não bata, nem faça discursos: continue tranquilamente como se o não ouvisse. Ele acabará por compreender que as coisas mudaram e tem de as aceitar, tal como agora se apresentam. É indispensável, da parte da mãe, carinho, serenidade, e firmeza. Se souber proceder assim, é possível que o menino adquira novos hábitos mais depressa do que supõe.

Quanto ao biberão que o seu filho toma durante a noite, nem me diz a hora, nem quantas refeições tem durante o dia. Em geral, por volta dos 5-6 meses, o bebé disciplinado deixa por si próprio de tomar o leite da 1-2 horas da noite. Sobre este assunto, as opiniões dos especialistas variam. Alguns médicos aconselham que se dê o biberão da 1-2 horas enquanto o bebé o reclamar. Outros entendem que é preciso respeitar o descanso da mãe e que portanto se deve desabituar as crianças de beber durante a noite, principalmente quando se trata de bebés que nasceram com um bom peso. Parece-me que o melhor será ouvir sobre este assunto a opinião do médico que tem acompanhado o seu filhinho, e que a aconselhará consoante o estado de saúde e o peso do seu pequenino.

Terei muito prazer em continuar a receber as suas notícias. Considere-me sempre ao seu dispor para o que lhe possa ser prestável.

vontade, do seu espírito de iniciativa. A aceitação de uma deficiência real ou imaginária não se limita a ser esterilizada. Pode favorecer o desenvolvimento de um orgulho, de um cinismo, decorrente do «conjunto de compensações e de adaptações pelas quais um ser humano luta contra a evidência da sua inferioridade». — (Dr. E. de Greef).

SCHINE PETERSEN

O PEQUENO LORDE



Confecções para meninos e meninas até aos 15 anos
Av. Guerra Junqueiro, 15-A e 15-B
Telefone 720538

Saiba ocupar os seus pequeninos

A criança precisa de fazer exercício, de correr e saltar, mas também precisa de aprender a ver, a observar, e de exercitar as suas habilidades manuais.

Depois de uma brincadeira movimentada e excitante, convém ocupá-la em jogos ou trabalhos calmos, que a levem a concentrar-se e a descansar.

Se quer que uma criança de três, quatro ou cinco anos permaneça tranquilamente sentada durante vinte ou trinta minutos, proponha-lhe um trabalho que a distraia e, ao mesmo tempo, lhe dê a sensação de que está fazendo qualquer coisa útil. Por exemplo: a mãe pode ter uma série de cartões com desenhos simples para a criança pintar, contornar e colorir, cartões cosses que podem formar álbums ou servir para presentear os amigos.

Os primeiros cartões devem ter desenhos muito simples, como o da

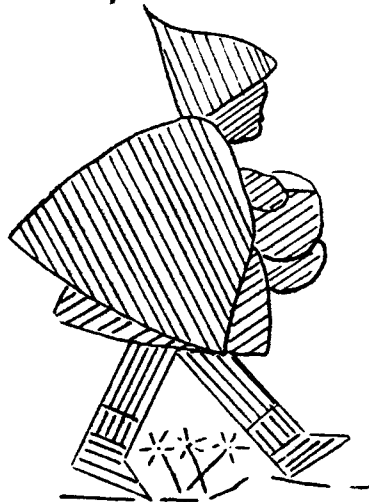


figura 1, a traço e ponto. Utiliza-se cartolina fina, agulhas para lã, grossas e de bico rombo, e fios de lã ou algodão grosso, de cores vivas. A criança começa por furar todos os pontos com o bico de um alfinete adaptado a uma lapiseira; a cartolina deve estar em cima de um mata-borrão grosso, ou pedaço de feltro, o que facilita o trabalho de picotagem. Em seguida a criança liga todos os pontos com alfinetes. Por fim, utiliza lápis de cor para colorir o desenho a seu gosto.

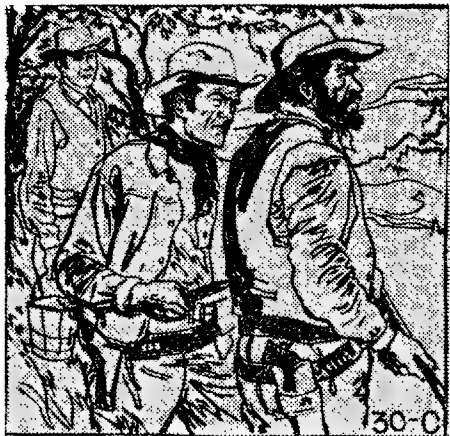
Depois de adquirir certa prática na execução destes trabalhos, os pequenitos podem fazer outros mais complicados, como o da figura 2, em que o desenho também é marcado com pontos, mas estes são mais próximos uns dos outros, e o desenho, em vez de contornado com alfinetes, é cheio com grandes pontos lançados em várias direcções.

Este género de trabalhos é igualmente próprio para meninas e rapazes em idade pré-escolar.



OS QUATRO SOBREVIVENTES

por WHIT HARRISON



FOLHETIM SEMANAL
do Diário de Lisboa

11

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR — Três homens e uma mulher são os únicos sobreviventes de uma caravana, atacada pelos índios quando seguia para o Oeste. Os quatro conseguem reconstruir uma galera e resolvem prosseguir a viagem. Os índios perseguem-os. Durante a noite, matam um deles e, na manhã seguinte, são atacados. Defendem-se e conseguem afugentar os índios. No entanto, Aretta é ferida por uma seta.

CAPITULO III

Ele abanou a cabeça.
— Deus não castiga os infelizes, Aretta. Se pensar que Ele foi suficientemente grande para criar um país como este, como O pode julgar mesquinho a ponto de castigar uma criança que ainda não nasceu? Ele não quer castigá-la, Aretta, mas sim ajudá-la.
— Tenho sido tão má. Tão má. — Tornou-lhe a apertar a mão com força e gemeu.
— Que tem ela? — perguntou Innes.
— Vai ter a criança — disse Challis. — Acende uma fogueira.
— Fogueira, é coisa que não faço — disse Innes.
Challis levantou-se.
— Ou fazes uma fogueira ou faço-a eu. Temos de aquecer água.
— Por que não vai até ali e lhes gritas? Diz-lhes que estamos aqui.
— Eles sabem muito bem onde estamos — respondeu Challis. — E sabem quantos somos. Vamos fazer uma fogueira e salvar-lhe a vida.
Mas Innes tornou a sacudir a cabeça.
— Salvar-lhe a vida e perder o meu escalpe? Não, muito obrigado, Challis. No que me diz respeito, não há caminho a escolher. Não lutei pela vida para morrer por causa de uma mulher.
— Só espero que nunca precisas de outro ser humano para te socorrer, Innes. E só espero que quando morras, não tenhas deixado para trás uma mulher necessitada de auxílio.
— Isso é conversa fiada, Challis. A verdade é que o ruído atrairá os índios como moscas. Pelo

12

menos enquanto estivermos quietinhos, teremos uma possibilidade. — Armou o «cão» da espingarda e acrescentou: — Se puderes ajudar a mulher sem uma fogueira, só desejo que ela viva e feliz para sempre.
Markett postou-se atrás de Innes, com a faca em riste.
— Estás a deixar-te levar pelo Innes, Challis. Tão certo como chamar-me Markett, em como este «cão» não vai disparar e vai, sim, acender a fogueira. Aqui o senhor Innes vai fazer uma pequena fogueira debaixo da galera e aquecer uma lata com água. E se fizer barulho, senhor Innes, faço-o em bocados para oferecer aos chacais.
Innes soltou uma imprecação. Markett encostou-lhe a ponta da faca às costas. Innes deixou cair a espingarda. Challis voltou a cuidar de Aretta, enquanto Innes acendia uma fogueira sob o olhar vigilante de Markett.

*

O bebé dormia nos braços de Aretta, quando os índios apareceram, numa gritaria ensurdecedora, descendo a vertente em direcção à galera. Challis fizera uma cama para Aretta e gastara as ultimas duas horas a fazer uma barricada. Markett armara um berreiro enorme por causa disso, mas Challis mostrara-lhe o eixo da galera e o homem não tivera outro remédio se não calar-se. Tinham agora o rio pelas costas, dispunham de trinta espingardas carregadas e o abrigo de uma barricada de toros de madeira.
Challis ficou imóvel, empunhando a espingarda, observando o avanço dos guerreiros vermelhos. Ouviu Aretta chamá-lo, mas não respondeu. Deu por si a pensar com amargura no que faria Walter — o marido de Miriam — ele que era perito em assuntos de peles-vermelhas.
Sacudiu a recordação de Miriam dos seus pensamentos e olhou para Markett que se preparava, cercado de espingardas.
Innes mergulhou para junto da roda da galera, a vigiar os índios, mas sem fazer qualquer gesto para lançar mão das armas.
Os guerreiros que vinham à frente já estavam

13

quase sobre a lança com o rato empalado, quando o viram.
O chefe puxou as rédeas do cavalo e o animal recuou, todo empinado e a relinchar. Então, o índio bateu na ilharga do cavalo e ergueu a mão.
Os vinte guerreiros pararam e o silêncio pesou sobre eles, enquanto observavam o rato espetado na lança Arapoha.
O chefe gritou então qualquer coisa a Challis. Challis baixou lentamente o cano da espingarda e avançou lentamente para os índios.
— Inferno! — praguejou Innes, baixinho. — Ali vai o maior idiota que até hoje vi. Não tarda nada que não fique sem escalpe.
— Ele tem qualquer ideia — segredou Markett, nervosamente. — Será que nos pensa atrair? Os dois viram Sam a coxear pela vertente acima. Só então Innes se lembrou que Challis ainda não tivera um momento seu desde a véspera, para tratar da ferida que tinha na perna.
Os índios murmuraram mais alto. Challis chegou finalmente junto da lança cravada na terra e parou. O chefe gritou novamente.
Com uma torsão do pulso, Challis puxou a lança. O cadáver inteiriçado do roedor dançou loucamente. Challis avançou então para o chefe, até que este, incapaz de resistir por mais tempo, soltou um rosnido e voltou a cabeça do cavalo.
Challis parou. A tarde caía e o sol banhava a campina com uma luz alaranjada e castanha, cinzelando sombras nos rostos ossudos e nas costas nuas dos guerreiros.
Challis falava em voz baixa. O chefe gritava as respostas.
Os dois homens postados ao lado da galera sentiam a batalha subtil que se travava entre o branco e o vermelho.
Uma coisa estúpida, pensava Innes, e censurava Challis de se arriscar em semelhante disparate. Uma espingarda mais não era grande coisa, mas sempre era melhor. Innes não gostava de o confessar, mas sentia a perda de Challis. Só para si, seria Innes capaz de admitir um sentimento de confiança noutro homem.
Lançou um olhar a Markett e praguejou baixinho.

14

inho, sentindo um vazio no estomago. Ele e Markett só sabiam lidar com armas, mas Challis também era capaz de pensar. Precisavam de Challis e sem ele, estariam perdidos.
O bebé chorou.
— Cala-me o fedelho — sibilou Markett, com uma canelada.
Innes largou uma risada amarga.
— Não foste tu que deste para te armar em nobre e para me obrigar a acender a fogueira? Pois então aguenta agora o fedelho a mandar-nos para o diabo!
Markett sacudiu a cabeça.
— O Que está feito, está feito. E faço tenções de me pagar bem pelo meu gesto... quando a levar para Frisco.
— Daqui a San Fran ainda vai um grande pulo, rapaz. E não é para aí que ela pretende ir.
— Dá no mesmo. Não sou daqueles que perdem ocasião. Havemos de nos safar da enrascada e em surgindo uma galera a caminho do Sul, raspo-me com ela.
— E se Challis não estiver de acordo?
Markett não sorriu.
— Se o homem voltar vivo, ele que tenha cuidado com o escalpe. Para mim, não há ratos mortos que lhe valham. De revólveres de seis tiros, percebo eu... e já os manejava quando Challis ainda usava cueiros.
Innes encolheu os ombros.
— Não tenho nada com isso. Que Deus tenha pena dela. E que Deus tenha pena de Challis se ele te virar as costas.
Markett sorriu com maldade.
— Não importa que ele me volte as costas ou não. Mesmo que me faça frente, e daí? Challis não gosta de matar... Hesitará... e eu, não.
O berreiro inesperado dos índios fê-lo pular. Challis encontrava-se entre eles. Os peles-vermelhas voltaram-se e partiram a galope o chefe fechando a coluna, erecto e orgulhoso na sua montada.
Challis permaneceu imóvel até que o ultimo Arapaho já distasse meia milha. Só então, subiu o outeiro, cravou de novo a lança e começou a descer

15

a encosta em direcção a galera. O suor corria-lhe pelo rosto, e parecia que o coração lhe pulsava na garganta.
Coxeou até à barricada e deitou-se, ofegando. Innes e Markett observavam-no em silêncio.
Por fim, levantou-se e aceitou a caneca de água que Innes lhe oferecia.
— E' um medo capaz de matar um homem — disse Innes, calmamente. Challis bebeu sofregamente, olhou o líquido fresco, sorriu e acabou com o resto.
— Bebes isso como se fosse alcool — comentou Innes.
Challis lançou um olhar para a galera. Os olhos castanhos de Aretta procuravam os seus e ele leu o terror que se espelhava neles.
— Foram-se embora? sussurrou e'a.
— Por enquanto — disse Innes, por cima do ombro de Challis.
— Não, foram-se de vez — disse este. — A minha gente e a gente do chefe Je-se-na viverão doravante em paz. Eu não o ajudarei nem o combatarei quando vierem outras caravanas e ele não me oferece protecção contra as outras tribos.
— Ficaram empatados — disse Innes.
— Mais ou menos isso. Queres ir para Montana, Innes?
O fora-da-lei acenou a cabeça, consciente de ficar ali a sua verdadeira segurança.
— Então, escolhe o cavalo — disse Challis. Escolhe também as armas e leva a munição que quiseres. Pega em tudo quanto possas agarrar. Se viajares de noite e rezares durante o dia, é possível que consigas lá chegar com o teu escalpe... Isso é contigo. Podes partir esta noite mesmo, se te der na cabeça.
— E eu? — perguntou Markett.
— O mesmo diz respeito a ti. Cavalo e mantimentos. Parte só, para o sul ou volta até encontrar outra caravana. Vem aí uma com três dias de atraso. Talvez consigas atingi-la antes dos índios.
— Pois é o que vou fazer — disse Markett. — Mas levo a mulher comigo.

(Continua)

LUSTRES DE CRISTAL

Primorosos modelos em cristal MARIA TERESA (Boémia) e Lustres e Apliques de cristal «MURANO» (Veneza)
ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA
Praça da Alegria, 44-1.º — Telefone 34774 — LISBOA

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

SRS. ARQUITECTOS E ENGENHEIROS: FOTOCÓPIAS E CÓPIAS DE DESENHO

Executamos em menos de uma hora
Rua da Palma, 159-1.º — Tel. 861956

GRANDE SALDO DISCOS

A
15\$00

S6

NA GRANDE
FEIRA DO DISCO
MILHARES DE DISCOS
DE MÚSICA NACIONAL E
ESTRANGEIRA A 15\$00
NA LIVROLÂNDIA
R. FORNO DO TIJOLO, 25-C

CASAMENTOS

Só será feliz se for servido pela
Pastelaria
A CONQUISTADORA, LDA.
14, Rua Gomes Freire, 16
— Telef. 46247 —
Especialidades da época:
BROAS — MARMELAGA
— BOLO REI

Magnífico 2.º andar ALUGA-SE

Em AMADORA, impecável, andar residencial estilo americano, junto estação e semi-indep., 6 assoalh., 2 c. de banho, coz. disp. e marq. com esc. de serv., linda vista. Mostra, Av. Combatentes G. Guerra, 47-1.º (Amadora)

CACHE-COLS MOHAIR ECHARPES DE LA TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

BREVEMENTE OS NOVOS MODELOS

CANETAS **Seha** GOLDWING
VALE A PENA ESPERAR

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se à venda na Agência Cultural — Avenida Combatentes da Grande Guerra e na tabacaria do Pavilhão Cristal.

BOLIMMIDODIA

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSIONA—Programa A—451 m. — 655 kc/s. — As 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Transmissão, de Budapeste, do relato do desafio de futebol Benfica-Ujpest. No final: Noticiário; 19 e 40: Variedades em discos; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Instrumentistas e orquestras; 20 e 30: Gira-mundo; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: Intervalo musical, pelo pianista Ernesto Secuna, com música de sua autoria; 21 e 30: 7.º episódio da adaptação radiofónica do romance «O Pirata», de Walter Scott; 21 e 50: Canções de Portugal; 22 e 35: Música e poesia; 22 e 55: Recordar é viver; 23 e 15: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B—397 m. — 755 kc/s. — As 19: «Sonata n.º 22, em si maior», de Haydn, interpretada por Fritz Neumeyer; 19 e 20: «Delft, e Cidade de Venera», palestra da série O Mundo Visto por Um Pintor; 19 e 30: Música coral: «Suite Vasca», de Pablo de Sorde Sorozabal, pelos coros Maitey Easo de San Sebastian, e Orquestra de Concertos de Madrid, dirigida por Pablo de Sorozabal; «Clairidade Nocturna», de Schubert, pelo coro Os Pequenos Cantores de Viena, dirigido por Robert Kühbascher; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Que quer ouvir?, programa elaborado com os discos pedidos pelos ouvintes. Algumas

canções de Schumann, pelo barítono Karl Greisel, acompanhado ao piano por Reinhard Walz; «De Manhã Quando me Levanto»; «Isso Estimula-me, Passeando Sob as Árvores»; «Minha Querida, Dá-me a Tua Mão»; «O Baloço das Minhas Mãos»; «Timoneiro, Espera por Mim»; «Montes e Castelos Contemplam os Vales»; «Ao Princípio ia Desanimando», e «Murtas e Rosas». 1.º e 2.º suite «Peer Gint, op. 46 e op. 55», de Grieg, pela Orquestra Sinfónica de Viena, dirigida por Antal Dorati; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Três Séculos de Ópera, transmissão integral da ópera «O Navio Fantasma», de Wagner, interpretado por Annelies Kupper, Sieglinde Wagner, Ernst Häfliger, Wolfgang Windgassen, Josef Metternich, Josef Greindl, coro e Orquestra Sinfónica da Rias, sob a direcção de Ferenc Fricsav; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE—As 17 e 45: Solistas; 18 e 30: Orquestra; 19 e 15: Canções; 20 e 20: Artista; 21: Brasil; 21 e 50: Orquestra; 22 e 15: Canções; 23 e 20: Programa de profilaxia; 23 e 30: Artista; 23 e 45: Noticiário; 2: Noticiário; 3: Fecho.

Estação de Miramar—As 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Brasil; 18 e 45: Orquestras ligeiras; 20: Boletim informativo; 20 e 15: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Solistas; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22 e 47: Canções; 23: Tempo de música; 23 e 45: Palm Beach; 1 e 10: Sumário e fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—As 18 e 15: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Palestra, pelo inspector António Leal; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 20: Folclore venezuelano; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Coisas que a noite traz; 22 e 35: A música e os artistas; 23: A 23.ª hora; 23 e 55: Noticiário; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 às 22: Rádio Graça; das 22 às 1: Rádio Peninsular; da 1 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

AMANHÃ

EMISSIONA — Programa A — (451 m. — 655 kc/s.) — As 7: Ao romper do dia; 7 e 15: Rádio Rural; 7 e 20: Música da manhã; 8 e 15: Noticiário — O dia desportivo; 8 e 25: Música variada; 9 e 15: Informação da actividade industrial; 9 e 25: Música variada; 10: Programa eventual; 11: Cartaz dos espectáculos; 11 e 15: Concerto ligeiro; 11 e 45: Fados e guitarradas; 12: Orquestras ligeiras sinfónicas; 12 e 20: 7.º episódio de «O Pirata»; 12 e 40: Bailarico; 13: Revista da Imprensa; 13 e 20: o organista Dave Mackersie e conjunto; 13 e 30: Raul Nery e o seu conjunto; 13 e 50: O pianista Raymond Bernard e o seu conjunto; 14: Conjunto vocais; 14 e 20: Ritmos de «jazz»; 14 e 40: Canções de amor; 15: Informação da Bolsa; 15 e 10: Teatro das Comédias; 16: Ciclo Chopin; 16 e 15: Música de filmes; 16 e 30: Auditório; 17: A casa e o Mundo; 17 e 30: Canções; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 19: Defesa Nacional; 19 e 10: Sexteto de artistas cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Canções portuguesas; 20 e 45: A Orquestra de Frank Poucel; 21: Comentário; 21 e 20: Novos ecos de Paris, pelo pianista Georges Feyer e conjunto; 21 e 30: Vinte minutos com Luís Picarra e o conjunto Jorge Machado; 21 e 50: O violinista Wandy Tworek; 22: Concerto ligeiro; 22 e 30: Os grandes momentos da História do Mundo; 23: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — (397 m. — 755 kc/s.) — As 13: Revista da Imprensa; 13 e 20: Separador; 13 e 30: Recital, pelo pianista brasileiro Gilberto Tinetti; 14: Festival de Bayreuth de 1960, em gravações; 16 e 50: Música de Tchaikovsky; 17 e 40: Música sinfónica; 19: Interpretadores musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival Semanas Musicais de Ascona, de 1960, em gravações; 20 e 41: Trechos de ópera; 21: Comentário; 21 e 20: Concerto pelo Trio Mozart; 22: Horizonte; 22 e 30: Música contemporânea; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — As 7: Abertura; 12: Orquestra; 12 e 10: Noticiário; 12 e 15: Artista; 15 e 47: Orquestras; 17 e 46: Recital de composições de Cruz e Sousa; 19: Variedades; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Orquestras; 22: Hot Club; 22 e 15: Canções; 22 e 30: Curso de lin-

gua inglesa; 22 e 45: Imagens por música; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 2: Noticiário; 3: Fecho.

EMISSIONA DE MIRAMAR — As 10 e 55: Abertura; 11: Artistas portugueses; 11 e 30: Variedades; 12: Melodias; 12 e 15: Canções; 12 e 45: Um artista do teclado; 13: Noticiário; 13 e 15: Imagens por música; 15: Interrupção; 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Música regional portuguesa; 18 e 30: Ritmos de baile; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Canções; 21 e 30: Motivos portugueses; 21 e 45: Programa «jazz»; 22 e 45: Melodias; 23: Rua Larga; 23 e 30: Trechos recreativos; 1 e 10: Sumário e fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — As 8: Oração da manhã e boletim religioso; 8 e 15: Noticiário; 8 e 30: Conversa da manhã; 9 e 25: Noticiário; 12 e 45: Noticiário; 13: Exito musical da semana; 15: Diário do ar; 18: Encontro às seis; 18 e 15: Noticiário; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: França, horizonte do Mundo; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 22 e 35: Encontro com a noite; 23: A 23.ª hora; 23 e 22: Noticiário; 24: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 7 às 8: Voz de Lisboa; das 8 às 10: Clube Radiofónico de Portugal; das 10 às 12: Voz de Lisboa; das 12 às 14 e 30: Rádio Peninsular; das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Graça; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 18 e 20, abertura; 18 e 22, transmissão directa da sessão da Assembleia Nacional, durante a qual o sr. Presidente do Conselho fará uma exposição sobre a actual campanha anticolonialista; 19 e 5, interrupção da emissão; 20 e 30, reabertura; 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 20 e 50, Toiros; 21 e 10, Temas literários; 21 e 30, A Exposição Henriquina; realização de Baptista Rosa; 22, Telegravação da exposição feita pelo sr. Presidente do Conselho na sessão da tarde da Assembleia Nacional; 22 e 40, Recital por Nina Marques; e 23, Telejornal (2.ª edição).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 30 — «Uma mulher extraordinária».
COLISEU — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres de sonhos».
TEATRO MONUMENTAL — As 20 e 30 e 23 horas — «Boa noite, Betina!».
CAPITOLIO — As 20 e 30 e 23 horas — «A vida é bela».
MARIA VITÓRIA — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Gosto que me enrosco».
AVENIDA — As 21 e 45 — «Flautino (homem de letras)».
VARIEDADES — «Cucurucucu».
ABC — As 20 e 30 e 22 e 45 — «The Chuck Wilder Show».

CINEMAS

FIVOLI — «Sonho de amor».
S. LUÍS — «Psico».
IMPERIO — «Morangos silvestres».
S. JORGE — «Com os dias contados».
EDEN — «Manobras de saias».
POLITEAMA — «Afundem o Bis mark!».
ODEON — «Meus amores no Rio».
CONDES — «Ele, ela... e os espíes».
MONUMENTAL — «Ben-Hur».
ALVALADE — «Psico».
OLIMPIA — «Imperadores do crime».
AVIS — «A tirana».
ROMA — «Manobra de saias».
ROYAL — «A mulher incógnita».
RESTELO — «Conversa de travesseiro».
JARDIM CINEMA — «Gigi».
PROMOTORA — «A toda a velocidade».
ARCO-IRIS — «Jerusalém libertada».
MOSCAVIDE — «Você quer dançar comigo».

HORAS DAS MARES

BAIXA-MAR
Dia 30 — 19 e 27 (1.ª, 11).
Dia 1 — 7 e 50 (1.ª, 09); 20 e 6 (1.ª, 05).
Dia 2 — 8 e 22 (1.ª, 01); 20 e 39 (1.ª, 01).
PREIA-MAR
Dia 30 — 13 e 30 (3.ª, 88).
Dia 1 — 2 e 1 (3.ª, 93); 14 e 20 (3.ª, 95).
Dia 2 — 2 e 41 (4.ª, 03); 15 e 2 (3.ª, 97).

CONFERENCIAS

Esta noite, às 21 e 30, profere uma conferência, no Instituto Alemão, o dr. Reinhard Jansen, sobre o tema: Alterações da estrutura so-

cial nos países industrializados». A conferência, que será em alemão, é pública.

— Na Academia Portuguesa de Ex-Libris, o sr. dr. Ernesto de Oliveira e Silva profere hoje, às 21 e 30, uma conferência sobre «Temas Portugueses no Teatro Seiscentista Castelhanos».

— Hoje, às 18 e 30, o dr. José Augusto Santana Dionísio profere, na sede do Instituto Britânico em Portugal, na Rua de Luís Fernandes, 3, uma conferência, intitulada «Os modernos filósofos ingleses do Espaço — Tempus». A entrada é livre.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO H — Marques — Estrada de Benfica, 648. Tel. 780096; **Sousa — Estrada de Benfica, 429-431.** Tel. 780027; **Agular — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A.** Tel. 764629; **Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35.** Carnide, Tel. 780181; **Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B.** T. 790942; **Cabrita — Campo Grande, 220-222.** Tel. 772397; **Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B.** Tel. 777170; **Nova Torque — Rua António Patrício, lote 347, da Avenida Estados Unidos da América.** Tel. 760658; **Gasparinho — Rua Dr. Gama Barros, 54-A.** Tel. 710465; **Vera Cruz — Praça Afrânio Peixoto, 2-B.** (à Avenida São João de Deus). Tel. 724941; **Onilda — Avenida João XXI, 13-A.** T. 726849; **Miranda — Campo Pequeno, 36-B.** (junto à Avenida Sacadura Cabral). Tel. 770776; **Berne (De) — Avenida de Berna, 44-A.** — Telefone 773568; **Cosmos — Avenida João Crisóstomo, 44-C.** Tel. 40592; **Cruz Nunes — Praça Duque de Saldanha, 14.** Tel. 41845; **Novais — Avenida Luís Bivar, 11-13.** Tel. 44324; **Salutar — Rua Conde de Redondo, 9-A.** Tel. 733411; **Zira — Rua J. lote 48 (Bairro da Encarnação).** T. 388172; **Marvila (De).** Rua Direita de Marvila, 25. Tel. 381612; **Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B-C.** Tel. P. P. C., 720703-728395; **Nova Luz**

SINTRA

AMADORA — Recreios Desportivos — As 15 e às 21.15 horas: «Cantinfilas no Inferno» e «Salteadores» — (12 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — As 21.15: «A máscara de um fugitivo» e «Espião de duas caras» — (17 anos).
CACÉM — Cinema S. João — (Não há espectáculo).
MEM-MARTINS — Cine-Chaby — (Não há espectáculo).
SINTRA — Cine-Teatro — (Não há espectáculo). — Carlos Manuel — (Não há espectáculo).
ERICEIRA — Cine-Teatro — (Não há espectáculo).
ODIVELAS — Cine-Teatro — (Não há espectáculo).

(AMANHÃ)
AMADORA — Recreios Desportivos — As 15 e às 21.15 horas: «Cantinfilas no Inferno» e «Salteadores» — (12 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — (Não há espectáculo).
CACÉM — Cinema S. João — As 15.30 e às 21.30: «Mulheres perigosas» — (17 anos).
MEM-MARTINS — Cine-Chaby — As 15.30 e às 21: Meu coração tem dois amores — (17 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — (Não há espectáculo). — Carlos Manuel — As 21.30: «Babette vai à guerra» — (12 anos).
ERICEIRA — Cine-Casino — (Não há espectáculo).
ODIVELAS — Cine-Teatro — (Não há espectáculo).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209-211. — Telef. 930019.
QUELUZ — Zeller — R. da Republica, 61. — Telef. 950045.
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 25. — Telef. 980155.
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.
(AMANHÃ)
AMADORA — Campos — Rua Elias Garcia, 185-187. — Telef. 930072 — e Flama — R. Elias Garcia, 78-B.
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 4. — Telef. 950117.
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 25. — Telef. 980155.
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.

— Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Avenida D. Afonso III), T. 843439; **Martins, Lda. — Rua Fernão Magalhães, 33.** Tel. 849448; **Arnall — Rua das Escolas Gerais, 88-A.** Tel. 863940; **Morão — Largo da Graça, 63.** Tel. 860700; **Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A.** Tel. 842518; **Nobel — Rua Actor Vale, 53, junto à «Fonte Monumental», Lado Sul.** Tel. 842152; **Damásio & Cordero — Rua Morais Soares, 56-C.** T. 847708; **Oriental de Lisboa — Rua de Arrols, 215.** Tel. 45079; **Colonial — Rua Forno do Tijolo, 40.** T. 841122; **Pulido — Rua dos Anjos, 41.** Tel. 50730; **Central de Campolide — R. General Taborda, 17.** Tel. 680304; **Porfírio — Rua Francisco Metrass, 59.** Tel. 663349; **Janeiro — Avenida Pedro Álvares Cabral, 96-100.** Telefone 661453; **Paiva & Parente — Rua de Santo António, à Estrela, 96-98.** Tel. 665196; **Silva Santos — Rua da Escola Politécnica, 80.** Tel. 660280; **Occidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM 3.** Telefone 610256; **Lopes Ribeiro — Rua do Cruzeiro, 117.** Telefone 633288; **Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C.** Ramfio — Rua dos Jerónimos, 14-C. 631699; **J. A. Silva — Rua dos Quarteis, 25-27.** Tel. 637777; **Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 15.** Tel. 637020; **S. A. E. Silva, Filhos — Rua S. João da Mata, 74.** Tel. 661010; **Vieira — R. dos Polais de S. Bento, 73.** Tel. 663573; **Gonçalves, Lda. — Rua da Farmacêutica — Rua das Portas de Rosa, 176-178.** Tel. 32687; **Centro Santo Antão, 88.** Tel. 21211; **Tavares — Rua da Palma, 194.** Telefone 863350; **Unifa — Rua da Vitória, 21.**

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

(AMANHÃ)
TURNO I: União — Estrada de Benfica, 502-594. Tel. 780092; **Vitex — Estrada de Benfica, 373-B.** Tel. 780548; **Curie — Avenida Madame Curie, 15-A.** Tel. 778439; **Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35.** Carnide, Tel. 780181; **Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162.** Tel. 761035; **Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77.** Tel. 790480; **Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B.** — Tel. 791131; **Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A.** — Tel. 722368; **Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja D.** — à Avenida D. Rodrigo da Cunha — Tel. 722384; **Sanex — Avenida da Igreja, 31-C.** Tel. 776905; **São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A/B.** Tel. 725140; **Algarve — Avenida de Roma, 7-B.** Tel. 777478; **Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D-E.** — Tel. 771661; **Avenidas (Das) — Avenida da Republica, 27-A.** — Tel. 733688; **Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31.** Tel. 47088; **Universal — Rua Actor Taborda, 5-7.** — Tel. 44158 — A — Império, Lda. — Rua Filipe Folque, 40-A/B. Tel. 48002; **Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73.** Tel. 42239; **Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação.** Tel. 38926; **Olivalis (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19.** Tel. 389237; **Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32.** Tel. 38129; **Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100.** Tel. 863224; **Silva — Calçada de Santo André, 16.** Tel. 862074; **Branquinho — Rua dos Sapadores, 17.** Tel. 842725; **Luzmar — Rua 2, 16-A.** — Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira) Tel. P. P. C. 723395; **-720703; Ibéria — R. Barão de Sabrosa, 235 A — à Alameda — Tel. 728277.** Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B. Tel. 45751; **Góis, Lda., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D.** a 11.ª Rua do Registo Civil, Tel. 840101; **Ribeiro & Castro, Lda. — Rua Braamcamp, 58.** Tel. 43409; **Salutar — Rua 1.ª, 75-A/B.** B. da Liberdade, T. 636394; **Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A.** Tel. 684424; **Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133.** Tel. 686640; **Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9.** — Tel. 662388; **Tagus — Praça Passadouro da Silva — lote 3.** Tel. 669485; **Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63.** Tel. 611454; **Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D.** Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; **Dilena — Rua Aliança Operária, 49-A-B.** Tel. 636620; **Costa — Rua dos Lusitãos, 32.** Tel. 636704; **A. César — Rua Prior do Crato, 74.** Tel. 660187; **Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16.** Tel. 661867; **S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1.** Tel. 661275; **Africana — Rua Bernardino Costa, 45.** Tel. 29120; **Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96.** Tel. 21534; **Lima Amaro, f. c. — Praça da Alegria, 27-28.** Tel. 21149; **Cortez — Rua de São Nicolau, 93.** Tel. 25378.

(Ler na 10.ª página a secção «Bolsa de Lisboa»).

pequeno MAGAZINE

EFEMÉRIDES

No dia 30 de Novembro de 1939 a Rússia invadiu a Finlândia.

O consumo do queijo no Mundo

Os Suíços, os Noruegueses e os Franceses são actualmente os maiores consumidores de queijo, no Mundo, com uma média de oito a nove quilos anuais por habitante.

Os Russos estão bem longe, pois não chegam a comer 700 gramas cada ano. Mas a produção na Europa não chegou a aumentar 50% desde a última guerra, enquanto na Rússia aumentou 600 por cento.

RÉPLICA CASTELHANA

Conta-se que, depois da batalha de Bailén, que foi ganha pelo general Castaños, o marechal francês Dupont teve de entregar ao vencedor a sua espada, símbolo da entrega das armas com que o seu exército havia lutado, no dia 19 de Julho de 1808.

Ao fazer a entrega da espada, o marechal disse:

— Senhor, entrego-vos uma espada que venceu em mais de um cento de batalhas.

O general espanhol, com o chiste tão próprio dos Castelhanos, retorquiu-lhe imediatamente:

— Pois eu, senhor, é a primeira que ganho!

A CRISE AMERICANO DO CINEMA

Fala-se muito na crise do cinema americano, que tem trazido à Europa, em busca de contratos, alguns dos mais célebres e mais dotados astros de Hollywood.

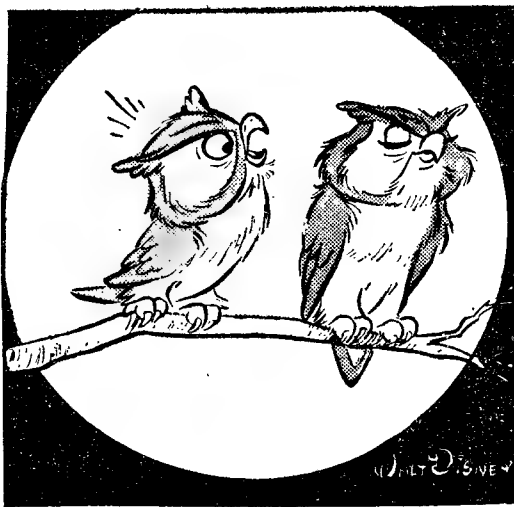
Verifica-se, contudo, numericamente, que os lucros de muitas das grandes empresas cinematográficas dos Estados Unidos estão bem longe do «defeito». Assim, a Metro Goldwyn declara um benefício líquido de 8 milhões de dólares; a Warner Brothers 15 milhões; a Fox 3 milhões; a Paramount 6 milhões.

Como se pode então falar de crise? Será que está afectada apenas a qualidade? Que apenas o grande espectáculo resulta comercialmente, perante o avanço irreprimível da TV?

Os peixes também têm fala

Os cientistas norte-americanos descobriram que entre os peixes existe uma espécie de fala, que se traduz por uma emissão de sons, absolutamente distintos, com os quais eles comunicam.

De todos os peixes, o mais ruidoso é a carpa, que emite um som semelhante à campainha de um despertador. Outros há que coaxam como as rãs.

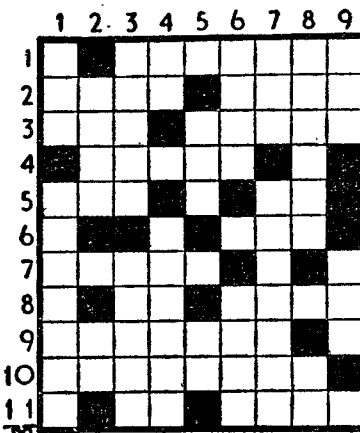


— Se pensas que eu vou piar por queres ir para casa de tua mãe, estás muito enganada...

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBO)

Problema n.º 2150



HORIZONTAIS: 1 — Abonador. 2 — Aves galináceas do Brasil. Gás com que se obtém, a luz vermelha na iluminação por tubos de incandescência. 3 — Ena! Agrava-se. 4 — De preferência. 5 — Patrão. Testemunho. 6 — Haver. 7 — Sacode. 8 — Despido. Corcovada. 9 — Partir. 10 — Empregas. 11 — Apelido. Região.

VERTICAIS: 1 — O qual. Abranja. 2 — Zombem. Antigo nome da nota musical «dó». 3 — Adubo de matérias orgânicas. Aros. 4 — Carta de jogar. Anuvia. 5 — Bases. Escarcece. 6 — Erva-doce. Distrito da nossa província de Moçambique. 7 — Prefixo que designa «novo». Unir. 8 — Entortar. A si. 9 — Eia! Doença.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2149

HORIZONTAIS: 1 — Mais. Gana. 2 — Índia. MAO. 3 — Pior. 4 — Rô. SEGURA. 5 — Obreia. Ar. 6 — Dci. Ara. 7 — Osso. Alma. 8 — NAO. Uis. 9 — Traídas. 10 — Era. TREME. 11 — Sé. Via. Im.

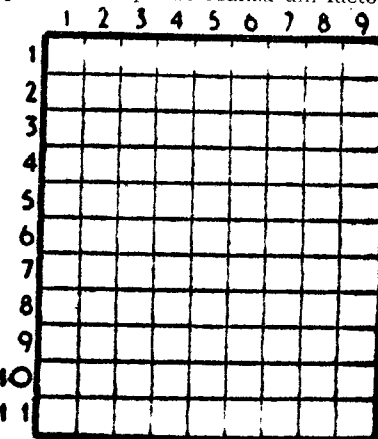
VERTICAIS: 1 — Microdotes. 2 — An. Obesa. Ré. 3 — Ida. Riso. 4 — Si. Se. 5 — Apeia. Bati. 6 — Igara. Ira. 7 — Amou. Alude. 8 — Narra. Miami. 9 — Ao. Armas-sem

(Provérbio: MAO SEGURA NÃO TREME).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4196

HORIZONTAIS: 1 — Ilha portuguesa no Atlântico. Eventualidade. 2 — Atmosfera. Esteiro. Símbolo químico do rubídio. 3 — Trocavas. Ruim. 4 — Oferecer. Invulgar. 5 — Artigo definido. Rosto. 6 — Tempo preciso em que se realiza um facto.



VERTICAIS: 1 — Espécie de lagarto. Textualmente. 2 — Cantigas. Campeão. Pedra de moinho. 3 — Aspecto. Numeral cardinal (fem). 4 — Reis. Musa da poesia heroica. 5 — Nesse lugar. Mamífero roedor. Oceano. 6 — Município. Ampla. 7 — Pedra de altar. Vila e concelho do distrito de Évora. 8 — Senhor. Transpirar. 9 — Rio da Rússia. Que não é militar.

Solução do problema n.º 4195

HORIZONTAIS: 1 — Zoroastro. 2 — Ato. Roer. 3 — Rã. Ga. 4 — Tara. Dr. 5 — Optimo. Roa. 6 — Ano. Ien. 7 — Age. Galão. 8 — Pã. Rita. 9 — Lê. Pé. 10 — Galé. Dal. 11 — Arimateia.

VERTICAIS: 1 — Zarco. Apaga. 2 — Ota. Pagã. Ar. 3 — Rô. Tine. Ali. 4 — Gamo. Em. 5 — Aro. Gil. 6 — Sr. Iate. 7 — Tom. Relá. De. 8 — Ré. Dona. Pai. 9 — Orara. Odeia.



SAÍDAS

LINHAS E ESCALAS

LINHA DE ÁFRICA

«MOÇAMÉDES»

3 Dezembro

«ANGOLA»

27 Dezembro pelas 18 horas

«NIASSA»

30 Dezembro

CARREIRA DO ORIENTE

«TIMOR»

27 Dezembro

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: R. do Comércio, 79 a 85—Tel. 23021 a 23026. PORTO: R. Infante D. Henrique, 63. Tel. 22438 e 22439

MATERIAL DE QUALIDADE PARA MÃO DE OBRA DE ÉLITE

Numerosos sucessos na construção Civil, Naval e de Móveis deram ao **NOVOPAN** uma notoriedade verdadeiramente excepcional pelas suas características e qualidade. É estável, decorativo, isolador, económico e resistente.

Não é mais caro e é melhor.



EMPRESA PRODUTORA DE AGLOMERADOS DE MADEIRA

(S. A. R. L.)

REBORDOSA (BALTAR — DOURO)

PORTUGUÊS

VALBELO



o litro do meu vinho preferido



SIDERURGIA NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL — 500:000.000\$00

Sede: Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

4.ª EMISSÃO DE CAPITAL PAGAMENTO DA 5.ª E ÚLTIMA PRESTAÇÃO

Avisam-se os Senhores Accionistas de que a 5.ª e última prestação, no valor de 20%, deverá ser paga de **2 A 7 DE DEZEMBRO**, no mesmo local onde foi feita a subscrição.

No acto do pagamento os Senhores Accionistas apresentarão as cautelas representativas das acções para nelas se consignar a respectiva liberação.

Kent

IRRADIADORES ELÉCTRICOS DE GRANDE
PODER CALORÍFICO

EQUIPADOS COM OS MARAVILHOSOS
TUBOS DE SÍLICA

MAIS CALORIAS SEM MAIOR CONSUMO

ESC. 490\$00

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Agentes no Sul: NEOFON, LDA

Rua Anchieta, 13, 2.ª, Dir.



O BÉBÉ DORME TRANQUILO NUM DUNLOPILLO

O sono tranquilo e repousante do bebé é resultado do conforto de um bom Colchão. O Colchão Dunlopillo é o indicado.

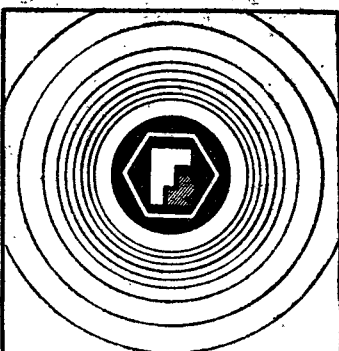
O Dunlopillo é completamente higiénico e não precisa de ser ventilado, o ar circula através da espuma do Dunlopillo mantendo-o fresco. Não acumula pó ou cotão.

Sono tranquilo só com **Dunlopillo**

Representante em Portugal: G.^{ME} GRAHAM JR. & C.^ª

Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.



Rabotti



EQUIPAMENTO
ELÉCTRICO
para
AUTOMÓVEIS
ITALIANOS

BANCOS DE ENSAIO
ELÉCTRICOS E DIESEL

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79

LISBOA

MALHAS

MODERNAS

PARA HOMEM, SENHORA
E CRIANÇA

Não comprem sem ver primeiro
os tentadores modelos e preços
— DA —

Fábrica do Rossio

NO ARCO BANDEIRA, 231, 1.
(ao canto do Cinema Rossio)

O «Diário de Lisboa» vende-se em
Castelo de Vide no Salão Royal.

GLAYVA

é o famoso
Licor Escocês
feito à base
de Whiskies Velhos
seleccionados e
considerado o
melhor licor
do Mundo



AGENTE EM PORTUGAL:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA — Av. Almirante Reis, 238-A
Telef. 727643

PORTO — Rua de S. Luís, 12/18
Telefs. 22602/27202/34585

Cooperativa "O Problema de Habitação"

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De harmonia com os N.ºs 1.º, 2.º e 4.º do art.º 55.º e § 1.º do art.º 56.º dos Estatutos aprovados em Assembleia Geral de 16 de Agosto de 1940, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa a reunir na sua sede social, sita na Praça da República, 210, desta cidade pelas 21 horas e 30 minutos do dia 15 de Dezembro p. f., com a seguinte

ORDEM DA NOITE

- Eleição dos Corpos Sociais para o biénio de 1961/1962;
- Discutir e votar o Orçamento para a gerência de 1961;
- Autorizar a Direcção a contrair um ou mais empréstimos na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nos termos do art.º 10.º dos Estatutos;
- 1 — Proposta de regulamentação do art.º 5.º dos Estatutos.
2 — Proposta de alteração do art.º 38.º dos Estatutos e do art.º 40.º do Regulamento Interno e de fixação das disposições transitórias respectivas.

No caso de não reunir numero de sócios para que legalmente a Assembleia possa funcionar, fica desde já designado o dia 30 do mesmo mês, por igual hora, no mesmo local e com igual ORDEM DA NOITE, para segunda convocação, funcionando, então, com qualquer numero de sócios presentes.

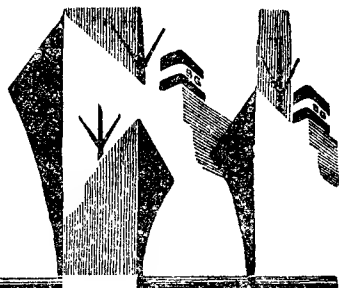
Porto 30 de Novembro de 1960.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,
(a) Adriano Augusto Gonçalves Coutinho Lanhoso



SOCIEDADE GERAL

LISBOA - R. DOS DOURADORES, 11 - TEL. 26314 - 34513
PORTO - R. SÁ DA BANDEIRA, 82 - TEL. 27363



CARREIRAS

METRÓPOLE AFRICA

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)

N/M «ALFREDO DA SILVA» — A 10/12/60, Carrega em Lisboa para Cabo Verde a 7/12/60 e para Bissau a 6/12/60. Carga Frigorífica dia 9/12/60, até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística

Directo a: LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES

N/M «RITA MARIA» — A 15/12/60, Carrega em Lisboa de 12/12/60 a 13/12/60. Carga Frigorífica dia 14/12/60 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª Classes. Este navio escala previamente Leixões

NORTE EUROPA ANGOLA

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES

N/M «ARRAIÓLOS» — A carga em Hamburgo, Bremen, Roterdão e Anvers até 9/12/60 em Lisboa só para Matadi a 15/12/60

N/M «AMBRIZETE» — A' carga em Hamburgo, Bremen, Roterdão e Anvers de 17/12/60, até 30/12/60, em Lisboa só para Matadi a 5/1/61.

ANGOLA NORTE EUROPA

Para: ANVERS, ROTTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN

N/M «ALENQUER» — A carga nos Portos de Angola até 7/12/60
N/M «ANDULO» — A carga nos Portos de Angola de 11/12/60 até 28/12/60

ANVERS PORTUGAL

Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA

N/M «CORUCHE» — A carga em Anvers a 1/12/60 e 2/12/60
N/M «AFRICA OCIDENTAL» — A' carga em Anvers a 15/12/60 e 16/12/60

João Abel Manta

e as crueldades provincianas

por JOSÉ CARDOSO PIRES

João Abel Manta tem o condão da minúcia obcecada que, desenhada em doses impiedosas, denuncia uma brilhante, atrevida e cruel ostentação dos fundamentos exactos do real quotidiano: muros desenhados à régua, sombras (mesmo a das personagens ridiculamente não-exactas) leantadas em perspectiva com pontos de fuga matemáticos (mesmo que cobrindo seres vivos de inexacta presença), descritos fibra a fibra como num cartão ampliado para uso dos teares — uma ostentação, enfim, de fundamentos exactos extremamente denunciadores do gosto do rigoroso, ou seja, do estilo antiprovinciano.

O seu desenho repudia a caricatura não pela força do pormenor, mas porque é de traço «fino», como o das agulhas das tatuagens que marcam o homem dolorosamente e para sempre. E desdenha do sarcasmo porque o sarcasmo envolve, regra geral, despeito e ironia saturada, e de ironia também a má pin-

(Continua na última página)

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 123

FEIRA DAS VAIDADES

O CONTRATO

por ARTUR PORTELA (filho)

O contrato é exigente para ambas as partes mas representa uma conquista do autor. A edição evoluiu aos solavancos, pelos impulsos de um editor desatento. O contrato vertebrou-a e autorizou a reclamação do autor. Está para a edição como a Declaração dos Direitos do Homem se colocamos o autor na situação de Terceiro Estado. Não é, evidentemente, uma derrota do editor. Antes um recuo estratégico, perante a revolta latente do autor. O contrato é uma Constituição que mantém o Executivo em poder do editor.

A ideia de definir os direitos de um autor desabrigado e inseguro merece imediata adesão que pode vir a ser imprudente e até inteiramente negativa. O contrato tem a popularidade do seu passado mas, a coberto de um prestígio antigo e já honorário, evoluiu num sentido inquietante. O livro isolado já mereceu um contrato mas a periodicidade da produção banalizou-o. Assim, o contrato tomou a amplitude de uma produção maciça. O contrato deixou de tomar como base determinado livro e regula uma obra que avança sobre o tapete rolante de uma cadeia de montagem. Será, rapidamente considerado, um outro avanço. Avanço que implicará um recuo da parte contrária: o editor.

Coexistência pacífica integral e permanente, sem as pequenas batalhas que conduzem ao contrato relativo a cada livro, sem necessidade de paz armada. A editora fixa o ordenado mensal e exige perio-

dicidade. Ao autor só resta produzir. O livro perde a impertinência de uma solidão irritada e passa da Remington à Linotype. O intervalo da negociação, onde cabia o vexame da recusa, a revisão incessante e obsessiva, a leitura na roda de

(Continua na última página)

O perigo e a urgência da solidão

— «leit-motiv» de um breve diário com André Bay



ANDRÉ BAY

André Bay nasceu em 19 de Setembro de 1916. Frequentou a Escola Comunal de La Frette e concluiu os estudos secundários em Condorcet, licenciando-se em Filosofia na Universidade Henri IV. Iniciou a actividade profissional como professor nos arredores de Paris. Participou na última grande guerra como artilheiro. Abandonou o ensino para se dedicar à actividade literária, tendo dirigido várias colecções. Crítico literário, tem colaborado num grande número de jornais e revistas. Publicou os volumes: «L'Ecole des vacances» (1950), «La fonte des neiges» (1953) e «Um homem na América» («La carte du tendre» 1959), que já foi sugerido para o Prémio Femina do corrente ano. A crítica tem saudado André Bay como um dos espíritos mais curiosos, subtis e perspicazes da moderna literatura francesa.

A cabeça é esguia e grisalha. Há alguma ironia no interior da tristeza de André Bay, que vamos encontrar na sala azulada do Café Chiado, ao lado de Fernando Namora, o seu amigo português.

— E' curioso. Verifico que em Paris possuo meios mais seguros de informação sobre a literatura bra-

(Continua na página seguinte)

JORGE AMADO!

— Literatura

não é vida literária

Entrevistado por uma revista brasileira Jorge Amado fez as seguintes declarações:

■ Os nossos escritores são funcionários públicos, publicitários, etc. Alguns, como Machado de Assis e José Lins do Rego, tinham empregos que lhes permitiam o tempo indispensável para escrever. A maioria, não. Nos intervalos é que faz literatura. Hoje, um jovem de talento pode ganhar mais de cem mil cruzeiros por mês em diversos afazeres. Literatura não dá isso, no início. E' frequente o caso do escritor que surge com um primeiro livro de que todo mundo fala, para depois sumir. O Brasil é o país do primeiro livro.

■ Em última análise, o que falta à maioria desses escritores é paciência. Literatura dá dinheiro. E' uma questão de tempo e de concentração no trabalho. Tive mais sorte do que muita gente, reconheço. No meu segundo livro, «Cacau», já

(Continua na última página)

SARTRE

autor do prefácio do primeiro livro de Fidel Castro

Foi publicado em Cuba um livro de Fidel Castro, um documento sensacional sobre o movimento que abateu Fulgêncio Baptista. O prefácio é de Jean-Paul Sartre, que se encontrou com o chefe do Governo cubano em Outubro. Sartre considera Fidel Castro um anarquista.

QUEM É VINTILIA HORIA

o Goncourt de 60

e o que é o seu livro

«Dieu est en exil» é um romance autobiográfico e a consagração de um escritor sem pressa. Escrito em Madrid, narra o drama de um exilado romeno, martirizado pelos nazis, depois procurando radicar-se na América do Sul regressando por fim à Europa. Este Prémio Goncourt só foi atribuído após uma intensa batalha. O júri de dez es-



VINTILIA HORIA

critores dividia-se em três partidos: o de Horia, o de Henri Thomas e o de Michel del Castillo. Anulado Castillo, o candidato do secretário do Goncourt Gerard

(Continua na última página)

«S. FRANCISCO

de Assis

— o renovador

da Humanidade»

Uma obra única e exemplar, esta, de Guedes de Amorim, consequência de vinte anos de estudo. «S. Francisco de Assis — o renovador da Humanidade» atinge as proporções de monumento literário, como estudo biográfico de uma das figuras centrais da Igreja da Idade Média, como obra abrasada por uma fé indiscutível. Livro que, publicado há três meses, já se encontra esgotado, foi recebido pelo público com um interesse excepcional. Saiará, dentro de dias, a segunda edição de «S. Francisco de Assis — o renovador da Humanidade», com um novo prefácio.

O «BEST-SELLER»

DA POCHE

é CHRISTIANE

ROCHEFORT

O «best-seller» da colecção do Livro de Poche para 1960 é «Le Repos du Guerrier», de Christiane Rochefort. Em 1961, nesta série, surgirá o «Diário» de André Gide. O livro de bolso invadiu os mercados literários mundiais.

“História da cidade do Porto”

Sob a direcção do professor Damiano Peres, da Universidade de Coimbra, e do dr. António Cruz, director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, iniciou a *Portucalese Editora* a publicação em fascículos de uma «História da cidade do Porto». A obra foi inicialmente concebida e planeada pelo malogrado escritor e historiografo dr. Artur de Magalhães Basto, que por isso figura entre os orientadores da edição. E do seu interesse fala com sobria eloquência, pela intrínseca sugestão da matéria, o título com que é apresentada e que já pode visionar-se no primeiro fascículo, agora distribuído. A edição permitirá reviver, na animação e colorido dos seus fastos seculares, a vida histórica da cidade que tem sido, nas horas mais sombrias como nas mais gloriosas, um testemunho da vitalidade e personalidade do povo português. Logo neste fascículo inicial esboça o prof. Damiano Peres as origens da cidade, a partir do remoto povoamento da região portuense revelado pela investigação pré-histórica. Diversos colaboradores, especializados no estudo das sucessivas épocas do passado da cidade, vão participar na elaboração desta obra monumental, largamente ilustrada no texto e em extra-textos de valiosa execução gráfica. A «História da Cidade do Porto» constitui empreendimento cultural de grande relevo e cumpre acompanhá-lo na sua realização com o vivo interesse que o assunto e o nível dos colaboradores justificam.

Os «best-sellers» estrangeiros na Hungria

Os «best-sellers» da literatura estrangeira na Hungria são «Le plaire», de Stendhal; «Uma Vida», de Maupassant (153 000); «As vinhas da ira», de Steinbeck (65 000); «A montanha mágica», de Thomas Mann (60 500); e «Poemas», de François Villon (56 500).

As afirmações de André Bay

(Continuação da página anterior)

sileira, que me diziam tão próxima da cultura portuguesa.

— Interesse-o a literatura brasileira? — perguntamos, invadindo a conversa que escorre, numa tonalidade que Bay impõe.

— Estou profundamente ligado à cultura anglo-saxónica. «La carte du Tendre» («Um homem na América»), a tradução do livro de Helen Hayes, o estudo atento das realidades norte-americanas indicam-no. Esta viagem a Portugal é um primeiro contacto com o vosso povo e a vossa literatura e, também, uma tentativa de achar a raiz comum que une a vossa a cultura brasileira.

O cinquentenário de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz completou, há dias, cinquenta anos de idade e trinta de actividade literária. Uma «conspiração» feita por Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Adonias Filho, Hélio Fernandes, Elsie Lessa e José Olimpio celebrou a data com a publicação, num só volume, de toda a obra de ficção da ilustre escritora, a respeito de cuja idade Eneida escreveu com sinceridade, justiça e elegância:

«Não é muito elegante nem gentil proclamar-se a idade de uma mulher, trombetear aos ventos que uma mulher faz cinquenta anos. Mas Rachel de Queiroz não é uma mulher qualquer, pelo que, com certeza sentirá, hoje, muita alegria vendo em torno de si todos nós, seus velhos amigos, saudando-a com muitos vivas, abraços, votos de mil venturas. Quando se envelhece cercado de amor, quando alguém é assim muito querida como Rachel, a idade não importa. O que vale é o tempo vivido para acimentar amizades».

Rachel de Queiroz é uma das grandes figuras literárias do Brasil.

ra. Porém, surpreende-me a inexistência de uma informação regular e actualizada sobre o Brasil entre vós.

— Nesse caso, esta é mais que uma viagem de férias.

— Não é, sequer, uma viagem de férias. Venho para recolher material. Tenciono publicar uma série de artigos sobre Portugal. E, provavelmente, para um romance que projecto.

— E cuja acção decorre em Portugal?

— Não totalmente.

— Qual é a história narrada no livro?

— Tenho um princípio: não falo dos livros que planeio.

— Lisboa já lhe deixou uma impressão que reproduzirá, com certeza, nos seus artigos e no seu livro.

— Tem razão. Há aqui uma alegria complementar da vossa tristeza essencial.

— Que tempo vai ficar entre nós?

— Não sei ainda.

Namora interrompe:

— Ele quer libertar-se de compromissos. Quer conhecer as nossas realidades sem intérprete.

— Trabalho difícil e demorado esse.

— Naturalmente — diz André Bay — Não será, é claro um contacto tão fundo como o que tive com os Estados Unidos.

— Como se situa na literatura francesa?

— Um independente. De resto, a a solidão, a sua viabilidade e os seus perigos constituem problemas centrais da minha obra.

— Que são traços fundamentais de «La carte du tendre»...

— O cinema interessa-o, sei que vai trabalhar com Jean Pierre Mocky.

— Exacto. Trabalho na cinematização do romance de Helen Hayes que traduzi. Creio que, como escritor, devo tentar todos os meios de comunicação com o publico.

Ainda e sempre a violação do silêncio individual, que parece exigir de André Bay um esforço total.

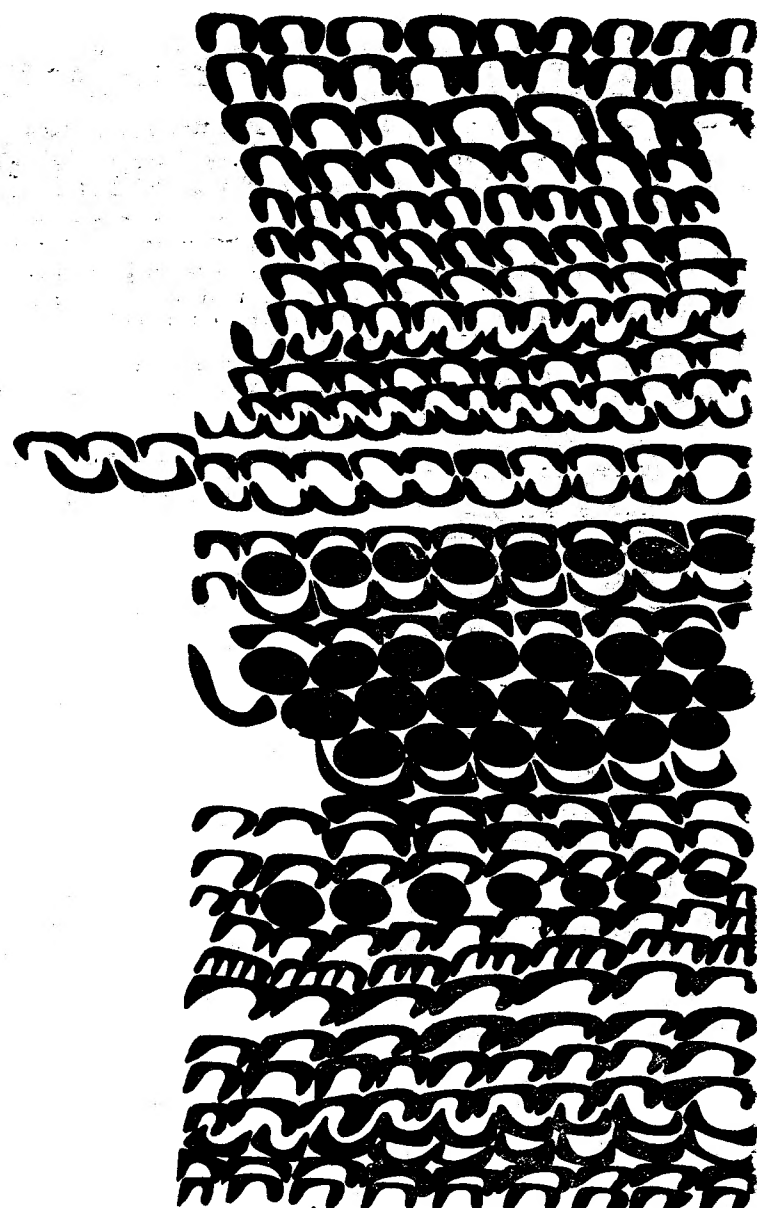


Ilustração do livro «Abstractos portugueses em 1960» de José-August França

FLASHES

- Foi reeditado na Coleção SABER, o volume «A ARTE DE PINTAR», de Tristan Klingsor. O volume, além dos extratextos, que valorizavam a primeira edição, vem agora enriquecido com a reprodução, em tricromia, de uma «natureza morta» de Picasso. A tradução é assinada por Mário Dionísio.
- A «PEROLA», do grande romancista norte-americano John Steinbeck, vai ser publicada na coleção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».
- O volume «A Sexualidade», de Jules Carles, editado na Coleção SABER é uma obra científica, especializada, que estuda problemas relativos às modalidades do sexo, a química do sexo e as etapas do sexo.
- O romance «O Homem da Montanha», do escritor neo-realista italiano Dino Buzzati, aparecerá ainda este mês na coleção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS».
- José Cardoso Pires, o autor de «Caminheiros» e de «Anjo Alcorado», publicou uma peça de teatro intitulada «O Renter de Heróis». É uma edição de Publicações Europa-América com capa de Sebastião Rodrigues inspirada num quadro de Julio Pomar.

fic, especializada, que estuda problemas relativos às modalidades do sexo, a química do sexo e as etapas do sexo.

OS NOSSOS CONTOS

O FOGUETE

Texto de BOTELHO DA SILVA

Ilustração de VALADAS CORIEL

O homem-que-transportava-o-foguete ria consigo mesmo. A cidade adormecida ignorava-o. No centro, as ruas ofereciam um aspecto de desolação. Silêncio e caixotes de lixo. Crepúsculo matutino. Mas nada disso importava ao homem. Ele sabia que, uma vez lançado o foguete, o seu luminoso estalejar provocaria o pasmo de todos. E ele seria olhado, admirado, invejado, aclamado. Esperara uma vida inteira por aquele dia — o seu dia — em que transportaria o foguete para ser lançado na praça pública.

O homem-que-devia-lançar-o-foguete sentia-se muito senhor de si. Tinha já a mecha preparada, e colocara-se no sítio mais elevado da praça, de onde pudesse dominar a multidão. Quando o foguete riscasse, num assobio vibrante, o céu plumbeo e desprevenido, ele custaria a conter a vontade de gargalhar que começava a dominá-lo. Muito senhor do seu papel, chegou o lume ao foguete. Aquele era um momento importante da sua vida. A cana frágil tremeu-lhe por momentos na mão, mas logo encontrou forças para a segurar melhor. O foguete pegou fogo, e abalou, sem delongas, rumo às nuvens virgens que o engolfaram.

O homem-que-construiu-o-foguete seguiu, com lágrimas nos olhos o seu trajecto veloz. Era a sua obra, a sua criação. Pessoa alguma se lembrara de construir um foguete assim. O seu, em vez de quatro, ou seis, ou oito, estalejaria dezasseis vezes. Os seus conhecimentos pirotécnicos eram seguros. Podia não ter jeito para mais nada — não tinha mesmo — mas preparar foguetes era com ele, sempre fora e sempre seria com ele. Deixaria a multidão embasbacada, e não apenas os leigos, mas até os entendidos. Aqueles aplaudiriam fortemente. Estes os entendidos, ficariam a remoer-se, a censurar-se por não lhes haver ocorrido a ideia em primeiro lugar. Sabia que procurariam amesquinhá-lo, por em dúvida o seu valor. Mas demorado tarde, o efeito produzido seria já ampla realidade. O aplauso abafaria as vozes dos outros. O



aplauso subiria, cresceria, recrudesceria, dominaria a praça, a cidade, o país, o mundo.

O homem-que-aplaudiu-o-foguete estava rubro de excitação. Aquilo, sim! Bravo! gritava, até enrouquecer. Único! Magnífico! Extraordinário! Genial! Aquilo, sim era um foguete. O seu criador era um génio. Era preciso que todos o aplaudissem, que todos o reconhecessem como tal. E pulava, dava gritos urrava mesmo. Que reparassem, que pasmassem, que aplaudissem. Já o eco do derradeiro estrondo há muito se perdera, ainda o homem aplaudia. Fê-lo, cada vez mais rouco, até lhe faltar a voz.

Depois, o homem-que-contrulou-transportara, lançara-e-aplaudira o foguete, deixou um grande cansaço invadi-lo, e retirou-se, em busca do merecido repouso. Não reparou sequer que a praça continuava vazia, a cidade quedava ainda adormecida, o mundo permanecia indiferente.

O unico vestígio de um êxito que não passara de sucesso, era uma caninha ardida, abandonada no meio da praça...

VENDIDOS 35 000 VOLUMES

da última obra

de Simone de Beauvoir que ainda não saiu

Anuncia-se um novo livro de Simone de Beauvoir: «La Force de l'âge». A editora, a Gallimard, que ainda não lançou o volume, revelou já ter recebido encomendas de 35 000 exemplares.

ACABA DE SAIR

O 11.º VOLUME DA COLEÇÃO

encontro

UM HOMEM NA AMÉRICA

de

ANDRÉ BAY

um novo romancista da literatura contemporânea

editora ARCÁDIA limitada

Travessa de São Paulo, 7-3.º — Lisboa-2 — Telef 24205

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«VOZ INICIAL»

por ANTÓNIO RAMOS ROSA

Traz novos acordes de um lirismo sério e denso e abre novos veios de descoberta temática e formal esta colectânea de poemas de António Ramos Rosa. Escritor de poucos livros — talvez por compreender, muito acertadamente, que em poesia a abundância nada acrescenta de qualificativo, que não é por fazer muito que diz mais — tem a sua obra reduzida a três volumes breves, incluindo o que foi agora publicado. E isso é um mérito, em poeta que faz pressentir nas suas composições sempre mensagens de alguma coisa de profundamente personalizado uma inspiração vocacional que deve facilitar-lhe a criação copiosa. No nosso panorama poético anarquizado, onde quase tudo se reduz a tentativas de direcções multiformes, de caminhos que não chegam a ser percorridos, a obra sumária mas firme de Ramos Rosa determina-lhe desde já um lugar entre os raros eleitos. Só é de desejar que esse facto nunca o faça ceder à tentação da prolixidade em que tantos comprometem o seu destino literário.

Nos poemas de «Voz inicial» continua bem viva, mas seguramente dominada, a raiz surrealista que tem sido o molde, talvez inevitável do testemunho da sua inquietação. Assinala-se a persistente tendência numa imagística de assíduas sugestões plásticas, na técnica de sobreposição dos símbolos humanos aos símbolos de uma natureza dramatizada, na alegoria complexa. O neo-realismo, que em «Viagem através de uma nebulosa» era muito mais sensível, dilui-se agora em fórmulas muito mais individualistas. O poeta ama o reino da promessa mas procura nele rumos mais pessoais, e afigura-se que a inclinação para um certo panteísmo, destituído de mística estéril e associado com uma ansiedade amorosa versátil, está a inspirar os novos rumos poéticos de Ramos Rosa. Esta conjugação complexa revela uma personalidade lírica em gestação prolongada, capaz de revelações muito diversas, mas sobre um alicerce sólido de sobriedade e de limpidez já definitivamente alcançadas.

Que solicitações, que deslumbramentos, que descobertas, virão a encaminhar esta vocação poética? Seria prematuro adivinhá-lo. O pró-

prio autor, sem dúvida, ignora as origens genéticas das novas forças que o conduzem. A palavra *terra*, por exemplo, surge dezenas de vezes ao longo deste livro, envolta em ressonâncias anímicas, mas reflectindo uma ansia de comunicação ou de identificação telúricas que não está próxima de apaziguar-se. E as próprias diversidades estróficas são indício de inquietações pesquisadoras, embora não lhes falte a unidade de ritmo e a constante densidade formal que caracterizam definitivamente o poeta. A *esperança vigilante* que se invoca num dos mais belos poemas do volume constituirá, decerto, a mais perene das amarras, nessa trajectória de uma sensibilidade lírica e de uma arte literária que continuam marcadas pela expectativa essencial: «...corro à espera de nascer no meu povo».



ANTÓNIO RAMOS ROSA

Com este novo livro, e apesar de tantas interrogações a *latare* que sugere, não desilude Ramos Rosa os que confiam no seu destino de poeta. (Coleção *Círculo de Poesia*, edição da Livraria Moraes Editora).

«ALFREDO PIMENTA — TERRA E POESIA»

Antologia com um estudo de AMÂNDIO CÉSAR

O tempo passou sobre a vida incoerente e a obra prolixa de Alfredo Pimenta. Já não há dificuldade alguma em ajuizar de ambas com a objectividade isenta que as suas qualidades e os seus defeitos justi-



AMÂNDIO CÉSAR

ficam. O estudioso febril, o trabalhador portentoso da pena, o escritor de vibração constante, o polemista veemente, até em numerosos aspectos o labor do historiógrafo, podem agora clarificar e atenuar, na evocação desinteressada, os malogros do doutrinário e do pensador filosófico que não conseguiu ser e as estreitezas do fanatismo, exasperado que tantas vezes lhe comprometeram as qualidades incontestá-

veis. Não é como poeta, todavia, que lhe ficará assinalado um lugar de vulto na história da literatura e da cultura portuguesas. Admiti-lo seria uma ilusão que a leitura da antologia agora organizada e apresentada por Amândio César deixa perdurar.

Não é que falem belos versos, ritmos sedutores, emoção muitas vezes sincera através de um esteticismo que resvala com demasiada frequência em dandismo lírico, na copiosa criação poética de Alfredo Pimenta. Mas falta-lhe a força criadora, a originalidade, o vigor formal, o ímpeto. Neste homem que foi sempre um violento em matérias doutrinais e na actividade intelectual, a poesia é deliquescente e frágil. Cede a influências contraditórias e transitorias, desde o simbolismo dominante na época em que começou a escrever até as suavidades bucólicas de João de Deus, à anotação realista de Cesário Verde ou às sonoridades d'anunzianas. Com frequência, é um verzejar provinciano e folclórico que vem à superfície, entre as melancolias visionárias à Verlaine e as desilusões amargas e paradoxais à Óscar Wilde. Nada há que domine ou que arrebate nessa carreira de bom verzejar que se prolonga por mais de trinta anos, e sempre frágil e estruturalmente pobre. Alfredo Pimenta não passou de um razoável poeta que nada acrescenta de novo ao lirismo português.

Não é com esta visão, evidentemente, que Amândio César vai arrancar a livros esquecidos a antologia agora publicada. A intenção é declaradamente panegirística — como o estudo que apresenta a antologia e que foi na origem uma conferência de homenagem. A ambas as coisas justifica uma evocada amizade. E essa é muito respeitável. Mas não parece crível que os objectivos exaltadores, de tão pessoal e sentimental raiz, sejam alcan-

gados com uma obra que apenas ressuscita o razoável poeta, inevitavelmente diminuído pelo tempo através do qual não foi capaz de renovar-se. No seu estilo, na sua viva e calorosa composição, é muito mais forte, mais essencialmente interessante, o estudo que lhe consagra Amândio César. O ensaísta manteve-se superior às ilusões da sua admiração ou da sua amizade pessoal, erguendo uma criação literária que é sugestivamente válida por si mesma desde que se consiga esquecer ou se queira ignorar o tema que a determinou.

Afirma Amândio César no seu estudo que Alfredo Pimenta foi «uma presença de cultura viva, humana até ao cerne». Ora é muitíssimo difícil e raro que uma cultura essencialmente erudita seja uma cultura viva (o caso de Herculano é único em Portugal) e que uma cultura tendenciosamente polémica seja «humana até ao cerne». Não parece que tenha sido uma coisa nem outra a cultura do autor dos «Estudos Filosóficos e Críticos», que são tão limitadamente filosóficos e tão precariamente críticos. Ou então as palavras deixam de ter sentido compreensível. O sentimento lírico, esse sim, é ou pode ser profundamente vivo e humano como sentimento, ainda que a criação literária em que se exprime seja medíocre. Assim o certificam estas páginas de antologia poética de Alfredo Pimenta, apesar do descritivismo trivial de muitos poemas e da ausência de originalidade e vigor em quase todos. Algum dia Amândio César o reconhecerá, quando o seu forte sentido crítico e ensaístico puder libertar-se desta e de tantas outras ilusões. (Edição da Câmara Municipal de Guimarães, 1960).

REGISTO

Da magnífica edição em fascículos das peças mais notáveis, ou mais consagradas tradicionalmente, de William Shakespeare, promovida pela organização *José Scarpa* sob a direcção literária de Luís de Sousa Rebelo, estão publicados oito fascículos que já permitem ajuizar das grandes proporções e do alto interesse cultural deste empreendimento. As traduções das peças respeitam fielmente os textos originais, sob a autoridade dos mais qualificados comentadores da dramaturgia shakespeariana. E entre os tradutores contam-se relevantes nomes da vida literária portuguesa, especialmente preparados para este trabalho de grande responsabilidade intelectual. Nos fascículos publicados incluem-se as peças «A mui excelente e lamentável tragédia «Romeu e Julieta», traduzida por Luís de Sousa Rebelo, com desenvolvidas anotações finais; «Sonho de uma noite de Verão», traduzida por Maria da Saudade Cortesão, também anotada e comentada com elucidativas referências; e as primeiras páginas de «O rei Lear», em tradução de Maria Manuela Serpa.

Os textos são acompanhados de esplêndidas gravuras reproduzindo aspectos das representações de Shakespeare no *Memorial Theatre*, de Stratford-on-Avon, e ilustrados com vinhetas de elegante desenho que assinalam a direcção artística de Manuel Lapa nesta edição notável. Coordena esta brilhante realização editorial o escritor Manuel do Nascimento. E dos resultados do esforço que está sendo empenhado na obra falam com eloquência os fascículos já distribuídos, que trazem ao público culto do nosso País um valor essencial da literatura clássica — hoje tão vivo e palpitante de interesse como há três séculos.

Mário Domingues, a cujo labor incansável na divulgação das grandes figuras e épocas da história de Portugal é devido o melhor aprego, publicou recentemente pelas *Edições Romano Torres* a evocação histórica «D. Manuel e a Epopeia dos Descobrimentos». A limpidez formal, a coordenação criteriosa e a descrição fundamentada, mas sem pretensões pedantes, destes trabalhos de Mário Domingues, conferem-lhes interesse instrutivo que a juventude e os autodidactas podem apreciar da mais justa medida. Os fastos da acção

portuguesa nos mares e nas terras distantes, sobretudo na primeira parte da invasão do Oriente, são narrados com vivacidade e colorido pelo escritor, a que não falta o sentido literário da reconstrução evocativa.

A *Gazeta de Matemática*, que tem constituído factor de congregação operosa de alguns cientistas portugueses de mérito, tomou a iniciativa de editar uma série de pequenos volumes de divulgação sobre problemas de actualidade científica. O primeiro da série, agora dado a público, intitula-se «A exploração do espaço cósmico» e é da autoria do professor da Universidade de Moscovo A. N. Nesmeianov. Nele se incluem dois relatórios apresentados pelo autor à Academia das Ciências da U. R. S. S., documentando os resultados científicos conseguidos com o lançamento dos «sputniks» e foguetões cósmicos e o trabalho de investigação que os tornou possíveis. O trabalho é largamente ilustrado e sugere a grandeza do esforço de cientistas e técnicos que estão a desvendar novos horizontes ao domínio inteligente do homem sobre a natureza.

A *Portugália Editora* trouxe ultimamente a público uma nova série de obras representativas da literatura mundial contemporânea. Contam-se, entre elas, o romance de André Gide «Os moedeiros falsos», que assinala um dos mais altos cumes da literatura francesa no nosso século e põe em causa as complexidades psicológicas do extremo limite entre a inocência e o pecado; «Vidas Secas», do romancista brasileiro Graciliano Ramos, em que se retrata no seu estilo depurado e subtil a personalidade singular de um dos maiores escritores da língua

portuguesa; «Morte de um cão», por André Piljean (na colecção «Olho de Lince») que é considerado modelo excepcional da literatura policiária moderna; e «A solteirona dos chapéus verdes», de Germaine Acremant, incluída na Biblioteca das Raparigas, que reúne a uma narrativa de interessante vivacidade o humor alegre e são que seduz a juventude sem graves problemas. A *Portugália Editora* continua assim a servir com largueza os mais diversos sectores do nosso público do livro.

Precedida de um estudo por Fernando Mourão, publicou a Casa dos Estudantes do Império, em modesta edição a ciclostilo, uma antologia de «Contistas Angolares» reunindo autênticos escritores angolanos a outros que apenas nos. O conjunto é heterogêneo, vivem em Angola ou por lá passaram. Mas esta diversidade é reveladora das direcções multiformes que tem tomado a literatura na África Negra ou nela gerada e que, por isso, é essencialmente documental ou consubstancial da «verdade» africana. Literariamente, de resto, nem todos os contos são de feliz escolha, ombreando o muito bom com o medíocre, o fortemente expressivo com o pouco ou nada significativo. Mas o desígnio de contribuir para a divulgação de um mundo literário que se revela dispersivamente ou que se mantém obscurecido é apreciável — e merecia outra qualidade material de edição. O estudo introdutório de Fernando Mourão é lucido e corajosamente revelador. Com razão conclui que só pela «redescoberta» dos valores culturais tradicionais, aliados aos novos temas que a vida da sociedade hoje nos oferece, a moderna literatura angolana poderá alcançar um lugar próprio, com temática especificamente angolana.



César no seu estúdio

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Português - Inglês - Alemão - Francês - Italiano - Espanhol

Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL

PROFESSORES ESTRANGEIROS

DIPLOMAS

O Institute of Linguists (de Londres) concedeu várias DISTINÇÕES a alunos do Centro, nos exames realizados em Lisboa para obtenção de DIPLOMAS desse Instituto inglês.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 25-1.º — T. 73 0892

tura, e a má literatura, e a má política, têm a sua parte.

João Abel tem outra coisa. A travessura perigosa, talvez. Um desenho dele, um dos mais «divertidos» que seja — caligráfico, pacientemente anacrónico, pirâmide de mil e tantas simbologias criadas e decifradas a longo prazo, Goya mais Steinberg, tudo isso, já sei — um desenho dele lembra-me um menino de muitas graças em passatempo de família, num trapézio colocado a metro e meio de altura sobre um tanque de mitroglicerina. O mais pequeno descuido pode ser a morte da família e a salvação do menino.

Quem vê os burgueses de cartola e de barbas honradas saídos da pena sábia de João Abel é tentado imediatamente a pensar numa crítica directa às glórias da caldeira a vapor, papéis do Estado a 3,5 por cento, bem-estar social repousado em valores assentes. Será um pouco isso e muito mais, parece-me. A descoberta seria directa e imediata em demasia para que pudesse justificar tamanha abundância de símbolos; o tecido dos figurinos seria excessivamente «um tecido» depois de desenhado com tantas fibras. Além de que poderia perguntar-se: crítica a que época? E a que país? Mais nada: se de crítica à burguesia se trata não é verdade que os antiburgueses de João Abel, os operários, por exemplo, aparecem limpos, instalados na «condição que lhes compete»? Ou tratar-se-á então de um elogio dos valores de um mundo em equilíbrio estável?

Não. Nem crítica pragmática aos contrastes do mundo, nem elegia de um mundo sem conflitos. As evidências de João Abel são terrivelmente mais profundas e universais. Uma colecção dos seus desenhos é um cadastro simbólico do homem de prestígios provincianos, abstractos, uma paisagem mítica que a moral doméstica desejaria contemplar na sala de estar depois do café e da segunda leitura do «Diário de Notícias». Desejaria — se não fosse um certo clima ameaçador que a envolve, um certo travo a brincadeira que pode sair cara. Porque quanto ao mais, tudo como deve ser: andalizes lineares, objectos que se percebem, sem fantasias de «modernices» (no dicionário caseiro), estruturas materiais impecáveis, operários a uma distância decente, burgueses no quadro próprio com o chefe patriarcalmente sentado e a respectiva esposa submissamente de pé... e a uma ponta, em primeiro plano, um cidadão do máximo respeito indicando com o ponteiro a base da harmonia em sociedade: as leis de Mendel, as virtudes dos cromossomas — numa palavra, a Razão de Sangue, a razão dos privilégios marciais.

Reconhece-se por consequência uma crítica de perspectiva ambiciosa ao universo conceptual do cidadão provinciano. Nem Eça, nem Pessoa, nem o próprio Ramalho denunciaram tão ousadamente como João Abel o anacronismo dessa organização mental. Nem conheço crítico ou estudioso que tivesse provado, como ele provou com as suas ilustrações para a Carta de Guia de Casados, a descabelada e patológica moral marialva do bem-falante D. Francisco Manuel de Melo, procurador encartado da ordem doméstica sob os signos machistas.

D. Francisco Manuel será um caso. Nele, o ilustrador está à vontade e mina pelo texto com a irreverência do homem de razão fria retalhando as superstições do provinciano temeroso. Mas noutros desenhos? No Retrato de Família, por exemplo, ou nas Meninas e o Dirigível, não é a mesma crítica anti-provinciana que dá o tom «abstracto», o anacronismo de João Abel?

Sem dúvida que sim. Olhamos: estamos diante de um mundo obsoleto, uma província de princípios rigorosos e ridículos. E rimo-nos, como Sasanova aos 51 anos diante do espelho. Mas o universo medieval está parado — na paz ruris; e tem sobre ele o espantoso grotesco da modernidade — um dirigível. As meninas de colégio, os burgueses honrados e os poetas tristemente sem idade encaram os céus com serena estranheza. Enquanto isso, ocidatão de 1960 sorri. Lembra-se evidentemente da actualidade dessas figuras, compara-as com o anacronismo simbólico da presença do dirigível. Depois imagina um satélite artificial, um foguetão que seja, no lugar do dirigível, e a paz provinciana estre-mece.

JOSE CARDOSO PIRES

Em Alverca, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência Fernanda Pinto O. Valada, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

FEIRA DAS VAIDADES

(Continuação da 17.ª página)

amigos, passou a ser considerado ponto morto. O que há de grave no contrato deste tipo é a conversão do autor em funcionário do editor. E, consequentemente, numa literatura que será, em breve, escrita, contabilidade. De início, o livro terá a mesma face e surgirá com o ritmo jovem de uma atmosfera frenética. Mas a lei da inércia exercerá a sua pressão e o ritmo passará a ser unicamente contratual, doloroso, obrigatório, insincero. Será, então, necessária a coragem para romper. Coragem muito menos fácil que parece, pela habitação, pela necessidade económica, pela identificação da periodicidade com qualidade e da recusa com o declínio.

O «pocket-book» tinha um destino definido: a democratização da cultura. Democratização da cultura que a merece. A política editorial de Poche é positiva: só os clássicos devem ser tornados economicamente acessíveis. Clássicos de ontem e de hoje, entenda-se, por uma escolha que deve ter absoluta seriedade. Também o «pocket-book» se converteu em alibi. A periodicidade paga-se. O livro não é fundo nem é extenso e tem um ritmo alvorçado e quase comprometido, envergonhado. O «pocket-book» e as possibilidades de comunicação são utilizados como justificação pelo autor. Por outro lado, a evolução das artes gráficas, o aparecimento dos técnicos, dos capistas, dos orientadores artísticos, a introdução das ilustrações, das vinhetas, a

redução da mancha de página, o aumento do tipo de letra, permitiram a diminuição do original. As cento e cinquenta páginas são um mínimo ultrapassado mas, de qualquer forma, podem corresponder a cem páginas dactilografadas. O «pocket-book» está, pois, ligado ao contrato como unidade literária e já não é necessariamente consequência de preguiça ou de um critério de encontro com a multidão.

Dentro da lógica que baseia o contrato entre o editor e o autor, o público surge como peça solta, desajustada e perigosa. A inevitabilidade do êxito leva o autor a minimizar o público e a ignorar as consequências de uma autonomia consciente e exigente. A inflação editorial pode conduzir ao rompimento de um equilíbrio vicioso e por a descoberto a tática de simulada atenção do público. Desprestigiada a cultura, da qual nos temos protegido aderindo, o público surgirá com uma força subitamente descomprimida, liberta do peso do recalcanço, em feroz «revanche». E aqui chegamos a uma possibilidade de evitar a fuga em massa do público. O alargamento do contrato ao editor. Editor e autor organizam as suas relações contractualmente mas o acordo com o público é tácito. O abandono por parte da plateia da conferência, da multidão da visita guiada e da assinatura do livro não achará qualquer travão. Não há uma testemunha, um papel, um cheque. Comparar um livro não cria obrigações e é até possível desistir da assinatura de uma obra em fascículos. Se a editora dirige o jogo, a sua força depende do sufrágio universal que é, neste caso, a compra. Daí, a necessidade de converter literatura em demagogia, através da publicidade. A editora funciona como partido e o autor actua como candidato. Se o público, esgotada a imaginação dos agentes de publicidade, atingido o ponto de saturação do sistema de literatura periódica, quiser retirar o seu apoio a toda a engrenagem, esta aluira.

Não é demasiado tarde. O público aceitará. Fazê-lo penetrar no contrato como terceira potência e ligá-lo indissolavelmente ao destino do editor e do autor. Trazê-lo ao nível de uma conferência tripartida e lisonjeá-lo sentando-o a uma mesa redonda. Exigir-lhe a fidelidade em troca de uma assinatura perpétua e hereditária. Criar-lhe a obrigação de manter contactos permanentes com o autor através da editora. Destruir a dúvida e organizar um conselho de leitura que se converta em seu guia espiritual. Dar-lhe assento na presidência das conferências, nas reuniões dos júris dos prémios, nas redacções das revistas de cultura, na gerência das editoras. Dar-lhe participação e algum lucro estimulante. Violentar a sua anuidade e impedir a sua cólera.

«Beethoven»

por Romain Rolland

Com a publicação do 7.º fascículo ficou concluído o primeiro volume da edição em português da obra admirável de Romain Rolland «Beethoven», grandes períodos criadores, promovido pelas Edições Cosmos, de Lisboa, e traduzida pelo maestro e escritor Fernando Lopes Graça. Com este fascículo conclui-se o capítulo consagrado ao espírito e à técnica musical de Beethoven, a que se segue a comovente história de Betina nas suas relações com Goethe e Beethoven e uma nota final do volume sobre a projecção musical e cívica da «Marselhesa» na Alemanha. A tradução de Lopes Graça, na sua forma calorosa e vibrante, é valorizada nesta edição excelente com anotações musicais e documentais, gravuras e ornamentação do texto. A edição é um empreendimento cultural que se destaca entre os mais interessantes e valiosos na actualidade do livro em Portugal.

uma obra «revolucionária»

NO FUNDO DESTE CANAL

de

ALFREDO MARGARIDO



editora ARCADIA limitada

Travessa de São Paulo, 7-3.º — Telef. 24205

Lisboa - 2

O Goncourt para Horia

(Continuação da 17.ª página)

Bauer, a luta travou-se entre Thomas (agora galardoado com o Prémio Medicis) e Horia.

o autor

Ventilia Horia nasceu em Bucaresta em 1915. Nesta cidade licenciou-se em Direito. Muito jovem, afirmou-se como um dos mais significativos poetas da sua geração. Colaborou na revista «Gândirea», dirigida pelo filósofo e doutrinário nacionalista Nichifor Crainic. Dirigiu a revista de poesia «Mesterne Manole». Em 1940 foi nomeado adido de Imprensa da embaixada romena em Roma. Mais tarde, o Governo Antonescu, colocou-o em Viena, no mesmo cargo. Os nazis prenderam-no. Horia esteve em vários campos de concentração. Libertado, estabeleceu-se em Florença. Em 1949, emigrou para a Argentina, após o que, estabeleceu

LE SIGNE
VENTILIA HORIA
DIEU
EST NÉ EN EXIL
ROMAN
/PRÉFACE DE
DANIEL ROFS
EN QUATRE PARTIES
EDITIONS ARCADE PAYOT

O autor distinguido com o Goncourt em Espanha, em 1953. Viveu em Madrid, na calle Instrucción, até há cerca de quatro meses, com uma bolsa de estudo do Instituto de Estudos Hispánicos. Em Espanha, publicou «La presencia del mito» e «Antología de la poesía italiana» e colaborou regularmente nas revistas literárias «Índices», «Punta Europa», «Estafeta Literaria» e «Cadenas Hispano-Americanas», no semanário «Mundo», onde publicou crónicas de política internacional, e no Rádio Nacional. É autor de vários livros de versos em língua romena como «Jurnal de Copilarie» (Diário da adolescência).

Jorge Amado por ele próprio

(Continuação da 17.ª página)

ganhei dinheiro. Mas durante muito tempo levei vida modesta.

Se me pedissem um conselho para os jovens, eu diria que se profissionalizassem ou que, ao menos, se mantivessem em empregos correlatos à literatura, como o jornalismo, por exemplo. Quando falo em «concentração no trabalho», não quero me referir apenas ao acto de criar. O problema do livro, no Brasil, é primeiramente editorial. E o escritor precisa compreendê-lo, participar dele, defender-se no plano comercial. Isso é aborrecido, por certo, mas faz parte da nossa profissão.

Aqui no Rio — continua — faz-se mais vida literária do que literatura. Isso não é muito mau, porque não engana o público. Só engana os escritores cuja fama repousa nessas reuniões entre amigos, onde todo mundo é simpático, onde se satisfaz a vaidade do autor, cuja obra vende quase nada nas livrarias. É verdade que essa rotina talvez confunda os jovens. Eles podem pensar que literatura é vida literária. Mas logo aprendem, ou se não aprendem é porque não dão mesmo para outra coisa.

Não, não, a crítica não me ofende. Quando é um ataque pessoal nem leio até ao fim. Quando se trata de um trabalho sério, pró ou contra, examino atentamente o que o crítico tem a dizer, perguntando a mim mesmo onde ele acertou, onde ele errou, onde eu acertei, onde eu errei. Quando se trata de um desses elogios que não querem dizer nada, também não leio. Agradeço — mal é que não me faz — mas não leio. Sou o que sou e não posso ser outra coisa.

ESCAPARATE

(De 22 a 29 de Novembro)

Título — «Jornal» — Obras completas de Oliveira Martins.
Gênero — Documentos.
Editora — Guimarães.
Preço — 35\$00.
Número de páginas — 245.

Título — «Um retrato da vida».
Autor — Hernani Anjos.
Gênero — Romancinho.
Editora — Minerva.
Preço — 25\$00.
Número de páginas — 264.

Título — «No fundo deste canal».
Autor — Alfredo Margarido.
Capa — Vitor Palla.
Gênero — Romance.
Editora — Arcádia.
Colecção — «Autores Portugueses».
Preço — 25\$00.
Número de páginas — 265.

Título — «Abandono vigiado».
Autor — Alexandre O'Neill.
Gênero — Poesia.
Editora — Guimarães.
Colecção — «Poesia e Verdade».
Preço — 30\$00.
Número de páginas — 110.

Título — «Um homem na América».
Autor — Andre Gay.
Tradução — Daniel Gonçalves.
Prefácio — Armando Ventura Ferreira.
Gênero — Romance.
Editora — Arcádia.
Preço — 35\$00.
Número de páginas — 271.

Título — «Ensaio sobre o Homem».
Autor — Ernst Cassirer.
Gênero — Filosofia.
Editora — Guimarães.
Colecção — «Filosofia e Ensino».
Preço — 30\$00.
Número de páginas — 380.

Título — «O som e a fúria».
Autor — William Faulkner.
Tradução — Mário Henrique Leiria e Santos Carvalho.
Prefácio — Luís de Sousa Rebelo.
Gênero — Romance.
Editora — Portugal.
Colecção — «Romances Universais».
Preço — 40\$00.
Número de páginas — 297.

Título — «Cheri».
Autor — Colette.
Tradução — José Saramago.
Gênero — Romance.
Editora — Estudos Cor.
Preço — 25\$00.
Número de páginas — 217.

Título — «Do Correio».
Autor — Gottfried Keller.
Tradução — Prof. Gustavo Cordeiro Ramos.
Gênero — Novela.
Editora — Guimarães.
Preço — 15\$00.
Número de páginas — 89.

Título — «A Fera tem de morrer».
Autor — Nicholas Blake.
Tradução — Lima da Costa.
Gênero — romance policial.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — «Vampiro».
Número de páginas — 236.
Preço — 12\$50.

Título — «Maravilhas da Biologia».
Autores — Benedict-Knox-Stone.
Tradução — Elias Davidovich.
Revisão — José Marinho e Alberto Candeias.
Gênero — Biologia.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — «Vida e Cultura».
Número de páginas — 545.
Preço — 75\$00.

A montra e os livros

- Aparecerá ainda antes do Natal a tradução portuguesa de «EXODUS», o romance de Léon Uri que nos Estados Unidos bateu todos os «best-sellers».
- O romance «A Sentinela Inútil», de René Hardy, será publicado na grande colecção de romances de Publicações Europa-América.
- Está alcançando grande êxito a tradução portuguesa de «Desenraizados», livro que a crítica considera o melhor romance de Erich-Maria Remarque.